



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Bruna Letícia de Borba

Práticas corporais de mulheres em revista:
representações de saúde e beleza no Jornal Moças (1940 e 1950)

Florianópolis

2022

Bruna Letícia de Borba

Práticas corporais de mulheres em revista:
representações de saúde e beleza no Jornal Moças (1940 e 1950)

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestra em Educação Física.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Carolina Fernandes da Silva

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

de Borba, Bruna Leticia

Práticas corporais de mulheres em revista :
representações de saúde e beleza no Jornal Moças (décadas de
1940 e 1950) / Bruna Leticia de Borba ; orientadora,
Carolina Fernandes da Silva, 2022.
110 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Práticas Corporais. 3. Saúde das
Mulheres . 4. Padrões Corporais . 5. Beleza. I. da Silva,
Carolina Fernandes . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III.
Título.

Bruna Letícia de Borba

Práticas corporais de mulheres em revista:

representações de saúde e beleza no Jornal Moças (décadas de 1940 e 1950)

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Instituição

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Joana Maria Pedro

Instituição

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a). Dr.(a) Carolina Fernandes da Silva
Orientador(a)

Florianópolis, 2022.

Dedico esta dissertação para as mulheres da minha família,
minha história faz parte da nossa história.

AGRADECIMENTOS

Sempre gosto de iniciar meus agradecimentos pelos espaços de ensino ao qual eu passei e que fizeram parte da minha formação. Tenho orgulho em dizer que todo meu processo de ensino/aprendizado foi feito em espaços de instituições públicas: Escolas Municipais e Estaduais no Ensino Fundamental, Instituto Federal Catarinense Campus Camboriú no Ensino Médio, Universidade Federal de Santa Catarina na Graduação e hoje, em um Programa de Pós-Graduação de Excelência na Universidade Federal de Santa Catarina. Tenho orgulho em dizer que o investimento público em educação foi essencial para garantir qualidade a minha formação.

A todos os professores destes espaços percorridos, o meu maior e mais sincero, muito obrigada por todo conhecimento compartilhado.

Em especial, a minha orientadora, Carolina Fernandes da Silva. A tua sensibilidade unida à determinação tornou o processo possível. Obrigada por orientar e estar ao meu lado movendo todos os recursos por este caminho acadêmico com tanta dedicação. O teu “ser professora” foi fundamental para que eu chegar até aqui. Obrigada pelas inúmeras ligações, por toda palavra de motivação e paciência no decorrer destes anos. O teu lecionar terá sempre a minha admiração.

Ao Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento-, especialmente aos meus colegas e amigos que dividem comigo tantas aprendizagens em meio a cafés, risadas e ligações de vídeo durante a pandemia. O nosso apoio e confiança em grupo foi essencial.

À minha banca de Qualificação de Projeto de Dissertação, Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo e Profa. Dra. Raquel Barros. As orientações foram primordiais para a execução deste estudo, obrigada pela generosidade nas trocas.

À Coordenadora de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro por meio de bolsa de mestrado, o qual tornou possível a conclusão deste estudo.

Agradeço também ao aceite da Banca de Defesa desta dissertação. São professoras que admiro muito, sendo referências nacionais e internacionais como pesquisadoras em suas áreas de atuações. É uma honra tê-las compondo a minha banca Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo e a Profa. Dra. Joana Maria Pedro.

Aos professores(as), servidores e colegas do Programa de Pós Graduação em Educação Física (PPGEF/CDS/UFSC).

Agradeço também às minhas amigas e amigos, às colegas de apartamento, aos que estão diariamente comigo, compartilhando sorrisos e choros. Vocês fazem parte deste momento e tornaram tudo mais leve.

A minha família, por estarem sempre dispostos a me ajudar, por me motivarem, cada um ao seu modo, a seguir em frente. Ao meu pai, meu tio, minhas irmãs e minha vó, gratidão pelas raízes. Eu sei para onde vou, porque sei muito bem de onde eu vim.

Em especial a minha mãe, que sempre sonhou comigo. E sonho que se sonha junto é realização. Obrigada por todas as vezes que me apoiou. Com você aprendi que minha cabeça é o meu guia, mas que meu coração é meu lar.

Há flores e sombras em todas as estradas. Há música em todas as veredas. Não há, minhas queridas filhas, as mais das vezes, é sensibilidade, para percebê-las.

Antonieta de Barros

RESUMO

O presente estudo visa compreender como práticas corporais para mulheres geram representações de saúde em reportagens do Jornal das Moças, no período entre as décadas de 1940 e 1950. Para tanto, foram utilizadas fontes documentais, reportagens encontradas em uma revista feminina do período demarcado, o Jornal das Moças (JM), as quais foram coletadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. O universo das práticas corporais encontradas no JM foi fundamentado principalmente no discurso higienista e eugenista, de cunho biológico e médico. Quando estas práticas eram realizadas por mulheres, deveriam atender a uma série de restrições, que visavam preservar a saúde. Entretanto, estas reservas eram envoltas por princípios socioculturais limitados aos conceitos de feminilidades do período. Já as práticas corporais saudáveis, indicadas sem ressalvas para as mulheres, eram também práticas de uma classe social privilegiada, vistas como um costume moderno, estabelecendo instâncias de poder e desigualdade social no Brasil. Observamos também que a beleza física servia como uma expressão da saúde das mulheres, que por sua vez possuía elementos de um padrão ideal que deveria seguir as normas de um corpo magro, branco, esbelto, cintura fina, busto bem marcado, mas sem músculos em excesso. Ademais, a diferenciação bem determinada entre as práticas indicadas e as não indicadas para as mulheres não só correspondia a representações sociais específicas, como também pretendiam suprimir e reforçar as representações de feminilidades e masculinidades. Estas representações de corpo saudável e práticas corporais são símbolos políticos de poder e supremacia das altas classes sociais e da branquitude brasileira. Com isso, o que observamos nos impressos apresentados vai muito além de conselhos sobre como alcançar um corpo belo e/ou saudável, mas sim sobre vestígios de distanciamentos e aproximações de desigualdades sociais desenvolvidas a partir de representações de saúde, as quais tornaram-se bens a serem consumidos e que todos deveriam desejar.

Palavras-chave: Práticas Corporais; Saúde das Mulheres; Padrões Corporais; Beleza.

ABSTRACT

The present study aims to understand how body practices for women generate health representations in reports from *Jornal das Moças*, in the period between the 1940s and 1950s. *Jornal das Moças* (JM), which were collected in the Digital Newspaper Library of the National Library of Brazil. The universe of bodily practices found in JM was mainly based on the hygienist and eugenicist discourse, of a biological and medical nature. When these practices were performed by women, they had to comply with a series of restrictions, aimed at preserving health. However, these reservations were surrounded by sociocultural principles limited to the concepts of femininity of the period. Healthy bodily practices, indicated without reservations for women, were also practices of a privileged social class, seen as a modern custom, establishing instances of power and social inequality in Brazil. We also observed that physical beauty served as an expression of women's health, which in turn had elements of an ideal standard that should follow the rules of a thin, white, slender body, thin waist, well-defined bust, but without muscles in excess. Furthermore, the well-defined differentiation between recommended and non-indicated practices for women not only corresponded to specific social representations, but also intended to suppress and reinforce representations of femininity and masculinity. These representations of a healthy body and bodily practices are political symbols of power and supremacy of high social classes and Brazilian whiteness. With that, what we observe in the presented forms goes far beyond advice on how to achieve a beautiful and/or healthy body, but rather about traces of distances and approximations of social inequalities developed from health representations, which have become goods. to be consumed and that everyone should want.

Keywords: Body Practice; Women's Health; Body Patterns; Beauty.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Organograma das “Escritas de si” em ordem cronológica de aparições presentes no Jornal das Moças.	31
Imagem 2 - Primeira fotografia publicada do fundador	32
Imagem 3 - Primeira aparição do nome do fundador no Expediente	34
Imagem 4 - Aniversário de quatro anos da revista.	35
Imagem 5 – Homenagem para Álvaro Menezes na Revista	37
Imagem 6 - Primeira aparição de Álvaro Menezes como Diretor-Responsável e Agostinho Menezes como “fundador” no Expediente da Revista	41
Imagem 7 - Revistas femininas Marie France e Jornal das Moças	54
Imagem 8 - “Uma beleza fresca e Juvenil”	59
Imagem 9 - “Espreguice-se como um felino...”	60
Imagem 10 - “Útil o controle médico esportivo extra-escolar”	64
Imagem 11 - A.B.C da Beleza	73
Imagem 12 - Ilustração presente na reportagem “A.B.C da beleza”	75
Imagem 13 - “Para serdes feliz vivei como sois”	79
Imagem 14 - “Para ser formosa”	84
Imagem 15 - “A beleza e a moda”	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Número de reportagens com o termo “saúde” no Jornal das Moças	43
Quadro 2 - Práticas corporais definidas	45
Quadro 3 - Práticas corporais generalistas	45
Quadro 4 - Cruzamento e Organização das fontes	46

SUMÁRIO

PREFÁCIO	14
1. INTRODUÇÃO	17
2.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS.....	21
2.1 Referencial Teórico para os caminhos metodológicos	24
a) Fontes Impressas	24
b) Revistas Femininas e a Imprensa Feminina	25
c) A revista Jornal das Moças.....	30
2.2 Caminhos Metodológicos	41
3. VAMOS EDUCÁ-LAS PARA A SAÚDE!/: AS PRÁTICAS CORPORAIS PERMITIDAS E AS PROIBIDAS PARA AS MULHERES EM 1940 E 1950.	46
3.1 Especialmente para Saúde: as práticas corporais que eram indicadas e recomendadas para as mulheres no Jornal das Moças	52
4. “SÓ É BELLA DE FACTO A MULHER QUE TEM SAÚDE”: AS REPRESENTAÇÕES DE SAÚDE DAS MULHERES EM 1940 E 1950.	65
4.1 A revista dita a imagem da Saúde no Corpo: “considere sua beleza externa como expressão da saúde”.....	67
4.2 “O Corpo Belo é saudável”: os padrões estéticos construídos	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS	97

PREFÁCIO

Minha experiência no campo da educação física se inicia há cerca de 16 anos atrás quando comecei minha trajetória na dança, ao qual atuo como professora até hoje. Neste meio, convivi com muitas mulheres e com a subjugação do corpo. Desde este período me perguntava como o talento de uma bailarina poderia ser definido pelo formato e os números do seu corpo? Quem definia estes métodos de seleção? Acreditando no movimento da dança como uma expressão de estar e sentir o mundo pelo corpo, compreendo hoje que a mesma não pode estar a serviço da técnica, mas é a técnica que precisa estar a serviço da dança.

O mesmo atribuí para os meus estudos durante meu percurso acadêmico. Trilhando um caminho estreito com os estudos sobre as concepções de corpo das mulheres, compreendendo-os pelo viés sócio-histórico-cultural, busquei obter lentes que olhassem para além dos conceitos compreendidos pelo senso comum da nossa sociedade. Foi entrando na graduação em Educação Física, quando me inseri em um grupo de pesquisa - o Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento -, que encontrei os estudos da História Cultural, teoria que me possibilitou um caminho de investigação para as perguntas que me fazia desde minha infância.

Contudo, escolher revistas femininas como fontes históricas é relevante para este movimento de compreender diversificados aspectos da vida social, do mundo político ou da cultura, mais especificamente, explorá-lo como fonte para estudos de gênero. Mas a minha relação como leitora de revistas se dá muito antes. Minha mãe trabalhou cerca de 20 anos em revistarias. Cresci com ela trazendo-me revistas femininas para eu ler, como a Capricho, Atrevida, Atrevidinha, entre outras. Rememorando este lugar, compreendi minha relação prazerosa em estudar revistas femininas, lembro-me de passar horas no estoque da revistaria lendo e viajando por aquele universo “feminino”, aceitando aquele universo como realidade.

Assim, de certa maneira, o tema e a principal fonte de investigação deste projeto de dissertação estavam atrelados à minha história pessoal, possibilitando reflexões subjetivas para a elaboração deste estudo. A escolha do tema se desenha em quatro pilares principais: corpo, saúde das mulheres, história e práticas corporais. Tal seleção foi construída através de tramas que envolvem minha experiência vivida dentro e fora da minha formação acadêmica.

Penso que estudar o que nos traz sentido e significado é a chave para um relacionamento científico duradouro com os objetos de estudo. Minhas escolhas até aqui

possuem relações diretas com minhas escolhas cotidianas, e caminham lado a lado da construção do meu eu e da minha formação como pessoa/professora, compreendendo esta formação como uma experiência de vida. Conforme Pesavento (2007), as sensibilidades não desabrocham do racional, das construções mentais elaboradas ou do conhecimento científico. Ela se traduz na reação quase imediata dos sentidos por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade, podendo ser traduzida pelas sensações e emoções.

Envolvida pelas palavras de Sandra Pesavento e pela elaboração desta dissertação, senti a necessidade de ter a experiência vivida de folhear as páginas da revista *Jornal das Moças* que tanto me familiarizei, tanto escrevo, tanto analiso e investigo. Apesar de já folheá-la através do acervo digital da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira, eu queria me aproximar do que as leitoras sentiam ao vê-las, mesmo sabendo que jamais estaria naquele momento passado.

Fiz uma busca rápida via internet e consegui comprar dois exemplares físicos do *Jornal das Moças* (JM). Não tinha a intenção de analisar as revistas obtidas, não escolhi por edição ou por reportagem específica, o meu único critério era o recorte temporal desta dissertação. E assim foi, consegui exemplares completos de 1951 e de 1953. Esperei ansiosa pela chegada das minhas “moças” - como carinhosamente às denomino -, as quais demoraram em média uma semana para chegar.

Quando as tive em mãos, respirei fundo, emocionada, e me concentrei para aquela viagem no tempo que estava embarcando. Assim, busquei despir-me das minhas vestes de realidade do presente, e tentei sentir as sensações do terceiro tempo já mencionado pela Pesavento (2007), que criamos quando estudamos outros períodos. Senti o cheiro das folhas antigas e namorei as capas de mulheres posando com seus belos vestidos em paisagens agradáveis. Senti o material impresso de sete décadas atrás, compreendendo o que Buitoni (2009) e Almeida (2008) nos explicam sobre o JM possuir material de jornal, mas o seu conteúdo ser de revista. Pude perceber que as páginas do JM são diferentes do que conhecemos como as páginas de jornais impressos que temos no presente, são páginas delicadas, finas, e lisas.

Comecei então a leitura sem uma análise aparente, queria me colocar como leitora e não como pesquisadora nesse momento. Foi uma viagem especial, que como bem o conceito de sensibilidade nos diz, se traduziu pelo meu corpo as sensações de me tornar, agora, uma das leitoras do *Jornal das Moças*, pois “toda a sensação é capacidade de conhecer por meio do

corpo. Graças a esta forma de conhecimento, a alma é capaz de conhecer" (PESAVENTO, 2007, p.11).

Conforme nos elucida Marialva Barbosa (2010), o passado é sempre um país estrangeiro. Coloquei-me nestas terras desconhecidas e observei as ambiências daquele país distante. Em seguida, registrei o momento, e as guardei novamente no pacote em que as recebi.

Mesmo partindo do pressuposto de que sempre será produzida uma interpretação repleta de significados construídos a partir do presente e das subjetividades do pesquisador, este empenho da História Cultural em resgatar estas tais sensibilidades do passado, através das marcas que deixaram nos materiais de arquivo, podem ser aplicados cientificamente em pesquisas, desde que iluminados por uma pergunta ou questão, juntamente de uma metodologia estruturada (PESAVENTO, 2007). A experiência vivida de ler uma revista do JM foi um dos pilares essenciais para a estruturação deste estudo, que é formado pela minha tentativa de colocar em minha escrita as interpretações e análises a partir de leituras e experiências da vida.

1. INTRODUÇÃO

Na construção desse estudo, produzimos uma narrativa histórica que procura dar inteligibilidade a temas complexos: a saúde das mulheres e práticas corporais. Estas foram representadas de maneiras diferentes em diferentes tempos e espaços, de forma variada para homens e mulheres, que, no mesmo passo que representa, produz representações culturais de uma identidade. Isto porque, em cada período histórico, os indivíduos construíram diferentes significados para a elaboração de suas realidades, e são estas significâncias atribuídas a estes temas ao qual iremos nos aprofundar (PESAVENTO, 2008). Deste modo, este estudo traçou caminhos em busca de vestígios das representações de saúde das mulheres que são geradas por meio das práticas corporais do período de 1940 e 1950 no Brasil.

Estes traços do passado foram analisados através de fontes documentais, encontradas em uma revista feminina do período demarcado. Deste modo, por dialogarem com a sua época, os documentos impressos nos permitem uma aproximação deste outro tempo. Segundo Luca (2016), os indícios das alterações em termos de valores, padrões e comportamentos sócio-histórico-culturais construídos podem ser revelados por meio da imprensa feminina¹. Pois, a mesma expressou, desde o século XIX, alterações que evidenciam os diferentes lugares e funções sociais determinadas às mulheres. Em vista disso, para nosso estudo, optamos por uma revista feminina chamada *Jornal das Moças*, que teve seu início de publicações em 1914, e se manteve no mercado até a década de 1960, cerca de 50 anos ininterruptos.

Contudo, as práticas corporais² do século XX eram fundamentadas principalmente no discurso higienista e eugenista, de cunho biológico médico, que nasce com o liberalismo, chegando no Brasil no fim do século XIX e início do século XX³. Quando estas eram

¹ “A imprensa feminina particulariza-se por dirigir-se *para* o público feminino, ainda que nem sempre tenha sido produzida por mulheres, volta-se para grupos de mulheres que possuem práticas, hábitos e costumes em comum. Trata-se de um tipo de produção jornalística que não é movida pela necessidade de registrar o fato novidadeiro do dia anterior, pelo contrário, orbita em torno de temas mais perenes” (LUCA, 2016, p.448).

² Em síntese, termos como “exercícios físicos”, “esporte”, “atividade física” - entre outros - tratam-se de nomenclaturas advindas de concepções e conhecimentos em relação à área da Educação Física. No entanto, para este estudo, é utilizado o termo práticas corporais, pois, segundo Ari Lazzarotti Filho et al. (2010), utilizar o termo “práticas corporais” em pesquisas que desenvolvem seus temas no campo da Educação Física, a partir das perspectivas das humanidades, permite mais coesão em termo de conceituação.

³O movimento higienista se apresenta por uma proposta positivista, particularmente sua expressão no âmbito das campanhas sanitárias. O brasileiro se tornaria mais saudável ao aprender os novos hábitos higiênicos indicados pelos cientistas-médicos, criando, assim, um sentimento comum de nacionalidade. Visando tal formação, a Educação Física era considerada importante na busca da aquisição e manutenção da saúde individual por meio

realizadas por mulheres, deveriam atender a uma série de restrições, que visavam preservar a saúde. Entretanto, estas reservas eram envoltas por princípios que foram limitados aos conceitos de feminilidades⁴ atribuídos a elas. Estudos nessa esfera mostram que é possível observar e compreender como se construiu essas concepções de gênero e as representações de feminilidades por meio da análise da corporeidade e saúde das mulheres (PINSKY, 2014, GÓIS JUNIOR, 2008).

Destaca-se, ainda, que este estudo utiliza do termo “práticas corporais”⁵, que em outros períodos eram representadas por diversos termos e conceitos. A revista JM utiliza-se frequentemente dos termos como exercícios, atividades físicas, cultura física, ginásticas, esportes, entre outros⁶. A nossa escolha como análise se deu, principalmente, pois o referido termo tem sido ocupado por grupos de pesquisas, coletivos de estudos, autores e autoras do campo da Educação Física com a intenção de marcar um posicionamento científico-político, que se distancie - e por vezes incorpore – das noções de cunho biologicista da atividade física e/ou do exercício físico. Por fim, assumir o termo práticas corporais, é um modo de compreender as produções históricas-socioculturais, que implica considerar que as coisas, os fatos, os fenômenos, os acontecimentos são constituídos em seus sentidos e significados através da produção de cultura do corpo em movimento. Diante disso, buscou-se desenvolver este destaque introdutório sobre o termo práticas corporais, que é difundido e utilizado em diversos estudos de forma generalista, podendo assim ocasionar inúmeras interpretações sobre sua discussão, sobretudo num campo de conhecimento que tem o corpo e o movimento como objeto de estudo (MANSKE, 2022).

da disciplinarização de hábitos, sendo praticada com viés militarista, mais precisamente durante o período do governo de Getúlio Vargas entre 1937 à 1945 (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1989).

⁴ Dentre os temas que atravessam este estudo, as questões de gênero perpassam pela compreensão dos papéis e simbolismos dos conceitos de masculinidades e feminilidades que estão presentes na revista, uma vez que, segundo Scott (1995), o termo "gênero" pode ser uma forma de indicar as construções culturais das identidades sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

⁵ O Ministério da Saúde, através do Glossário Temático Promoção da Saúde (BRASIL, 2012, p. 28), define as práticas corporais como “expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindo do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático ou não sistemático, tais como as recreativas, esportivas, culturais e cotidianas”. Para este estudo, este conceito se apresenta como exemplo de práticas que podem emergir da análise do JM e que geram representações de saúde.

⁶ Este é um exemplo das mudanças que ocorrem durante o tempo em relação às linguagens. É um fenômeno que constrói-se através das próprias mudanças em sociedade, pois a linguagem enquanto meio de produção de significados produzidos pelas pessoas, não são fixadas, esgotadas e finalizadas. Há sempre uma falta, uma incompletude, uma brecha, uma fenda que se abre ininterruptamente nas relações de produção de sentido das coisas.

Todavia, as mulheres são agentes históricos, sujeitas de suas próprias representações, (PERROT, 1995). Para as autoras Joana Pedro e Rachel Soihet (2007), dentre as tentativas de se incluir as mulheres na Grande História, foi por meio da Segunda Onda do Movimento Feminista, que surge uma nova categoria de análise, denominado: Estudos de Gênero. Este conceito aparece inicialmente nos Estados Unidos: “foi também entre as historiadoras que estavam escrevendo sobre história das mulheres que a categoria de análise ‘gênero’ passou a ser utilizada” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 85).

Para Pinsky (2014), os estudos de gênero e a construção de imagens do que é “ser feminina” aparece em diferentes espaços e tempos, sob diferentes formas, estratégias e discursos. Nesse âmbito mostra-se que é possível observar uma grande proximidade entre a saúde com a construção de uma representação de feminilidade. Contudo, os limites da masculinidade e da feminilidade reservam quase sempre diferenciações dicotômicas, que podem estar presentes inclusive nas práticas corporais.

De acordo com Queiroz et al. (2016), precisamos partir da premissa de que, antes de tudo, o corpo é o sujeito da cultura. Isto é, o corpo não deve ser tomado como objeto, mas como a base existencial. É por meio deste veículo que experimentamos e nos tornamos humanos em múltiplas possibilidades. Trata-se, de um corpo fenomênico, de um corpo que percebe e expressa em si mesmo um conjunto de sentidos e significados. Entretanto, são as narrativas que materializam o tempo e a história de um corpo. É através delas que nossas vidas são contadas, mantendo-se vivas e palpáveis no presente.

Em vista disso, compreende-se que a análise documental em revistas femininas pode fazer emergir elementos importantes para a investigação da arquitetura de elementos que abarcam os conceitos de saúde das mulheres. Assim, este estudo busca desenvolver novos conhecimentos com o seguinte problema de pesquisa: compreender como as práticas corporais para mulheres geram representações de saúde em reportagens do *Jornal das Moças*, no período entre as décadas de 1940 e 1950?

Diferentes estudos utilizaram-se da revista *Jornal das Moças* como fonte, no entanto, tratam de uma narrativa que flui em torno das representações das mulheres em variados temas, contextos e metodologias, como política, educação infantil, educação e funções sociais, análise discursiva, imprensa feminina, sexualidade, deveres maternalistas, futebol e ginástica (SILVA ET AL., 2021; SIQUEIRA ET AL., 2021; MACHADO, GONÇALVES, 2021; DALLAGNOL, 2019; BATISTA, 2019; MELO, 2019; FRANCISCO ET AL., 2019;

MACHADO, 2018; SOARES, 2018; BARROS, 2017; ALBUQUERQUE, 2016; HEINE, 2015; ROVERI, 2014; PEREIRA, 2013; SANTOS, 2011; ALMEIDA, 2008). Devido à importância desta revista no cenário brasileiro, compreende-se a utilização dessa fonte como material empírico de diversas pesquisas historiográficas. Todavia, não foram encontrados estudos sobre saúde do corpo das mulheres relacionada com práticas corporais, tema eleito para este estudo. Analisar tais relações possibilita aprofundar o conhecimento em torno das realidades das mulheres na conjuntura brasileira, assumindo a possibilidade de buscar novos olhares sobre os conceitos de saúde e corpo, abrindo-se para reflexões acerca de como concepções culturais de outro período são as bases das construções dos padrões e valores presentes no nosso contemporâneo.

No esforço de analisar e responder esta problemática do ponto de vista crítico, é necessário possuir uma metodologia estruturada, sistematizada e minuciosamente rigorosa (MOTTA, 2013; BARROS, 2019). Desta forma, este movimento será orientado pelos pressupostos da História Cultural, buscando sinalizar em que contexto tais reportagens se encontravam, identificando também elementos para compreender em quais condições e em qual cenário determinado documento foi redigido, por quem, para quem e como se constituiu determinada narrativa.

Para tanto, foram elaborados objetivos específicos que ajudaram a levantar os resultados desta pesquisa, tais como a) Identificar em que contexto as publicações sobre práticas corporais e saúde foram desenvolvidas no JM no período entre as décadas de 1940 e 1950; b) Discutir quais os argumentos utilizados para a construção das aproximações entre práticas corporais e saúde das mulheres entre as décadas de 1940 e 1950; c) Compreender como a revista construiu representações de um “corpo saudável” por meio das práticas corporais no período entre as décadas de 1940 e 1950.

Todavia, para desempenhar a tarefa de responder tais questões, separamos nossa análise de resultados em dois capítulos e as considerações finais do estudo. O primeiro capítulo dos resultados tem como título “‘Vamos educá-las para a saúde!’: as práticas corporais permitidas e proibidas para as mulheres”, ao qual abrangemos o subcapítulo intitulado “Especialmente para a saúde: as práticas corporais que eram indicadas e recomendadas para as mulheres”, onde apresentamos e catalogamos as práticas corporais que aparecem nas reportagens como geradoras de saúde e todo o envolvimento de sua representação cultural e social, que as levaram para esta definição.

Já o segundo capítulo dos resultados “Só é bella de facto a mulher que tem saúde”: as representações de Saúde das Mulheres em 1940 e 1950.”, buscou-se aprofundar nas concepções de saúde da/para mulheres que emergem das fontes. Com isso, foram construídos três subcapítulos, o primeiro “A revista dita a imagem da saúde no corpo: “considere sua beleza externa como expressão da saúde” ao qual introduzia-se ao universo que conduz as discussões do que é considerado bonito/belo para a revista e as associações entre saúde e beleza. Em seguida, adentramos aos conceitos de ““O Corpo Belo é saudável”: os padrões estéticos construídos” do segundo subcapítulo, que esclarece como os corpos das mulheres são associados a padrões corporais estabelecidos e construídos socialmente. E por fim, “Paradigmas da Magreza: concepções e sentidos atribuídos aos modelos de corpos saudáveis construídos”, ao qual se refere à uma extensão e aprofundamento da recorrente ideia do corpo magro como sinônimo de saúde e beleza das mulheres apresentada nas reportagens. Após essa breve introdução iremos nos debruçar agora aos caminhos percorridos por este estudo por meio de seus fundamentos teóricos-metodológicos.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, são delineados os referenciais teórico-metodológicos que orientaram este estudo, nos procedimentos de coleta e análise das informações, com o fim de contemplar o problema de pesquisa proposto. É por meio da escolha de lentes teóricas e metodológicas que conseguimos nos debruçar e refletir acerca do que as fontes expressam.

Neste caso, optou-se pela História Cultural. Na história, portanto, “não se deduz uma interpretação única: mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações” (JENKINS, 2004, p. 35). Dentre as muitas concepções da própria “cultura”, Roger Chartier (2010, p. 16), diz que, são “produções simbólicas e as experiências estéticas subtraídas às urgências do cotidiano, com as linguagens, os rituais e as condutas, graças aos quais uma comunidade vive e reflete sua relação ao mundo, aos outros e a si mesma”. Ou seja, a cultura se constrói por um sistema de símbolos e representações, que são carregados de valores que orientam as relações dos sujeitos consigo e com o mundo. O conceito de representação é a

chave mestra dos pressupostos operados pela História Cultural. Por meio de representações que produzimos e reproduzimos, que construímos a nossa realidade (PESAVENTO, 2004).

A teoria da História Cultural surge na área da Educação Física através da valorização da cultura como objeto de estudos nas Ciências Humanas e Sociais produzidos neste campo de produção do conhecimento. O pesquisador desta teoria busca por vestígios da produção destes sentidos e significações construídos pela cultura humana, observando suas escritas do passado através destes documentos de narrativas produzidas em outro tempo histórico. Nessa perspectiva, conforme Jenkins (2004) ilustra, a história se constitui como parte integrante dos discursos acerca do mundo, cujo objeto de investigação é o passado.

A matriz teórica desta vertente visa desalinhar e alinhar artesanalmente os fios que constituem uma grelha de cruzamentos de informações. Deste modo, através das fontes temos a possibilidade de refazer o caminho perpassado por estes homens e mulheres de outro tempo. Contudo, ao reconfigurar um acontecimento histórico, é criado um terceiro tempo pelo pesquisador(a). Sendo ele, nem passado nem presente, mas a perspectiva de um ponto onde conseguimos observar através dos vestígios encontrados nas fontes as diversas lentes encontradas nas narrativas daquele mesmo acontecimento (PESAVENTO, 2008).

De acordo com Chartier (2000, p. 16-17), a História Cultural “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Dessa forma, esta teoria tem como proposta decifrar a verossimilhança de um passado através de suas representações, da construção do real e da multiplicidade de discursos. Esta operação historiográfica visa, através do material coletado, analisado e interpretado, produzir uma “leitura do tempo” (PESAVENTO, 2004).

Para realizar esta tarefa, nos apropriamos dos escritos sobre paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg (1989). Neste método o pesquisador é comparado a um detetive, pois, busca minuciosamente os detalhes. Observa e interpreta além do que está em primeiro plano. De modo semelhante, Pesavento (2008) menciona que é preciso recolher os traços e registros do passado, e realizar com eles um trabalho de construção. Assim, a análise das fontes documentais parte do pressuposto que nenhum documento é neutro, visto que sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu. Em resumo, alguns questionamentos serão levantados sobre as fontes utilizadas na pesquisa, tais como em quais

condições e em qual contexto determinado documento foi redigido, por quem, para quem e como se construiu historicamente (PIMENTEL, 2001; BACELLAR, 2008).

Para Day e Vamplew (2015), a própria História tem muito a oferecer à História do Esporte - subdisciplina que abarca as práticas corporais -, sendo comum entre os historiadores fazer uso de arquivos escritos para construir e reconstruir os significados destas práticas na sociedade em geral. Sendo assim, as alterações culturais ao longo do tempo são responsáveis por promoverem mudanças nas experiências cotidianas ao qual os sentidos são reconfigurados permitindo novas simbologias a seu respeito. Em vista disso, compreendemos o conceito de saúde relacionado às práticas corporais como uma dimensão complexa e dinâmica, permeado por diferentes formas de conhecimento que estruturam representações segundo características de organização de uma cultura. Sendo assim, a saúde pode apresentar diferentes perspectivas de acordo com o contexto em que ela está inserida (GONÇALVES, 2008; CARVALHO, 2001).

Desta forma, a partir das lentes conceituais eleitas, compreendemos que as representações de saúde, no período de 1940 e 1950, no Brasil, são correspondentes à cultura e ao conhecimento daquele período. Ou seja, não analisaremos as fontes com base nos conceitos conhecidos pela ciência do nosso tempo hoje. A complexidade multifatorial da saúde no passado irá emergir das fontes e da conjuntura daquele período.

Desta mesma maneira se compõem as análises atribuídas às representações de gênero presentes na revista, as quais são expressas por reportagens que permitem interpretar quais eram os elementos que constituíam as identificações do “ser mulher” e “ser feminina” naquela época. Entretanto, partimos do pressuposto que estes conceitos de feminilidade não se inscrevem em seu estado corporal, ela é desenvolvida socialmente, fazendo parte da construção identitária da nossa sociedade. Ou seja, nosso corpo não é aliado somente ao suporte biológico e ao nosso nome - que são veículos por excelência de identificação do indivíduo - mas também é reconhecido e composto pelos símbolos que o identifica (MONTAGNER, 2005; LE BRETON, 2007).

Não obstante, é por meio do corpo que estabelecemos a nossa relação com o mundo. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva, absorvendo dos sistemas simbólicos que compartilhamos em comunidade. Sendo assim, as representações e os valores ligados à corporeidade transformam o corpo num inesgotável reservatório de imaginário social, um objeto de significados. Logo, as referências

dadas aos símbolos do corpo, mudam no decorrer do tempo, de tal maneira que, algumas vezes, veem-se completamente transformadas. Como por exemplo, os padrões estéticos atuais não são aqueles do passado. Um olhar mais profundo revela como a diversidade dos territórios do corpo é abundante no seio de cada cultura e de cada época (LE BRETON, 2007; VIGARELLO, 2003).

Dividiremos agora nossos procedimentos metodológicos em: primeiro subcapítulo, intitulado “Referencial teórico”, e no segundo subcapítulo, denominado “Caminhos percorridos para a análise”, onde detalhamos os passos que identificam os processos anteriores e posteriores acerca da coleta de dados e da constituição de documentação, como também das análises destas informações e das fontes envolvidas nesta investigação histórica.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO PARA OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este item consiste em apresentar os conceitos que fundamentam e norteiam a pesquisa. Dentre estes, as compreensões e produções de Fontes Impressas, Revista Feminina e Imprensa Feminina. Após esta discussão, nos aprofundaremos na revista feminina que elegemos como fonte: o Jornal das Moças e a história que a cerca, por entendermos que tal conceituação se faz necessária para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre as informações advindas das reportagens.

a) Fontes Impressas

Por meio dos estudos das narrativas históricas, nos aprofundamos nos estudos da Narratologia, encontrados na obra *Análise Crítica da Narrativa* de Luiz Gonzaga Motta (2013), e na análise historiográfica em impressos da obra *Fontes Históricas: introdução ao seus usos historiográficos* de José D’Assunção de Barros (2019), a interpretação para a aplicação na área de conhecimento da Educação Física.

No movimento de busca por vestígios através de fontes impressas, podemos estabelecer estratégias para examinarmos uma matéria (ou um conjunto de matérias) presente na página da reportagem analisada. Segundo Barros (2019), investigar o vocabulário, decifrar estratégias discursivas, empreender uma análise sistemática da hierarquização apreensível a partir da posição ocupada pela matéria na disposição paginada da revista deve fazer parte da metodologia. Sendo assim, a atenção dada pela equipe editorial para determinado fenômeno

pode trazer novas representações daquele outro tempo para o nosso objeto. Ainda, a fim de realizar uma compreensão minuciosa das simbologias e códigos do passado, é possível investigar o que o autor chama de “escrita de si”, ao qual a própria fonte impressa fala sobre si mesma nas reportagens.

Contudo, Motta (2013) conceitua que as narrativas são relações argumentativas produtoras de significados, estabelecidas pela cultura, pelo interesse do narrador, condições sociais de hierarquias e relações de poder. Isto é, as narrativas só existem dentro de um contexto. Sendo assim, é essencial olhar a conjuntura que envolve o objeto. Desta maneira, o foco não está no fato em si, mas no sentido do fato.

O mesmo autor (2013) desenvolve então, movimentos necessários a este tipo de análise que nos remeterá à essência do objeto, decompondo e recompondo cada fragmento. Para esse fim, dedicamo-nos a identificar os pontos de virada (rupturas) e as conexões dos conflitos, chamados de episódios do projeto dramático do narrador. Em razão disso, é tão importante buscar pelos protagonistas quanto pelos antagonistas. Os paradigmas e planos de linguagem utilizados são parte da narrativa e das estratégias/intenções presentes nos discursos destes meios de comunicação. Ou seja, permitir que as metanarrativas aflorem, pois nenhuma história é contada sem um fundo moral e uma razão ética que a situe.

De forma prática, é possível montar um quadro com categorias de análise lógica (seja ele em formato de tabela ou organograma) das especificidades do enredo estudado, que o autor chama de *Storyline*. Nele estarão os principais pontos apresentados acima, como a caracterização dos sujeitos, representações dos personagens, identidade da revista, linha do tempo com os principais pontos de virada, entre outros.

Todo este processo de entendimento dos impressos serve para desnaturalizar elementos presentes nos discursos das narrativas. No entanto, temos o entendimento que o jornalismo impresso não é o espelho da realidade, mas um fragmento, e que, apesar deste esforço de buscar esmiuçar todos estes elementos detalhadamente, estaremos, ainda assim, nos apropriando de uma fatia da história apresentada.

b) Revistas Femininas e a Imprensa Feminina

Ao utilizarmos de revistas femininas como fontes documentais, trazemos também para este estudo a análise das especificidades da própria imprensa feminina, que se difere dentro da

área do jornalismo histórico. Desde seu surgimento, no fim do século XIX, as revistas femininas se propuseram a aproximar suas leitoras de um novo mundo de modernidades e de novas rupturas sociais. Se surgem novas percepções de mundo, logo, surgem também, novas representações de saúde do corpo das mulheres. Pois, “A história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, [...] criando os seus próprios padrões.” (BARBOSA, et al. 2011, p.24).

Conforme Barros (2019, p. 166), “Máquinas de impressão, seres humanos letrados e papel: eis aqui o tripé sobre o qual se assenta a produção massiva de jornais e revistas”. Para Buitoni (1990), as revistas femininas foram um segmento do jornalismo que marcaram uma época, sobretudo, por terem sido reflexo das transformações pelas quais a sociedade passara. O mesmo estava estreitamente ligado ao contexto histórico das mulheres, construindo as perspectivas das razões para seu surgimento, além de interferir em cada passo de sua construção histórica. Era o jornalismo tradicional que mantinha as estruturas que condicionavam os papéis das mulheres dentro da sociedade, trazendo desdobramentos voltados para questões tipicamente ditas “femininas”, como por exemplo, as funções sociais e representações de corpo das mulheres.

Mas de que jornalismo estamos tratando? Expondo de uma forma breve, o jornalismo informativo concentra-se nas informações, ou seja, nas notícias que são geralmente curtas e objetivas. O jornalismo interpretativo é uma ampliação do fato original, contendo entrevistas, antecedentes, consequências, opinião de especialistas, entre outros. O opinativo, por sua vez, demonstra uma posição, seja do jornal ou do jornalista com colunas, críticas, comentários ou crônicas (BUIIONI, 2009). Entretanto, para Barros (2019), há reflexões que podemos fazer acerca destes dois gêneros distintos: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. Pois, será que as narrativas são capazes de informar sem opinar, ou seja, de forma neutra? Isto é: há valores específicos para a escolha de “informar isto, e não aquilo” dentro destes meios de comunicação.

Neste sentido, analisar a revista JM é também entender qual o impacto da imprensa feminina no contexto cultural brasileiro no qual o presente estudo enfoca. Sendo assim, buscaremos analisar nas fontes as narrativas que estão presentes nas páginas da revista, e as que, eventualmente, não foram publicadas.

Dentre os conceitos jornalísticos, segundo Almeida (2008), é o conteúdo que difere o que é jornal e o que é revista. O jornal, normalmente, vincula textos de opinião, discussões de

temas polêmicos e notícias. Já a revista traz um conteúdo mais variado, geralmente em matérias de entretenimento. Durante um longo período, as duas publicações confundiram-se, como no caso do Jornal das Moças, que se denomina jornal, mas seu conteúdo é predominantemente, de revista.

Clarificando estas aproximações entre termos distintos: Jornais e Revistas, Barros (2019) nos conta que naquele período, havia a necessidade de se garantir um baixo custo para o consumidor, o que terminou por condicionar também a materialidade dos exemplares impressos. Deste modo, predominava-se a utilização de um tipo de papel reciclável que ficou conhecido como "papel-imprensa".

O mesmo ocorre com a revista JM, que possui o formato e conteúdo de revista desde a sua criação, mas o material específico das páginas são o de "papel imprensa", o que pode ser um dos indícios para a escolha do nome "JM" para uma revista. Segundo Machado (2018), somente em 1934 que se insere o uso de cores em algumas páginas, como na capa da revista e nos suplementos.

As revistas voltadas ao público das mulheres compõem um dos ramos mais lucrativos da indústria midiática no Brasil. Elas chegaram ao país como resultado das mudanças sociais e das conquistas alcançadas pelas mulheres ao longo dos anos, que vão desde sua posição no mercado de trabalho até questões políticas e sexuais, ainda que na época a função principal fosse entreter, e não informar (BORGES, 2018).

De forma geral, os conteúdos das revistas eram de poesias, receitas de bolo, reportagens, figurinos, consultório sentimental, artigos de psicologia, entrevistas, testes, horóscopos, contos, fofocas, maquiagem, plantas de arquitetura, moldes, saúde, educação infantil, entre outros. Sua área de abrangência parece infinita: embora frequentemente ligados ao âmbito doméstico (BUITONI, 1986, p. 8). Mas a revista também vai além de tais descrições, já que, geralmente, possui um valor sentimental para o leitor, que costuma manter uma relação quase passional com cada nova edição que chega às bancas – ou à sua casa. A revista, esse objeto querido, fácil de carregar e de colecionar, é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e ajuda a construir identidade. Aqueles que a leem sentem que fazem parte de um mesmo nicho, no qual os indivíduos possuem interesses similares e que, por esse motivo, se comportam de determinada forma (SCALZO 2006; BORGES 2018).

A ideia que muitos possuem sobre a imprensa feminina é a de algo supérfluo e secundário. Os temas dos conteúdos das reportagens podem passar essa impressão. Entretanto, ao investigarmos seus textos, é possível observar que há uma ampla variedade de pautas, modelos de linguagem e recursos gráficos que são apresentados em cada página. Sendo assim, a mesma possui um enorme impacto no contexto social e mantém estreita relação com a participação política das mulheres em sociedade (BORGES, 2018).

Para Buitoni (1986, p.24), as revistas femininas estão intimamente relacionadas ao contexto histórico “Quando precisou servir de canal de expressão literária, lá estava ela. Quando as mulheres começaram a reclamar seus direitos, também lá estava ela. Ainda, trazia moda, beleza, e conselhos práticos”, ou seja, oferecia elementos de modernidade em concomitância com conservadores. De acordo com um estudo do *La Documentation Française*, o primeiro periódico “feminino” surge na Inglaterra, no ano de 1693: o *Lady’s Mercury*, que trouxe em suas páginas o consultório sentimental, que se tornou marca registrada. Ainda na Inglaterra, nasce também o *Ladie’s Diary*, que tem duração de mais de um século (1704 a 1840). A princípio, todos os periódicos eram gazetas literárias e só mais tarde a moda foi fazer parte desse modelo de publicação (BUITONI, 1986).

Já no Brasil, o jornalismo nasceu apenas no século XIX, junto à chegada da Família Real. O Espelho Diamantino, lançado no Rio de Janeiro, foi o primeiro periódico feminino brasileiro, em 1827. Coincidentemente, ele surgiu no mesmo ano em que foi editada a lei sobre o Ensino Elementar, que, dentre outras coisas, determinou a criação de “[...] escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosos” (BRASIL, 1827). Apesar de a medida ter fracassado por razões políticas, técnicas e econômicas, e a maioria das mulheres, mesmo as das classes mais altas, ainda não saberem ler, a imprensa feminina nasceu politizada e abordando os temas mais variados (BORGES, 2018).

Em fevereiro de 1831 surge em Recife, o segundo jornal para mulheres, O Espelho das Brasileiras. Quatro anos depois, outros se seguiram: Jornal de Variedades (1835), Relator de Novellas (1838), Correio das Modas (1839-1841), Espelho das Bellas (1841) e A Marmota (1849-1864). Este último fez muito sucesso por inovar e trazer as primeiras litografias impressas no país: foram figurinos, até então processados em Paris e encartados na revista (BUITONI, 1986, p. 37-38).

Até então, estes impressos tinham como narradores, redatores e editores apenas homens, tornando-os os interlocutores das informações nas reportagens. Foi apenas em 1852,

que surge no Brasil o *Jornal das Senhoras*, primeiro jornal criado por uma mulher, onde os primeiros artigos de que se tem registro de caráter feminista apareceram. O objetivo, segundo o próprio editorial, era “[...] cooperar com todas as forças para o melhoramento social e a emancipação da mulher”. Certamente, isso não agradou a sociedade do período, principalmente os homens. Mas tais reclamações não intimidaram Joana de Noronha, professora argentina e proprietária do jornal. “Apenas tomou a cautela de deixar de identificar as autoras dos artigos mais inflamados” (KAZ, 2002, p. 6).

A ideia revolucionária influenciou outras publicações como *A Família* (1890), criada por uma brasileira militante abolicionista e feminista Josefina de Azevedo, irmã do poeta Álvares de Azevedo, cerca de quarenta anos depois. O periódico, além de tratar a leitora como “eleitora”, divulgava assiduamente exemplos nacionais e internacionais de figuras de mulheres que se destacavam por sua atuação no mercado de trabalho. Josefina foi uma importante militante sufragista nos primeiros anos da República. Ela, inclusive, escreveu a peça de teatro “*O Voto Feminino*”, uma comédia que ridicularizava homens que não aceitavam o voto das mulheres. Mais tarde, Josephina transformou essa peça em um folhetim, publicado no rodapé de seu jornal (PINTO 2003; BORGES, 2018).

Diversos outros títulos iam nascendo, como por exemplo, *A Estação*, que também foi outra revista importante do fim daquele século, pois, além de trazer as novidades do vestuário da Europa em uma época em que as mulheres seguiam as tendências francesas, também publicava os textos em série, entre eles o *Quincas Borba*, de Machado de Assis, de 1886 a 1891 (BUITONI, 1986).

A abolição da escravatura (1888), a Proclamação da República (1889), e o movimento da imigração estrangeira de anos anteriores já começam a surtir alguns efeitos. Mudanças na mão-de-obra, fortalecimento das províncias (atualmente Estados), eleições, formação da classe operária, crescimento da pequena burguesia, novas formas de urbanização, tudo isso vai interferir no papel da imprensa (BUITONI, 1986). Temos como exemplo de importância política presente nos impressos, fundado em 1900 por três mulheres, o jornal *Voz Feminina*, que promove em 1901, a campanha pelo voto feminino. Quatro anos depois, três moças mineiras alistam-se e votam (BUITONI, 1981, p. 35).

Segundo Borges (2018), outros pequenos jornais femininos continuaram a surgir. Dentre estas, a *Revista Feminina* merece destaque. Fundada por Virgilina de Souza Salles, senhora de tradicional família paulista, elegante e educada nos melhores colégios baseados

nos modelos europeus. A revista, considerada o primeiro periódico em formato magazine, revistas ilustradas totalmente dedicado ao público feminino, foi dirigida por mulheres e circulou durante 22 anos, de 1914 a 1936.

Mais adiante, na década de 1940, as revistas mantinham a estruturação tradicional e enalteciam ainda mais a representação da mulher esposa, dona de casa e mãe. O *Cruzeiro*, *A Cigarra* e *Carioca* foram as de maior sucesso naquele período. As duas primeiras possuíam seções femininas. O *Jornal das Moças*, revista mais vendida do período, enaltecia as boas virtudes da mulher “do lar”. Em 1952, acontece o lançamento da revista *Capricho*, da Editora Abril, que atingiu marcos históricos e ganhou a preferência das leitoras, sobretudo das jovens, marcando as grandes mudanças que as décadas seguintes iriam apresentar dentro da imprensa feminina (BORGES, 2018).

Após essa breve apresentação da história da imprensa feminina, convido-os a acompanharmos melhor as estruturas, o contexto das publicações, os elementos, as razões e em que conjuntura a revista *Jornal das Moças* foi construída. Revista que nos serviu de fonte para este estudo das mulheres, trazendo à margem o que a própria revista nos conta sobre a sua trajetória.

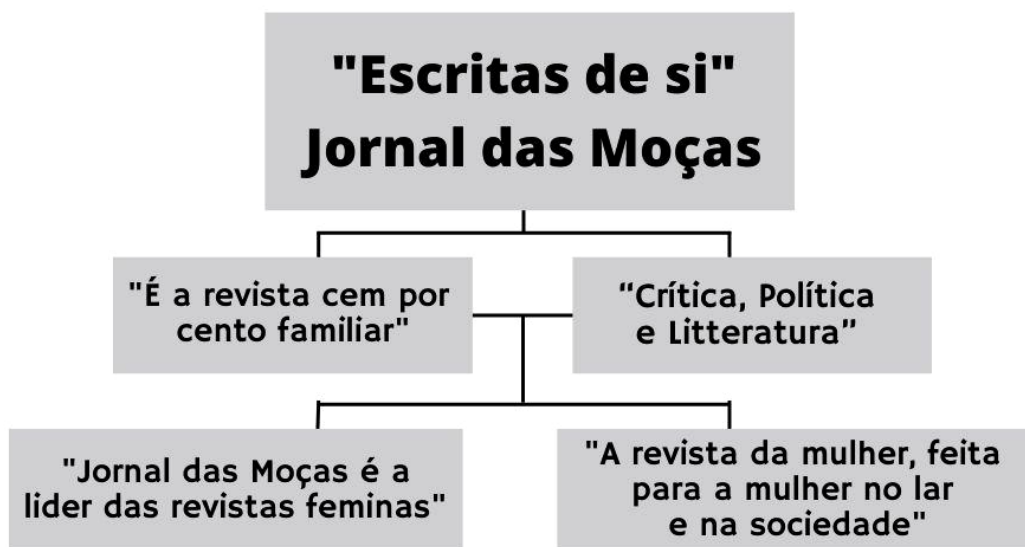
c) A revista *Jornal das Moças*

Em vista de desvendar nossa fonte documental, seus rastros deixados na história, suas intencionalidades na própria construção e estruturação editorial, buscaremos pelos indícios do início, desenvolvimento e final da existência do JM. Alcançando como se dá a formação das narrativas que a revista produz e reproduz dos discursos presentes na sociedade. Sendo assim, desvendaremos suas “escritas de si”, utilizando o método sugerido por Barros (2019), através do que o autor chama de autoimagem. Analisamos o retrato que o jornal produz de si mesmo, dando uma nova significância para estes vestígios e localizando-os através do nosso estudo para formarmos nosso próprio caminho interpretativo da análise das fontes impressas.

No conteúdo do *Jornal das Moças* (JM) há diferentes variações nas frases identitárias que são publicadas ao lado do título da revista durante seu longo período de publicação. A mesma, através desta autoimagem declara qual seu objetivo e capta o público alvo que se identifica com estes signos sociais, demonstrando também, as fases pela qual o JM perpassa historicamente. Abaixo, podemos observar que aos poucos as “escritas de si” da revista foram

se sintetizando e se encaminhando para uma representação de revista produzida para as mulheres no lar e na sociedade.

Imagem 1 - Organograma das “Escritas de si” em ordem cronológica de aparições presentes no Jornal das Moças.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil.

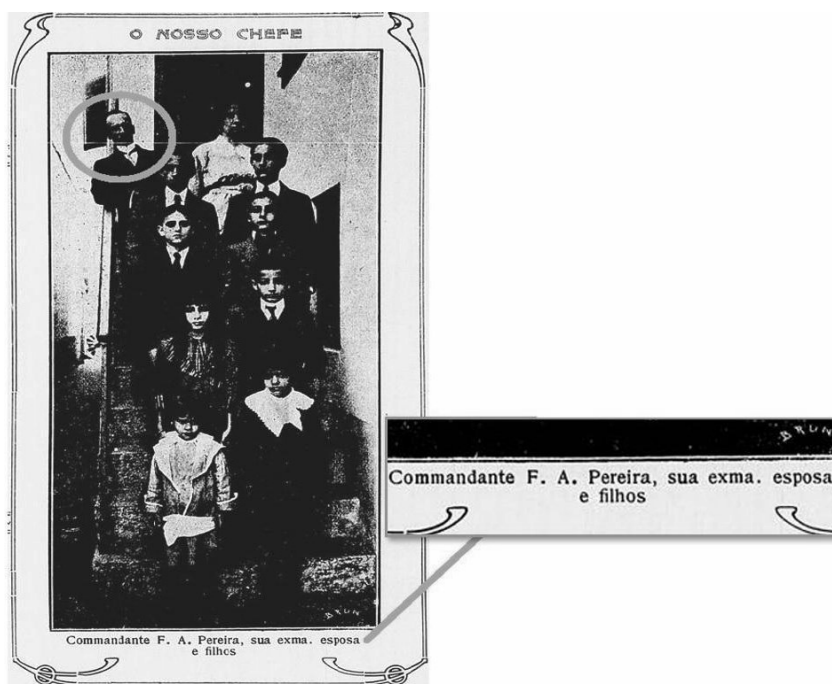
No início da década de 1910, o que diferenciava o JM das outras revistas era a proposta de aproximar suas leitoras de um novo mundo de modernidades e de novas rupturas sociais, preocupando-se também com questões relacionadas ao “intelecto feminino” (MACHADO, 2018; BARBOSA, 2011). Segundo Barros (2019), no ano de 1919, o JM já era uma das revistas de maior circulação no Brasil.

A partir da década de 1950, a nova fase da revista traz a direção de Álvaro Menezes marcada pela relação das dicotomias daquele período e pelo ápice de alcance de vendas, que ocorre entre 1945 e 1950, de acordo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), o qual “revela a popularidade desta revista: 1º lugar na imprensa feminina em 1945 (SP) e 1º lugar entre as revistas femininas semanais durante a década de 50 ([nos estados de] SP e RJ)” (PINSKY, 1996, p. 23). Outra ocorrência que revela sua abrangência neste período, segundo Batista (2019), foi a publicação em 1956 de uma nota denominada As 10 Revistas Mais Lidas no Brasil, revelando a posição de destaque do JM frente ao mercado editorial, realizada por uma agência de publicidade estrangeira.

Em uma quinta-feira, dia 21 de maio de 1914, foi publicado o primeiro exemplar da revista JM, com 30 páginas (EXPEDIENTE, 21/5/1914). Neste exemplar, é revelado em seu “Expediente”⁷ que o JM se trata de uma “Revista quinzenal ilustrada”, bem como o local das oficinas de impressão, endereçada a F. A. Pereira, que ainda não se denomina o fundador/dono/diretor/editor, porém oferece pistas da sua relação com a revista.

Ainda nas primeiras edições não é declarado o corpo editorial da revista, mas é publicada uma fotografia de F.A Pereira ao lado de sua família, mais especificamente em 30 de setembro de 1914, designando a ele o título de “O nosso chefe”. Na imagem está disposto da esquerda para direita, o Commandante F.A Pereira, sua esposa, e os oito filhos, em ordem dos mais velhos (acima) e os mais novos (abaixo), em uma escada que pode ser de sua residência ou do próprio local endereçado como oficinas de impressão. Na descrição da imagem feita pela revista vem a seguinte frase: "Comandante F. A Pereira, sua exma. esposa e filhos" (O NOSSO CHEFE, 30/07/1914, p.1).

Imagem 2 - Primeira fotografia publicada do fundador



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

⁷ Título do espaço dedicado às informações da obra, ou seja, é por onde passa a vistoria, revisão e inspeção das reportagens publicadas.

#ParaCegoVer⁸ Foto retirada da revista, onde aparece o fundador da revista com a família. Eles estão em uma escada enfileirados em duas colunas. Nas fileiras o fundador e sua esposa estão no topo, enquanto os seus oito filhos estão abaixo. Aparentemente são seis meninos e duas meninas. Porém a foto está numa qualidade baixa e não temos certeza. Atrás deles há uma casa grande aparecendo pela metade com cor clara.

Somente nas edições do ano seguinte, em 1915, que a revista nos revela a primeira aparição do F.A Pereira como Diretor-Proprietário, em 15 agosto, na trigésima primeira edição da revista (EXPEDIENTE, 15/08/1915, p.1). O mesmo aparece juntamente ao “Expediente” da revista, com as condições de assinaturas para recebimento da revista em casa, o endereço e a descrição de como ser uma colaboradora da revista. Desde sua primeira edição, a revista propõe para suas leitoras uma contribuição de participação direta, sugerindo que elas enviem fotos (que seriam as possíveis capas da revista), poemas ou crônicas para o endereço do Expediente, para que, posteriormente, sejam escolhidas para serem publicadas nas próximas edições. Segundo Machado (2018), ao receber também contribuições das próprias leitoras, as mesmas possuíam espaço na publicação, e transformava-se em enunciatador.

⁸ A ideia de uso de hashtag é baseada na proposta da baiana Patrícia Jesus. Professora que observou a necessidade de comunicação entre as pessoas com deficiência visual inicialmente nas redes sociais, mas que comumente é pensado o uso do termo como iniciativa que fortalece os preceitos inclusivos. As hashtags são utilizadas para a descrição de uma imagem ou publicação, possibilitando que softwares de leitura de texto utilizados por deficientes visuais, leiam a descrição do que está inserido em uma determinada publicação (ALVES, 2022).

Imagem 3 - Primeira aparição do nome do fundador no Expediente

ANNO III RIO DE JANEIRO, 1 DE MAIO DE 1916 NUM. 45

Jornal das Moças

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA Fundada pelo Commandante F. A. Pereira

Expediente ▶ CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS ◀
 Anua . . . 10\$000 - Semestral . . . 5\$000
 Pagamento adiantado
 Numero avulso 400 réis e aos Estados 500 réis
 Gerente F. A. Pereira Junior ◀
 Os artigos enviados à redacção não serão restituídos. As assinaturas não se recebem em qualquer dia, mas recebem sempre em Junho e Dezembro.
 Impressão e venda: Revista Cosmos S/A ADEBELLIA, RJ - Tel. 3000. Caixa. - 2, postal 421

CHRONICA

NUNCA, como nos tempos que correm, foi mais oportuna, mais suggestiva e mais digna a glorificação do trabalho.

A humanidade assiste a uma guerra na qual parecem renascer todos os impetus selvagens que caracterisavam os homens das edades pre-historicas. As mais radiosas conquistas alcançadas, nestes vinte seculos, pelo pensamento e pela acção dos homens, afundam na caudal de sangue que desce do velho mundo e que parece de novo precipitada do troyel das antigas hordas destruidoras da civilisacão romana. O cavallo de Attila, segundo a velha, porém agora opportuna expressão, põe outra vez as terras da Europa, plantando, em toda parte, a desolação, a ruina, a miseria e o luto.

A guerra é a negação do trabalho fecundo e compensador. É a brutalidade militar opposta ao heroismo burguez, que se exerce todos os dias e atravez de todos os sacrificios, segundo Ramalho Ortigão. É a ambição de dominio transformando o Estado em flagello da sociedade e restituindo o homem á ferocidade dos instintos primitivos.

A festa do trabalho nasceu de uma carnificina feita pela tyrannia sobre o proletariado. Foi instituída como o symbolo da reacção universal contra os excessos de um falso principio de autoridade, fructo dos preconceitos renascentes da selvageria medieval. É a America, terra de liberdade, onde o principio do livre arbitrio individual mais e mais se solidifica, integrando o homem na plenitude dos seus direitos de viver sem coacções que vissem opprimir o seu pensamento e cercar a sua liberdade; é precisamente o continente onde o dia primeiro de maio transcurre entre maiores e mais effusivas festas.

O trabalho dignifica a especie. Festejemo-lo, pois, com abundancia de coração. E festejemo-no, sobretudo, as mu-

heres, que pelo trabalho têm sabido galgar, em face do direito publico e privado, mais alta e condigna situação. Longe vai o tempo em que se educava a mulher para a ociosidade e para o simples agrado dos homens. O que se convencionou chamar o sexo fragil é hoje, no mundo civilisado, um valor economico que concorre com o do homem e que contribue para a grandeza social. Não vale a pena citar nomes. Para que lembrar a condessa de Noailles ou madame Curie? Ninguém desconhece a existencia de uma legião anonyma de infatigaveis trabalhadoras, que, ao nosso lado, traz o seu quinhão de labor profuso á felicidade da especie.

Nos lares, que são o seu predilecto e sagrado centro de acção, em todas as profissões que ennobrecem o esforço humano, na literatura, na industria, no commercio, e, em muitos palcos na propria politica, o «eterno feminino» não é mais o simples motivo inspirador de endecas aos poetas lyricos. É a metade da humanidade, mais de que tudo laboriosa, duplamente engrandecida pelo amor e pelo trabalho.

M. R.

Flores do coração

II
 Para Helena D. Foguetta, sympathica collaboradora do "Jornal das Moças" e a quem muito estimo.

Quando estas te chegarem ás mãos, as minhas primeiras-linhas, já por ti terão sido lidas.

Eu desejava, Helena, que ellas tivessem tido o duplo dom, de te fazer gozar alguns momentos de ventura, e de mostrar-te, que quem ellas escreve muito te estima.

Adivinhasse naquellas palavras simples, despidas de atavios, mas por isto mesmo sinceras, que a amizade que eu te consagro, me foi inspirada pelo que de mais bello existe em ti, pelos teus trabalhos, que reflectem a pureza e a sinceridade de tua alma, o que impedia dizer pela tua intelligencia?

Talvez que sim, não é?

É difficil, hoje, amar-se com sinceridade, por isto é que eu te digo: não vejas nas minhas palavras hypocrisia, a minha affecção não é banal, como a maioria das que por ali vemos, ella é sincera, e isto eu te digo com a verdade que caracteriza o meu coração de mulher que manca amou!

Sejamos amigos, pois a distancia não impede isto; como eu, ex professa, como eu, comprehendo a grandeza da nossa missão, que é preparar as futuras gerações para amar o Brazil como elle merece, como eu, enfim, recuzar o problema do amor de uma forma muito differente da que os homens o vêm.

Terminando este, que é o segundo e ultimo, dir-te-ei sómente que, si eu fosse homem amaria-te como a idolatria, que os teus trabalhos me inspiraram, e tornar-me-la digno, por todos os meios, de dar-te o meu nome; como não sou limitado me, tão somente, a dizer-te, que muito te estima e que muito te admiro.

MILIE. CORDELLIA.

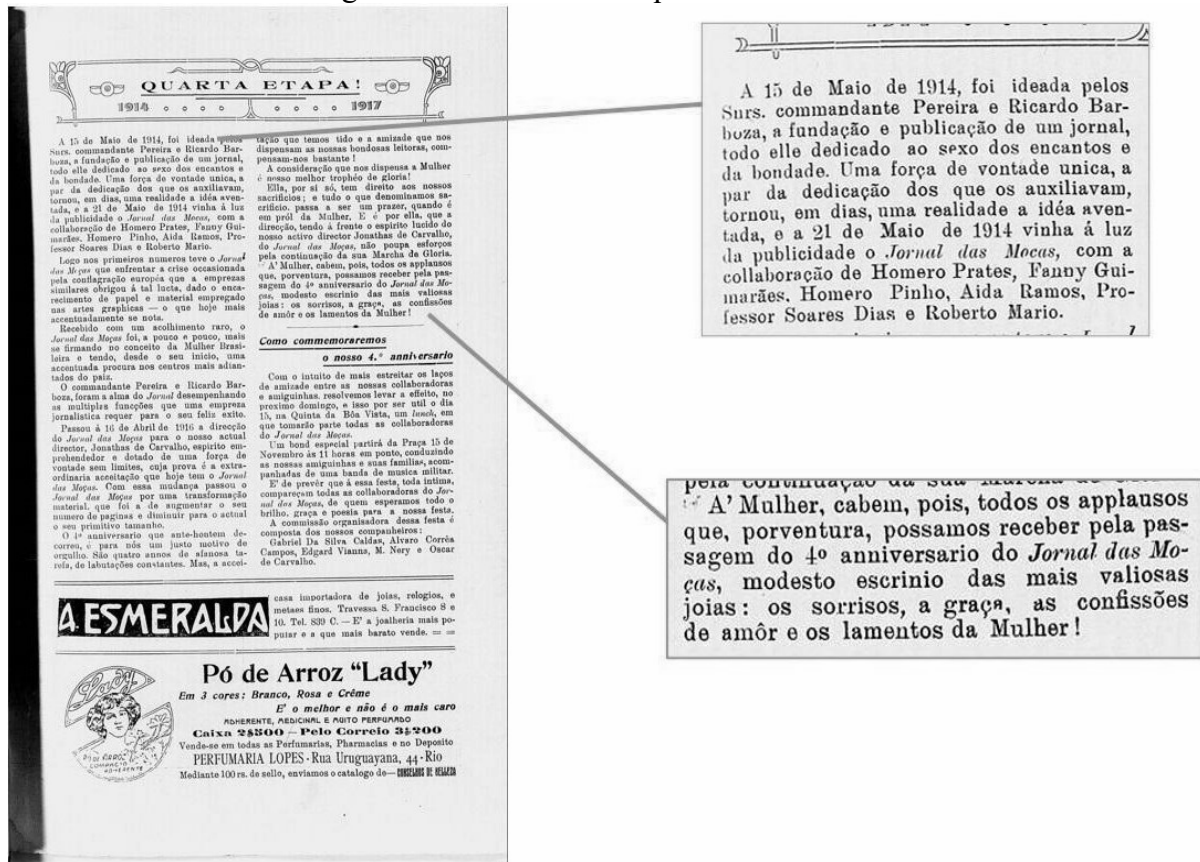
Atacaju.

Fonte:Hemeroteca Brasileira Digital.

#ParaCegoVer Imagem da página da revista. Possui duas colunas de textos sem ilustração. No topo da página está escrito “Jornal das Moças” em fonte grande com contorno circular e flores enfeitando o título. Demos ênfase na aparição do expediente que fica no lado esquerdo da página.

Mas é em 1917, em comemoração ao aniversário de quatorze anos de origem da revista, que é apresentado para as leitoras uma trajetória do caminho percorrido pela equipe JM, “A 15 do Maio de 1914, foi ideada pelos Srs. Commandante Pereira e Ricardo Barboza, a fundação e publicação de um jornal, todo elle dedicado ao sexo dos encantos e da bondade” (QUARTA ETAPA!, 15.5.1917, p.31).

Imagem 4 - Aniversário de quatro anos da revista.



Fonte: Hemeroteca Brasileira Digital.

#ParaCegoVer Imagem da página da revista. Possui duas colunas de textos sem ilustrações. No topo possui o título “Quarta etapa!” com fontes maiores, em torno há bordas imitando um quadro. No fim da página há uma propaganda do pó de arroz “Lady” com uma imagem pequena do rosto de uma mulher ao lado esquerdo. Há dizeres explicando o produto, endereço e preço.

Nesta página de comemoração, a revista designa para as mulheres os aplausos que são direcionados para a revista *Jornal das Moças* pelo seu aniversário, pois as mulheres são como pequenos cofres que guardam “os sorrisos, a graça, as confissões de amor e os lamentos da Mulher!” (QUARTA ETAPA!, 15/05/1917, p.31)⁹, que para a revista são comparadas a jóias. É revelada também a apresentação da equipe editorial completa, que é composta por sete

⁹É válido informar que, na transcrição dos trechos citados, se optou por atualizar a ortografia da época para a atual norma ortográfica, uma vez que no período analisado (1940-1950), modificações aconteceram na língua portuguesa e preferiu-se deixar padronizada a escrita.

homens e duas mulheres¹⁰. Isto demonstra que desde o início da revista, a mesma era formada majoritariamente por homens, principalmente, a equipe administrativa: fundador, diretor e gerente. Desta maneira, trata-se de uma revista escrita por homens para as mulheres.

A revista se caracteriza e afirma que era diferente das outras revistas existentes, que segundo o JM, as concorrentes não passavam de álbuns de fotografias de moda, não se preocupando com o real interesse e o “cultivo de espírito de nossas gentis patricias” (JORNAL DAS MOÇAS, 21/05/2014, p.1). Se as outras revistas mostravam de forma pragmática a moda e as injunções de beleza da época, a revista JM preocupava-se também com questões relacionadas ao intelecto, aos conhecimentos importantes para o dia a dia (MACHADO, 2018). Ou seja, as páginas produziam e reproduziam simbologias e elementos socioculturais do universo das feminilidades daquele tempo, apostando na essência de ser uma revista companheira e amiga de suas leitoras, a qual as auxiliava em suas dúvidas e construía aos poucos, uma relação de confiança.

No fim da década de 1910 a revista passa por mais uma ruptura histórica, e assume uma nova fase. Em 15 de maio de 1919 é anunciado pela própria revista “A Nova Direção” de Agostinho Menezes juntamente com Carlos Leite¹¹. A mesma revela admiração ao novo dono e agradece os esforços dos antigos diretores e fundadores. Segundo a reportagem, a troca foi feita de forma amigável e deixa claro que os novos diretores irão manter o “traço luminoso” deixado pelos antigos diretores F.A Pereira, Jonatas de Carvalho e E. Salles (A NOVA DIREÇÃO, 15/05/1919, p. 31).

Com esta “Nova Direção” da revista, muitas mudanças são previstas para o futuro deste meio de comunicação. Agostinho Menezes empreende uma série de reformas e modificações, mas deixa claro que manterá o cunho característico do Jornal das Moças para suas leitoras, mas com transformações especialmente nas relações artísticas, criando novas seções como: “Elementos de Beleza”, “Evangelho das Mães”, “Para ser Formosa”, entre outras. O mesmo também traz uma nova representação para as mulheres deste período, dirigindo-se às mulheres operárias, nos remetendo a uma reconstrução de representações das mulheres no mercado de trabalho: “Carinhosamente tratará de perto de todos os assumptos que se prendem á mulher operaria, [...] Esse será o seu papel social” (A NOVA DIREÇÃO,

¹⁰ Fundador F.A Pereira, Gerente F. A Pereira Junior, Diretor Jonathas de Carvalho, colaboradores: Homero Prattes, Fanny Guimarães, Homero Pinho, Aida Ramos, Professor Soares Dias, e Roberto Mario.

¹¹ O Jornal das Moças, já no presente número, insere trabalhos de novos colaboradores editoriais de Medea Scylla, Viriato Corrêa, Gonçalo Jacome, J. Brito, J. Primo, Othon de Eça, Icaro Telles.


15/05/1919, p. 31). Assim, buscava atingir um público que não era apenas de mulheres de classe alta, mas outras que passavam a possuir poder de consumo, porém surge a seguinte questão: quantas foram alfabetizadas e direcionariam parte de seus gastos com uma revista?

Esta Nova Direção se estabelece na revista, mas é com a inserção de seu filho Álvaro Menezes, que se cria a “Empreza Jornal das Moças – Menezes, Filho & C. Ltda”. (EXPEDIENTE, 1933, p. 66). A própria revista destila elogios em suas publicações para a introdução de Álvaro Menezes, que ainda muito jovem, entra como Diretor Técnico, Intelectual e Literário (ALVARO MENEZES, 5.7.1928, p.3).

Imagem 5 –Homenagem para Álvaro Menezes na revista.

5-Julho - 1928 • t • JORNAL DAS MOÇAS

Álvaro Menezes



Ouvindo e applicando-se com dedicação e especial carinho aos diversos misteres em que se subdivide uma empresa jornalística desenvolveu, com proficiencia, grande actividade na administração deste semanario.

Pouco a pouco, o seu espirito, observador e empreendedor, foi demonstrando a sua cultura e, em pouco tempo, revelou-se um elemento de valiosa competencia na redacção de «JORNAL DAS MOÇAS».

Assim acontecendo, foi Alvaro Menezes subindo de posto nesta casa e, em pouco tempo, seu pae, reconhecendo os valiosissimos serviços que seu filho vinha prestando, convidou-o a assumir a direcção technica e intellectual de «JORNAL DAS MOÇAS».

E, desde essa hora, verificamos quão merecedora de applausos foi a idéa de seu pae, por isso que sentimos todos nós, que aqui empregamos a nossa actividade, sentem no todos os nossos leitores, o estado de progresso desta revista, que obedece, actualmente, á orientação literaria do nosso homenageado.

Não são poucas as manifestações de applauso, pela nova direcção de «JORNAL DAS MOÇAS», que temos recebido de toda a parte, quer, por palavras que nos são dirigidas directamente por aquelles que nos honram com as suas visitas pessoas, quer por cartas, telegrammas e outras formas escriptas.

É essas manifestações nos confortam sobremente, estimulando-nos cada vez mais incutindo-nos a proseguir com animo mais decidido, resolutos e fortes.

Quanto mais estimamos Alvaro Menezes, cuja modestia vae ser surpreendida por este preito de reconhecimento e admiracão.

Elle não o sabia, mas sabel-o á agora; que nos perdê o Alvaro.

Seu pae, Agostinho Menezes, que continua a emprestar a sua inequalavel actividade na superintendencia geral de «JORNAL DAS MOÇAS» entregando com justiça a sua direcção technica, intellectual e literaria a seu filho, tomou a seu cargo a gerencia de todos os negocios financeiros e commercaes desta revista, solidificando, cada vez, o seu credito nesta praça e em outras praças do pais.

Ao Alvaro o nosso abraço.

Álvaro Menezes, emérito jornalista e nosso actual director que em dois mezes de sua direcção tem modificado por completo não só a parte artistica como literaria do «Jornal das Moças».

Prestando esta singela homenagem ao nosso director Alvaro Menezes, não nos move, nesta hora, em que vemos passar o decimo quarto anniversario desta revista, outro sentimento senão o de admiracão e reconhecimento.

Tendo ingressado muito creança, nesta casa, trazido por seu pae, Alvaro Menezes, adquiriu, desde logo, a sympathia de todos nós.

Docil e delicado, ouvindo com respeito-acatamento os ensinamentos de seu pae Agostinho Menezes e dos demais profissionais de imprensa que, por aquelle tempo, aqui trabalhavam, não lhe foi ardua tarefa desempenhar-se cabalmente de suas funcões.

PHOTOGRAVURA 30-RUA LEDO-30 PHONE N-3567

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

#Paracegover Imagem da página da revista. Há uma foto do Álvaro Menezes no lado esquerdo. Na foto Álvaro aparece do ombro para cima, seu rosto tem um semblante sério e tranquilo, porém seu olhar não está para câmera. O mesmo veste um terno, possui os cabelos curtos penteados para trás e sua pele é branca. Aparenta ser um homem jovem. Em torno, há duas colunas de textos.

Outros vestígios, como a forma que a revista caracterizava o seu público alvo, delineando ações e estratégias de aproximação em suas reportagens, contribuem para a compreensão do contexto em que as práticas corporais e as representações de saúde foram geradas, pois identifica para quem as reportagens eram publicadas.

Segundo Batista (2019), entre 1959 e 1960, uma coluna chamada “Um broto por semana” foi publicada, buscando traçar o perfil das entrevistadas. A revista compreendia que o “broto” era uma moça solteira, com idade variando entre 15 e 20 anos, frequentadora de um clube e participante dos concursos de beleza nele promovidos, que podia estar estudando ou trabalhando. Outro indício das características das leitoras são os índices de analfabetismo no Brasil, que entre as mulheres eram ainda maiores que os dos homens. Ou seja, poucas eram as mulheres que tinham acesso à leitura das revistas daquele período (ROSEMBERG, 2012).

Este é um fator importante deste período que nos esclarece as desigualdades sociais presentes. Durante os séculos XIX e XX, a educação para mulheres era pautada por razões envoltas por conceitos de feminilidades daquele período, visto pela função doméstico-maternal, construído através do projeto de nação regido por Getúlio Vargas, que tinha as mulheres como eixo central para aprimoramento da raça. Isto porque, elas seriam as “educadoras dos homens”, o futuro da nação. Perpassando brevemente pela história, em 5 de outubro de 1827 as mulheres são autorizadas a frequentar escolas femininas de primeiras letras, mas com ações restritas via Lei Geral do Ensino¹². A educação das mulheres só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que atribuiu equivalência entre os cursos secundários (ROSEMBERG, 2012).

Sendo assim, nesta época construía-se uma nova relação social para as mulheres, elas tornam-se leitoras e era nas revistas que encontravam uma de suas maiores fontes de lazer. Nestas décadas, nas quais a televisão estava começando a chegar aos lares brasileiros, os cinemas ainda eram precários, ler torna-se um novo espaço a ser descoberto como uma prática corporal prazerosa (MIGUEL, 2009).

¹²BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Ensino Elementar. **Lei de 15 de Outubro de 1827**: Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html> Acessado: 03. ago. 2022

Ainda trazendo elementos do contexto brasileiro para compreendermos o público-alvo, é importante salientarmos o preço de venda da revista, que por sua vez, variou muito ao longo da sua existência. No recorte escolhido para pesquisa, podemos observar essas mudanças principalmente no ano de 1950, onde a revista custava Cr\$ 3,00, e no ano de 1959, o preço da revista salta para de Cr\$ 15,00. Mas estamos considerando que o aumento do preço da revista pesquisada depende de outras variáveis, que podem fornecer, inclusive, indícios sobre a renda do público leitor, o salário mínimo, por exemplo, também sofreu um aumento considerável ao longo da década¹³ (SANTOS, 2011). Podemos concluir por fim, que durante o período de publicações da revista, as moças que tinham acesso ao meio impresso possuíam uma classe economicamente privilegiada da sociedade brasileira daquele período.

Um fato interessante que causa desencontros entre os estudos que já utilizaram a revista JM como fonte é o equívoco de quem eram os fundadores da revista. Isto porque, na década de 1950 é revelado uma ruptura ou um conflito dramático da narrativa, como nos descreve Motta (2013), que a própria revista traz na construção de sua origem, que observamos através de vestígios que emergem das publicações.

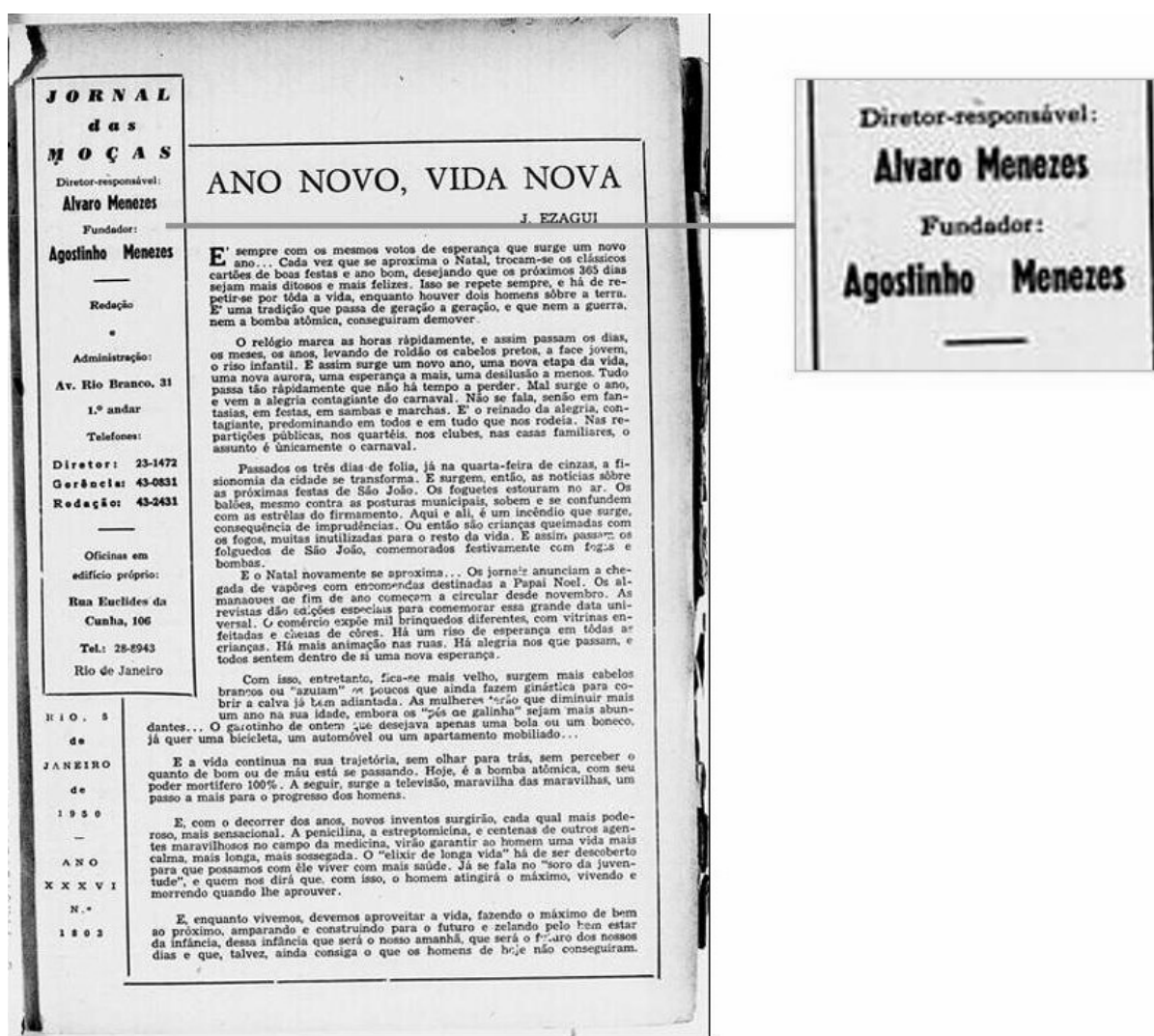
Os estudos de Batista (2019) e Dall'agnol (2019) revelam pela primeira vez, que a informação da descrição da revista "direção de Álvaro Menezes, diretor geral e *fundador Agostinho Menezes*", não é verídica. A partir disso, realizamos uma busca entre as páginas, buscando por traços do momento exato do desacerto e os possíveis motivos desta mudança na troca de "fundadores" em seu interior editorial. Alinhando os retalhos que compõe as partes desta história, encontramos que em 10 de Dezembro de 1949 o atual proprietário e diretor financeiro, Agostinho Menezes, vem a falecer (EXÉQUIAS AGOSTINHO MENEZES, 29/12/1949, p.10). A reportagem não nos diz ao certo o motivo da sua morte, mas é mencionada uma enfermidade, aparentemente de longa data. A morte do Diretor Geral Agostinho Menezes gera uma ruptura na história da revista: na edição seguinte ao anúncio do seu falecimento, este é denominado como "fundador" do Jornal das Moças (EXPEDIENTE, 05/01/1950, p.9).

Esta informação se mantém no espaço "Expediente" até fim da existência da revista, o que causou as imprecisões nas publicações de estudos anteriores que utilizaram a revista JM como fonte ou objeto de análise, principalmente, aos que se debruçaram às reportagens das

¹³ De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), em janeiro de 1950, o salário mínimo somava Cr\$ 380,00 e em dezembro de 1959, seu montante era de Cr\$ 6.000,00. O que pode justificar o aumento no valor da própria revista (JUSTIÇA DO TRABALHO, 2021).

décadas a partir de 1950 (COSTA, 2021; MELO, 2019; PEREIRA, 2013; SANTOS, 2011). Dado o contexto em que o mesmo ocorre, acreditamos que o motivo para tal conflito foi uma espécie de homenagem do corpo editorial, em especial, de seu filho (Álvaro Menezes), que se mantém como Diretor-Responsável da revista após o falecimento de seu pai (Agostinho Menezes). A partir disto, podemos atestar neste estudo que, após essas evidências, temos um novo dado sobre a estrutura editorial da revista *Jornal das Moças*.

Imagem 6 - Primeira aparição de Álvaro Menezes como Diretor-Responsável e Agostinho Menezes como “fundador” no Expediente da Revista



Fonte: Hemeroteca Brasileira Digital.

#Paracegover Imagem da página da revista. Possui apenas uma coluna de texto, sem ilustrações ou imagens. O título “Ano novo vida nova” possui uma fonte maior. Do lado esquerdo há o Expediente da revista dentro de um caixa com contorno quadrangular.

A apresentação da revista se desenhou pelo objetivo de nos aprofundarmos nas possibilidades de compreender as vidas que foram vividas no passado, e assim, fazer deste passado o objeto de reflexão e análise. Compreender as relações internas da base editorial, bem como, em que contexto, com qual pretensão, e quem são seus fundadores ou diretores da revista, pode nos mostrar quais eram os encadeamentos que levavam aos seus posicionamentos políticos nos discursos publicados.

2.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Apresentado os apontamentos da compreensão que se teve sobre o campo de fenômenos analisados bem como os conceitos utilizados na elaboração reflexiva deste estudo, apresentamos neste subcapítulo os caminhos traçados e as notas de todo o processo feito para chegarmos à análise, e posteriormente, aos resultados.

A primeira etapa desta pesquisa recorreu a uma revisão bibliográfica composta pelas principais obras. Destaco as obras *Nova História das Mulheres no Brasil*, *História da beleza no Brasil* e *Mulheres dos Anos Dourados*, organizadas respectivamente por Pinsky e Pedro (2016), Sant'anna (2014), e Pinsky (2014). Estas Apresentam discussões e análises da história das mulheres e da imprensa feminina no Brasil, bem como utilizam-se do JM como uma das fontes para análise.

Vale salientar, que as fontes não são entendidas enquanto testemunhos diretos do passado, mas, sim, passíveis de alterações e intencionalidades, produzidas de determinado lugar. Para os supracitados historiadores, os documentos são produtos do sujeito ou da sociedade que os produziu (BARROS, 2012). Sendo assim, é necessário problematizar os documentos a partir do olhar crítico do pesquisador. Afinal “o documento histórico não é concebido como um dado puro que fala por si mesmo e se oferece, objetivamente, ao historiador” (BORGES, 2003, p. 76).

Os procedimentos e os métodos de coleta, organização e análise das fontes, aplicados à pesquisa estão apresentados a seguir.

Coleta das fontes: O arquivo de edições da revista está localizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil¹⁴, ao qual, trata-se de um portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas (NACIONAL, 2022). Este banco de fontes digitais disponibilizado pela Biblioteca Nacional do Brasil permite que sejam realizadas coletas documentais de forma online, por meio de um sistema de busca com acesso às páginas de jornais e revistas, em períodos delimitados, a partir da utilização de termos específicos¹⁵.

Por meio deste portal foram feitas consultas através do termo “saúde” nas páginas da revista em dois períodos demarcados, as décadas de 1940 e 1950. Por meio desta busca, constatamos 1.700 reportagens com este termo na década de 1940 e 1.255 reportagens na década de 1950. Totalizando a frequência de 2.956 reportagens com a palavra “saúde” na revista *Jornal das Moças*. Estas passaram por uma pré-análise rigorosa na busca de relações entre o termo saúde e práticas corporais. Tal avaliação resultou em uma seleção de 48 reportagens, as quais desenvolviam discussões que envolviam, na mesma frase e/ou oração, o termo “saúde” com a realização de práticas corporais para mulheres, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1- Número de reportagens com o termo “saúde” no *Jornal das Moças*

TERMO	SAÚDE
PERÍODO	Décadas de 1940 e 1950
TOTAL REPORTAGENS	2.956 reportagens com o termo “saúde”
CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	Termo “saúde” dentro de uma discussão sobre a realização de práticas corporais para mulheres na mesma frase e/ou oração.

¹⁴ A Hemeroteca Digital Brasileira é o maior acervo digital de periódicos extintos do Brasil (NACIONAL, 2022).

¹⁵ A consulta, possível a partir de qualquer aparelho conectado à internet, é plena e avançada. Pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavra(s). A busca por palavras é possível devido à utilização da tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR), que proporciona aos pesquisadores maior alcance na pesquisa textual em periódicos (NACIONAL, 2022).

REPORTAGENS COLETADAS	48
CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	- Termo “saúde” dentro de uma discussão que não possuía elementos que o vinculasse com a realização de práticas corporais; - Propagandas; - Reportagens repetidas; - Práticas corporais que não eram direcionadas para as mulheres.
TOTAL DE EXCLUÍDAS	9
TOTAL ANALISADAS	37

Fonte: Própria autoria.

Organização dos documentos: O procedimento para coleta das fontes na revista JM compreendeu uma organização por práticas corporais específicas, sendo armazenadas e organizadas em pastas. Após a identificação das reportagens que possuíam a palavra saúde em sua escrita, foi realizada uma busca por práticas corporais que estivessem relacionadas com o termo em uma mesma frase ou oração e não contemplassem os critérios de exclusão, conforme o Quadro 1. Nas 37 selecionadas, como resultado, obtivemos a aparição de 14 termos que poderiam ser identificados como práticas corporais, a saber: yoga, vôlei, tênis, natação, hipismo, ginástica, dança, caminhada, atletismo, atividade física, cultura física, desporto, esporte e exercício físico.

Estes foram organizados em pastas. Os arquivos foram nomeados por autor, título da reportagem, data, edição de publicação, número da página e quando necessário, com outras informações complementares relativas à referência da fonte.

Cruzamento das fontes: Ao todo, foram encontrados 14 termos que podem ser relacionados com o conceito de práticas corporais por meio da busca pelo termo “Saúde” durante as décadas de 1940 e 1950 nas páginas da revista Jornal das Moças. Estas práticas foram agrupadas a fim de fichar, classificar e determinar a análise dos materiais, assim como para uma sistematização prévia da escrita da narrativa histórica para o presente estudo. Para uma maior organização, as práticas corporais foram agrupadas da seguinte forma:

As práticas corporais organizadas a partir de regras que as definem em conceitos e composições: Ginástica, Natação, Hipismo, Vôlei, Atletismo, Dança, Tênis e Yoga (Quadro 2); e as que são citadas de forma generalizante, ou seja, em termos que englobam diversas práticas corporais: Exercício Físico, Atividade Física, Cultura Física, Esporte, Desporto e Caminhada (Quadro 3). Destaca-se que a Caminhada encontra-se no agrupamento de termos generalistas em razão da revista a representar com elementos generalizantes, esta poderia ser realizada por 10 minutos pela manhã ou em um passeio ao longo do dia, assim não possuía uma estrutura que a conferisse uma identidade específica. Esta categorização nos induziu a separar a análise dos grupos de termos e, também, nos permitiu elaborar a estruturação dos capítulos desta dissertação.

Quadro 2 - Práticas corporais definidas

HIPISMO	1
VÔLEI	1
DANÇA	1
ATLETISMO	1
GINÁSTICA	15
NATAÇÃO/BANHO DE MAR	5
TÊNIS	1
YOGA/YOGUI	1

Fonte: própria autoria.

Quadro 3 - Práticas corporais generalistas

CAMINHADA	4
EXERCÍCIO FÍSICO	19
ATIVIDADE FÍSICA	1
CULTURA FÍSICA	4

ESPORTE	4
DESPORTO	1

Fonte: própria autoria.

Após fichar e classificar os grupos de fontes, fez-se necessário relacionar e confrontar as informações coletadas, a fim de identificar quais as categorias de análise que emergiram das informações. Desta forma, percebeu-se uma maior incidência do termo “beleza” nas reportagens que continham termos mais generalizantes de práticas corporais do que em reportagens que mencionavam termos com sentidos mais específicos. Perante esta pré-análise, optou-se por estabelecer um aprofundamento nos sentidos atribuídos à saúde relacionados aos conceitos de beleza que emergiram da revista por meio dos termos mais generalistas. Assim, o capítulo 3 do presente estudo contou com 14 reportagens analisadas e o capítulo 4 com 23 (Quadro 4).

Quadro 4 - Cruzamento e Organização das fontes

CAPÍTULOS	TERMOS	Nº DE REPORTAGENS
“Vamos educá-las para a saúde!”: As práticas corporais permitidas e as proibidas para as mulheres”	yoga, vôlei, tênis, natação, hipismo, ginástica, dança, atletismo.	14
“Só é bella de facto a mulher que tem saúde”: as representações de saúde das mulheres”	atividade física, cultura física, desporto, esporte, exercício físico, caminhada, ginástica.	23

Fonte: Própria autoria.

Análise das fontes: Nesta etapa fundamentamos estratégias e empregamos os métodos de análise de impressos históricos de Barros (2019), para realizar a compreensão minuciosa das simbologias e códigos do passado, para a investigação das representações e concepções. Nos aprofundamos também nas bases de análise das perspectivas de Motta (2013), onde o autor traz o discurso narrativo como fato histórico em si mesmo, sendo o texto o próprio ponto de partida para análise e o elo entre o narrador e o contexto.

A partir destes delineamentos, questionamentos foram construídos, como: Quais representações de saúde revelam-se por meio das fontes? Quem as indica? Qual o contexto cultural e histórico daquele período em que se constroem estas narrativas para as mulheres?

Desta forma, em seguida, passou-se a contemplar, individualmente, cada uma das fontes impressas organizadas para responder o problema de pesquisa deste estudo, atentando, por exemplo, para a identificação dos principais colaboradores, do público a que se destinava, entre outros aspectos. Após a coleta e o tratamento do material selecionado para a pesquisa, procedeu-se à análise do *corpus* documental, isto é, ao confronto das fontes impressas em articulação constante com a sociedade, o tempo e o espaço no qual a fonte se inseria, ao qual chamamos de cruzamentos de dados.

Mesmo não nos propondo a fazer uma análise iconográfica, a série de imagens, publicadas nas mesmas páginas que os textos analisados, abriram para questionamentos, como: quais os critérios utilizados para a escolha de determinadas imagens como ilustração das reportagens e não outras. Ou seja, é analisado o enquadramento da imagem¹⁶, de forma crítica, pelo viés de que a mesma não está ali por acaso, contribuindo para a interpretação da narrativa, localizando-a como elemento da narrativa.

Os capítulos que seguem apresentam os resultados e a discussão obtidos por meio da análise das informações, desenvolvida visando alcançar os objetivos traçados no início deste caminho metodológico.

3. VAMOS EDUCÁ-LAS PARA A SAÚDE! AS PRÁTICAS CORPORAIS PERMITIDAS E AS PROIBIDAS PARA AS MULHERES EM 1940 E 1950.

A associação construída entre as práticas corporais e a saúde das mulheres, historicamente, serão investigadas neste capítulo. Ainda que nem sempre tenham sido produzidas por mulheres, o segmento das revistas femininas que marcaram a época, entre as décadas de 1940 e 1950. Desta forma, podem ser uma fonte valiosa de elementos para refletir

¹⁶ Conceito surgido na Sociologia e trazido para os estudos de comunicação, sendo empregado para referir-se às propriedades construtivas das representações jornalísticas. As referências originais desse conceito vêm da obra *Frame analysis*, do sociólogo norte-americano Erving Goffman (1974). O mesmo refere-se à natureza do texto jornalístico em geral, numa perspectiva sociocultural e política, não implicando um questionamento da atuação profissional dos autores das matérias. Ao desenvolver a análise, o pesquisador identifica as estratégias textuais e as representações contidas em um *corpus* documental (SOARES, 2006).

as transformações pelas quais a sociedade brasileira estava atravessando e que mantinha as estruturas que condicionavam os papéis das mulheres na sociedade.

O esporte e as práticas corporais para as mulheres têm sido um tema discutido desde o final do século XIX e ao longo do século XX. Características físicas como, força e assertividade geralmente não eram consideradas como louváveis ou adequadas para as mulheres, uma vez que a posse de tais qualidades é contra definições tradicionais de feminilidade deste período. Os esportes modernos foram desenvolvidos e formados durante a segunda metade do século XIX, e os ideais construídos em torno desse fenômeno continuou a tornar as práticas corporais realizadas por mulheres problemáticas (TOLVHED, 2012).

No Brasil, durante as décadas de 1940 e 1950, entre os aspectos que necessitam ser abordados ao se falar de saúde do corpo das mulheres, há os aspectos políticos. Foram construídos projetos, através de leis e decretos, sobre a educação das mulheres via controle corporal, que possuíam o incentivo da imprensa midiática durante o Estado Novo (1937-1945). O projeto nacional regido pelo presidente Getúlio Vargas, tinha as mulheres como elemento essencial e central para o aprimoramento do povo brasileiro (DEVIDE, 2007).

O projeto de Nação construído durante a Era Vargas tinham raízes eugênicas, militares e higienistas, que utilizavam do âmbito da Educação Física como ferramenta para educação dos corpos civis. A ampliação destas convenções pode ser observada quando para a revista JM, a Educação Física deve ser “A educação pelo físico, ou seja, o pretexto para, por meio do esporte, por exemplo, melhorar as qualidades morais e sociais.”, e complementa afirmando que os dois grandes propósitos são: “1º - Saúde 2.º - O aperfeiçoamento das qualidades morais e sociais.” (EDUCAÇÃO FÍSICA, 1959, p.21).

Isto se dá pela construção de um pensamento positivista do século XIX, ao qual construía representações que indicavam as mulheres como inferiores biologicamente, vistas como sexo frágil, sendo assim, deveriam ser dedicadas ao lar e a maternidade (ALMEIDA, 2007). Apesar de algumas conquistas, como a possibilidade de cursar o ensino superior e votar, ainda era vigente no país o Código Civil Brasileiro de 1916, segundo o qual, as mulheres ao assumir a condição de esposa, eram obrigadas a submeter-se a sua autoridade e proteção do esposo, pois este seria o representante legal da família. Enquanto a esposa, sem plena capacidade civil, precisava da autorização do cônjuge para trabalhar e negociar. Sendo assim, a situação civil das mulheres brasileiras nos anos dourados apresentava-se restrita a dois homens: ao pai, enquanto era menor de idade ou solteira, e ao marido, se casada fosse

(PINSKY, 2013, p. 486). Desta forma, as práticas indicadas às mulheres na revista *Jornal das Moças* seguiam estas dialéticas culturais.

Do século XX até início de 1960, as práticas corporais consideradas especialmente recomendadas eram aquelas que imprimiam e corroboravam com o modelo de feminilidade e as funções sociais atribuídas às mulheres brasileiras. Além disso, segundo Kátia Rubio e Milena Mathias (2010), eram valorizadas por serem completamente despida de competitividade, agressividade, desejo de vitória, não contribuindo para o desenvolvimento da ambição individual.

Dessa forma, havia uma nítida distinção entre as práticas aconselhadas a mulheres e aos homens. Judith Butler (1998) discutiu o esporte feminino como algo que desafia os ideais dominantes de feminilidade e pressiona as fronteiras de gênero em processos de negociação cultural sobre a questão das mulheres nas práticas corporais. Assim, praticar esportes, principalmente os não recomendados, é um ato de resistência aos papéis culturalmente impostos por uma cultura hegemonicamente cis-hétero-patriarcal. A história nos mostra muitos exemplos das dificuldades das mulheres quando se trata do direito de participar e estarem incluídas nestes âmbitos de masculinizados.

O caráter eugênico da Educação Física “feminina”, que visava o fortalecimento da Nação por meio do nascimento de crianças saudáveis, estava assentado na compreensão da maternidade como a mais importante missão das mulheres, de forma que era necessário o desenvolvimento de exercícios físicos específicos que as preparavam para a reprodução. Outro fator importante foi a presença da ciência e do saber médico como legitimadores destes conhecimentos que foram disseminados, articulando o processo de normalização e, apoiada por saberes advindos principalmente da anatomia e da fisiologia (MATHIAS; RUBIO, 2010).

É através deste discurso materno e funcional sobre o corpo das mulheres, que se constroem as representações do que não seria saudável praticar. Assim, o corpo das mulheres passa a ser agenciado por terceiros e torna-se um objeto de constante preocupação e controle. Isto se dá por meio de discursos em torno da saúde das mulheres, que são reproduzidos historicamente, os quais são desenvolvidos por processos sociais e legais, que permitem estas representações se estabeleçam e sejam reproduzidas.

No Brasil, um veículo de conhecimento midiático que utilizava do campo da Educação Física nos impressos, era a *Revista Brasileira de Educação Física*, que teve sua primeira edição no mês de janeiro de 1944. A justificativa apresentada para a sua criação foi a

crescente valorização que a área vinha recebendo do governo federal, desde a década de 1930¹⁷ e a disseminação dessa consciência sobre a importância da Educação Física no país. Em seus artigos podemos encontrar vestígios de conceitos de saúde em relação às práticas corporais contraindicadas, as que deveriam ser adaptadas por questões de gênero e as selecionadas como proibidas pelo saber médico do período. Dentre estas, em 1947 a revista publica que,

No amplo catálogo dos desportos contraindicados, estavam as provas aquáticas acima de 400 metros, [...] O polo aquático, lançamento do martelo, as corridas até 200 metros, o salto com vara e o salto triplo (...) O levantamento de peso e halteres, bem como a ginástica de aparelhos, [...] futebol, [...] O hockey, o baseball e o rugby. [...] o boxe, a luta livre, o jiu-jitsu, a esgrima de espada e sabre. O saber médico também era contrário à participação feminina na ginástica acrobática (REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1947, p.32 e 34, apud. SILVA, FONTOUR, 2011, P.272).

Um aspecto comum nos esportes citados, refere-se ao medo da masculinização dos corpos como uma das principais barreiras sociais para a inserção das mulheres. O universo desportivo poderia significar uma ameaça à tradicional imagem “feminina”. A mulher esportista punha em risco a ordem e a manutenção da sociedade. Essa maior liberdade dada à mulher poderia virilizar seu corpo e pôr em risco sua heterossexualidade (CAMARGO, 2010; DEVIDE, 2004).

Sendo assim, as mulheres até poderiam ser fortes, mas sem ultrapassar os limites de sua “natureza” e preservando a saúde do corpo. As comparações de aparência e as funções masculinas reforçam e visam manter as dicotomias presentes na sociedade. O aumento excessivo de massa muscular era indesejado, era preciso preservar as linhas suaves, a harmonia e a graciosidade das mulheres. A circulação de informações e recomendações, reforçam a importância dos cuidados com a estética corporal, com a saúde e com a capacidade

¹⁷Entre as ações governamentais, pode-se destacar a prática obrigatória dos exercícios físicos nos estabelecimentos de ensino secundário; a criação da Divisão de Educação Física (DEF), pelo Ministério da Educação e Saúde (MES); e a fundação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, no Rio de Janeiro. Sendo esta, uma instituição de ensino superior que tinha como finalidade formar professores e técnicos capazes de orientar e dirigir a prática dessa atividade, em diferentes ambientes educacionais.

produtiva, principalmente, o cuidado de partes específicas relacionadas à maternidade, como seu abdômen e cintura pélvica (SILVA, et al. 2011).

Este movimento através dos discursos médico-biológico, ajudou a construir um ideário de práticas permitidas e abolidas que se expande para além do âmbito cultural brasileiro. O primeiro Decreto-Lei que efetivou estas narrativas foi em 14 de abril de 1941, onde através do Art. 54 - nº 3199, apontava incompatibilidade da "natureza feminina" com alguns esportes, proibindo, assim, a prática dos mesmos pelas mulheres, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.”

Entretanto, anos mais tarde, em 1965, existiu a necessidade de uma proibição mais específica e enérgica, que pode aparentar indícios, de que, aparentemente, a Lei-Decreto anterior de 1941, não foi o suficiente para afastá-las de realizar tais práticas corporais (FREITAS et al, 2019). A deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desporto (CND) acrescenta elementos ao Art. 54 do Decreto-Lei nº3199 e regulamenta as práticas esportivas às mulheres, a qual apresenta no parágrafo II a seguinte interdição: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”. Esta Lei só é revogada em 1979, e os vestígios destas normativas persistem até a década de 1980, onde a prova feminina de três mil metros não foi incluída no programa olímpico do atletismo, sob a alegação de que era “um pouco extenuante para as mulheres e afetaria negativamente seu metabolismo.” (HARGREAVES, 2004, p. 217).

A saúde das mulheres, nesse sistema social, foi analisada através de uma racionalidade positivista. Esse olhar sobre o corpo, onde o sistema governamental (neste período, composto apenas por homens) é quem designa o direito de praticar, ou não, determinado esporte. Não é permitido às mulheres agenciar o próprio corpo e o seu movimento. Ainda sobre os resquícios presentes, pesquisas sobre a cobertura da mídia mostraram que atletas femininas foram (e de fato ainda são) marginalizadas em termos quantitativos em comparação com aos homens. Quando representadas, seus desempenhos esportivos são frequentemente banalizados e considerados menos importantes do que para seus pares das modalidades masculinas (TOVHED, 2012).

Vale lembrar, que neste período as mulheres são mais representadas por terceiros do que se autodefinem. Na maioria das vezes, quem exerce o poder – parlamentares, clérigos, pais, legisladores, médicos – utilizam da função de porta-vozes da sociedade, falando sobre elas, e por elas (PERROT, 2007). Mas isto não significa que não havia no Brasil movimentos contrários a tais afirmativas, proibições, decretos e leis, ou que as mulheres não estavam presentes nas quadras, campos e águas, por conta destas, lutando por suas permanências e inclusões. Mas este assunto fica para aprofundamento em um estudo futuro.

Representantes sociais importantes também faziam o uso de sua autoridade e locução para pronunciar seu posicionamento político em relação à inserção das mulheres em determinadas práticas corporais. Pierre de Coubertin, conhecido por ser o fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna, o mais importante evento desportivo mundial, foi presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional) entre os anos de 1896 e 1925, onde em textos enviados à imprensa, em suas cartas oficiais do COI, expunha a sua oposição à participação das mulheres em modalidades específicas nos Jogos Olímpicos. Após as participações olímpicas de mulheres entre 1900 e 1908, em artigo para a *Revue Olympique* (1912), o mesmo demonstra que determinadas modalidades poderiam ser permitidas ou toleradas a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos, entretanto, outras deveriam ficar reservadas aos homens, com o seguinte argumento: “Não há somente jogadoras de tênis e nadadoras, há também amazonas e praticantes de esgrima, e na América, remadoras. É possível que haja em um futuro próximo corredoras e até mesmo mulheres que joguem futebol?” (COUBERTIN, 1912, p. 703.) Já em 1928, no *Bureau International de Pédagogie Sportive*, Coubertin afirma que “Cultura física e cultura desportiva: sim. Isso é excelente para a jovem e para a mulher. Mas, no que concerne à natureza feminina, é preciso ter muito cuidado com essa rudez do esforço masculino” (COUBERTIN, 1928, p.178).

Estes princípios e elementos culturais que circundam as práticas corporais que colaboram com a saúde das mulheres (como tênis e natação que são citadas por Pierre de Coubertin) possuem argumentos, premissas e determinadas justificativas para serem aceitas e recomendadas. A revista JM, ao longo de suas publicações, traz em seus conteúdos e temas as práticas corporais consideradas ideais para a manutenção da saúde e sugestões de como realizá-las no dia a dia das moças brasileiras. Exploraremos esses vestígios a seguir.

3.1 ESPECIALMENTE PARA SAÚDE: AS PRÁTICAS CORPORAIS QUE ERAM INDICADAS E RECOMENDADAS PARA AS MULHERES NO JORNAL DAS MOÇAS

As práticas corporais que eram permitidas para as mulheres, deveriam atender a uma série de restrições, que visavam preservar a saúde. Segundo Goellner (2016, p.33), é construído, juntamente aos preceitos do projeto de nação com viés higienista e eugenista, um novo discurso, onde a saúde das mulheres, vinculada às práticas corporais, torna-se sinônimo de um novo conceito de beleza e feminilidade.

Como base de um projeto coletivo de democratização da educação, o movimento higienista preocupa-se com a formação moral da população e a formação da identidade nacional brasileira, onde o povo doente era o grande obstáculo ao progresso ou à civilização, nos termos do início do século XX. O brasileiro seria mais saudável porque aprenderia os novos hábitos higiênicos indicados pelos cientistas, criando, assim, um sentimento comum de nacionalidade, uma cultura própria (GÓIS JUNIOR, 2008). A busca pela modernidade fazia com que fossem incentivadas também as práticas corporais desenvolvidas por um modelo de cultura física, inspirado principalmente na Europa e América ocidental. Este modelo era fundamentado por um ideal de aperfeiçoamento do físico, e para a formação de uma raça forte e patriota (DIAS, 2011).

Segundo a revista JM a prática do tênis e da dança que trariam tais benefícios indispensáveis, como saúde e bem-estar, eram cultivados em alguns países europeus, onde as mulheres aderiram a estas práticas (J.EZAGUI, 12/03/1953; CONSELHOS DE BELEZA, 05/03/1959). Além de que, a prática do tênis confere “uma figura realmente atraente, [...] Os músculos adquirem a graciosa elasticidade que é herança da feminilidade”(CONSELHOS DE BELEZA, 05/03/1959, p.7).

Além da “conservação da linha jovem moderna, pois lhe confere uma esbeltez e harmonia” (CONSELHOS DE BELEZA, 05/03/1959, p.7), estas práticas propiciavam a formação de mulheres com uma juventude envolta de uma saúde inovadora, mas que apresentavam traços de distinções sociais. Através de atividades como o tênis, a burguesia brasileira tentava distinguir-se e identificar-se a seus pares, pois eram os clubes privados que ofereciam espaços e equipamentos adequados para realizar tal prática. Segundo Mônica Schpun(1999), a importância atribuída à presença das mulheres nas quadras de tênis devia-se à necessidade que a elite via em manter a manutenção das relações, sociabilidades e

representações. As duplas mistas reforçavam essa imagem de partilha vivenciada de maneira agradável.

Quando se trata de bases para os fundamentos modernos, a França se torna uma referência para países em desenvolvimento, como o Brasil. Segundo Perrot (2007), é no contexto da Revolução Francesa, que se objetivava romper com estruturas de um passado, que impulsionaram ações contra uma série de conceitos e práticas tradicionais. A influência da cultura europeia revela-se também em outras práticas corporais além do tênis e da dança. Estes vestígios podem ser encontrados através de reportagens assinadas por autoras (es) e inspirações francesas das décadas de 1940 e 1950 no JM.

Como exemplo, temos o autor francês da *L'Encyclopédie de la Femme*¹⁸, George Le Cerf (09/08/1951, p. 4 - 5), que possui uma publicação traduzida para o JM, assegurando que a ginástica é “muito recomendável para a conservação da saúde. Se você é uma jovem adolescente, deve fazer êstes exercícios, que ajudarão o crescimento harmonioso de seu corpo”. A indicação da realização da ginástica como uma prática saudável para as mulheres pelos franceses, nos revela traços de como o Brasil se inspirou neste país para construir a própria cultura corporal de movimento. A Jeanne Chavant (07/11/1957, p.9) colaboradora da revista francesa Marie France, também possui reportagens traduzidas pelo JM, revelando-nos que a prática da ginástica durante as manhãs era determinada como um “hábito muito higiênico que convém a saúde”, ou seja, uma técnica cotidiana preventiva de doenças e promotora de saúde.

Vestígios da influência da própria revista francesa Marie France para o JM pode ser observado no formato da apresentação estética das capas no período da década de 1950:

¹⁸Tradução: “A Enciclopédia das Mulheres”. Publicado em Paris (França), Editora Paris, Org. F. Nathan, 1950.

Imagem 7 - Revistas femininas Marie France e Jornal das Moças



Fonte: Hemeroteca Digital e Pinterest

#Paracegover Na imagem há duas capas de revistas, uma do lado da outra. Na da esquerda possui uma mulher branca, jovem, de cabelos pretos presos, sorrindo com o canto da boca sem mostrar os dentes. Em sua cabeça há um chapéu grande verde, sua boca possui batom vermelho, as mãos estão com uma luva branca, e veste um vestido listrado rodado na altura dos joelhos. Ela está posando com os braços entre abertos com um fundo branco e letras em vermelho com dizeres em francês. A segunda capa também está uma mulher branca, jovem, de cabelos loiros presos, com semblante sério. Em sua cabeça há um chapéu azul marinho com uma fita branca, sua boca também possui batom vermelho, e há brincos e colar de pérola branca. As suas mãos estão de luva branca, e veste um vestido azul marinho justo, até os joelhos, com botões em branco até a altura do umbigo. O fundo da imagem é branco, com alguns vasos de plantas verdes pelo chão. A modelo está apoiada com uma mão num corrimão branco, e a outra posando na cintura. Os pés de ambas não aparecem na imagem.

A modernidade advém de um processo, ao qual, é orientado por uma vertente que se utiliza de estruturas simbólicas, que são construídas culturalmente. Sendo assim, envolto por essa ideia de modernidade, cria-se um movimento brasileiro de aproximação, onde, essas novas formas de organização da vida em sociedade trouxeram mudanças disciplinares em diversos comportamentos, inclusive nas maneiras de interação do corpo das mulheres com as práticas corporais.

Um exemplo dessas novas estruturas simbólicas culturais é a inclusão do banho de mar na vida das brasileiras, que, segundo o JM (BANHO DE MAR, 29/09/1946, p.52), “foram lançados em moda pela duquesa de Berry¹⁹ por motivos de saúde [...]”. O título de Duquesa de Berry é referente à nobreza francesa, e este episódio histórico citado ocorre em 1822, quando o Conde de Brancas funda o primeiro estabelecimento de banhos de mar e consegue convencer a Duquesa a banhar-se no local.

Já no Brasil, a Duquesa de Berry pode ser representada pela atleta olímpica, pioneira na prática da natação como um esporte feminino: Maria Lenk. Isso porque, em 1932, pela primeira vez na história do Brasil, uma mulher é incluída na delegação nacional dos Jogos Olímpicos como atleta. Getúlio Vargas, atual presidente vigente daquele período, faz questão de saudar Lenk, na época com 17 anos, elogiando seus “predicados eugênicos”, que torna-se um exemplo a seguir (MONTANHA, 2019).

A partir disso, a natação passa a ser um dos esportes mais bem vistos socialmente. A modalidade se difunde nas primeiras décadas do século XX chegando aos anos 1950 como um dos esportes prediletos para elas. Nesse período a mulher esportista estava em plena expansão (BAHIA; SILVA, 2018). Vestígios desses traços podem ser encontrados numa reportagem de 1947, onde a natação é revelada como um esporte completo, pois “reune em si as vantagens do exercício sobre a silhueta e atua, ao mesmo tempo, como excelente tratamento de saúde e de beleza. [...] é o desporto que os médicos recomendam.” (AQUI TUDO É ÚTIL, 21/08/1947, p.74). Neste período, por meio do reconhecimento social e a recomendação médica, a natação conquista lugar de destaque, sendo considerada uma das práticas mais adequadas, por não alterar as formas “femininas” e promover a saúde. Em sua autobiografia, Lenk afirma que “a natação gozava de fama de dispensar a força muscular, portanto, não prejudicando as virtudes femininas de graciosa fragilidade imposta pelo

¹⁹ Segundo Anne Martin-Fugier data do Primeiro Império o início da exploração das águas de fonte, em 1809, onde havia 1200 pessoas em tratamento em Aix-Les-Bains, e da Restauração a descoberta dos banhos de mar. Em 1822, o Conde de Brancas, subprefeito de Dieppe, funda o primeiro estabelecimento de banhos de mar, e consegue levar a Duquesa de Berry ao local. Até 1830, em julho de cada ano, a corte se desloca para Dieppe. Depois de 1830, os aristocratas do faubourg Saint Germain conservam o hábito. Dieppe, na época é o único balneário realmente organizado, mesmo que, em 1835, já se começa a falar da pequena praia de Biarritz, que, no Segundo Império, se tornará a estação predileta da imperatriz Eugênia. No final da Monarquia de Julho, a praia de Trouville, na costa normanda, entra na moda, embora mais burguesa e menos chique do que Dieppe. FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

machismo dominador” (LENK, 1982, p.17).²⁰ Desta maneira, a nadadora reproduz a crença de que a natação não comprometeria a feminilidade, porque não necessitava força física e não prejudicava as virtudes femininas. A permissão da prática da natação a tornava uma ferramenta importante para manter as expectativas diante das representações e funções das mulheres deste outro tempo, servindo aos interesses das estruturas patriarcais hegemônicas.

Outro exemplo citado pela revista por praticar natação é a Miss Universe Beauty Pageant de 1957, Heloisa Menezes, filha do Coronel do Exército Eloi Menezes. Ela é elogiada, pois “gosta de esportes, sendo especialista em natação, vôlei e hipismo.” (OTÁVIO DE ALMEIDA E ARMANDO NEVES, 04/07/1957, p.64 e 65). Este apontamento demonstra vestígios de como a prática do voleibol popularizava-se rapidamente na década de 1950²¹. Identificado como uma prática não violenta para as mulheres por não promover o contato físico, a aceitação do voleibol começou a aumentar entre as jovens, construindo uma representação de saúde ao praticá-lo. Outra razão que contribuiu para a ampliação da participação das mulheres no voleibol foi o seu ensino nas aulas de educação física no espaço escolar (DALSIN; GOELLNER, 2007).

A mesma reportagem afirma que a natação, vôlei e hipismo não têm o caráter de simples entretenimento, pois “praticados metodicamente, vêm contribuindo para o equilíbrio de seus encantos físicos, resultando na conquista do título que a colocou a dois passos do coroa que apontará a rainha da beleza mundial.” (OTÁVIO DE ALMEIDA E ARMANDO NEVES, 04/07/1957, p.64 e 65).

Visto que, é necessária uma certa posse de capital econômico, pelo significativo valor dos cavalos, equipamentos e instalações específicas, Heloisa Menezes demonstra que pertencia a uma camada privilegiada da população brasileira. A prática do hipismo não encontrava resistência na instrução das mulheres, em especial daquelas pertencentes às elites econômicas (PEREIRA, MAZO; 2019).

Contudo, o hipismo desafiava a concepção hegemônica de fragilidade feminina vigente da época, possibilitando um certo protagonismo conferido às mulheres. Uma vez que os homens competiam com elas igualmente, em virtude da atuação composta por um conjunto

²⁰Maria Lenk decidiu escrever sua autobiografia, *Braçadas e abraços*, narrando sua trajetória na natação brasileira de 1930 a 1942 In: LENK, Maria. *Braçadas & Abraços*, Grupo Atlântica - Boa Vista, 1982

²¹Em 1951, por exemplo, aconteceu no Rio de Janeiro, o 1º Campeonato Sul-Americano e começaram a surgir entidades específicas na busca de organizar a modalidade, como a Confederação Brasileira de Voleibol, em 1957 (DALSIN; GOELLNER, 2007).

entre o animal e o atleta: cavaleiro, referindo-se aos homens, ou amazonas²², tratando-se das mulheres (PEREIRA, MAZO; 2010).

No entanto, por meio de cuidados com o corpo, com a beleza e com a indumentária, as amazonas não deixavam de produzir e reproduzir normas vinculadas à construção da feminilidade. Ou seja, além da natação, a prática do vôlei e do hipismo também são envoltos de objetivos que envolvem beleza e saúde, como observado nas representações presentes no JM. Objetivos estes que fazem parte dos elementos que devem estar de acordo com as funções sociais das mulheres neste período.

Por vezes, as representações de saúde e beleza aparecem como sinônimos nas reportagens, isso leva as mulheres a uma total insatisfação com seus corpos. O Yoga, por exemplo, é representado pela revista como uma prática que leva à “conservação da saúde e da beleza”(GINÁSTICA YOGUI, 18/06/1942, p.46). Em especial no Brasil, o yoga passou por inúmeras mudanças quanto às suas práticas e representações, através da veiculação de imagens e de discursos nos meios de comunicação de massa (revista, jornal, televisão e internet). O que motivou uma boa acolhida em âmbito nacional foi a recomendação por práticas médicas e para-médicas promotoras de saúde, juventude e longevidade (práticas preventivas) aqui no Ocidente (SANCHES, 2017).

Desta forma, Sanches (2017) afirma que muitas revistas passaram a reforçar essas representações do yoga como prática de saúde, expondo corpos esbeltos e esculpidos, de pessoas jovens e saudáveis nas capas. Através da ideia de culto à beleza, o yoga passou a ser veiculado não só em revistas especializadas, como também revistas de estética, saúde e bem-estar, sendo difundido em revistas femininas, quase como um remédio milagroso tanto para manter a boa forma e a manutenção da beleza, quanto para a saúde, como vimos na revista *Jornal das Moças*.

Estar em constante descontentamento com o corpo é uma concepção que pode ser compreendida quando olhamos para a imprensa feminina do século XX. Em uma publicação de Léa Silva para o JM (11/02/1954, p.12), a autora afirma que, “[...] Num corpo feminino, há sempre alguma imperfeição a corrigir, a disfarçar e a esconder, quer pelo truque na maneira

²²Este termo tem origem na mitologia grega e é representado como mulheres de caráter ativo, fortes e bravas. Eram guerreiras que viviam em comunidades independentes de homens. No Brasil, acredita-se que há tribos de indígenas compostos por amazonas. O rio Amazonas, por exemplo, leva este nome, pois quando expedicionários europeus, liderados pelo espanhol Francisco Orellana, chegaram à região que hoje pertence à Amazônia, em 12 de fevereiro de 1542, encontraram um grupo de índias guerreiras à margem do rio, e relembrando a mitologia, deram este nome a um dos maiores rios do mundo (SÁ; GRIZOSTE, 2018).

de vestir, quer pelos exercícios físicos, regimes alimentares e tratamento de beleza”. Frequentemente encontramos na revista proposições onde o corpo é apresentado como matéria plástica, moldável, passível de ser reparado, sendo visto e revisto pelos padrões e valores da época.

Geralmente a organização das páginas do JM possui diversas intervenções de propagandas; dividem-se em três colunas de textos; e não comprometem-se em possuir coerência entre os temas apresentados em uma mesma coluna. Contudo, esta mesma reportagem escrita por Léa Silva²³ (11/02/1954), localiza-se em uma página completa, o que não era comum no JM. Isto demonstra que esta reportagem escrita por uma mulher possuiu um lugar de destaque nesta edição.

Analisando as composições de narrativas, os textos de Léa Silva geralmente são compostos por injunções em seu discurso, com o propósito de aproximar as leitoras da autora, como por exemplo: “Quando inteligentes, como são as leitoras do Jornal das Moças, valem-se da força de vontade para conseguir beleza em todos os sentidos físico, moral e intelectual.” (LÉA SILVA, 11/02/1954, p.12). Ou seja, as páginas produziam e reproduziam simbologias e elementos socioculturais do universo das feminilidades daquele tempo, apostando na essência de ser uma revista companheira e amiga de suas leitoras, utilizando-se de estratégias na escrita e construía aos poucos, uma relação de familiaridade, amizade e segurança.

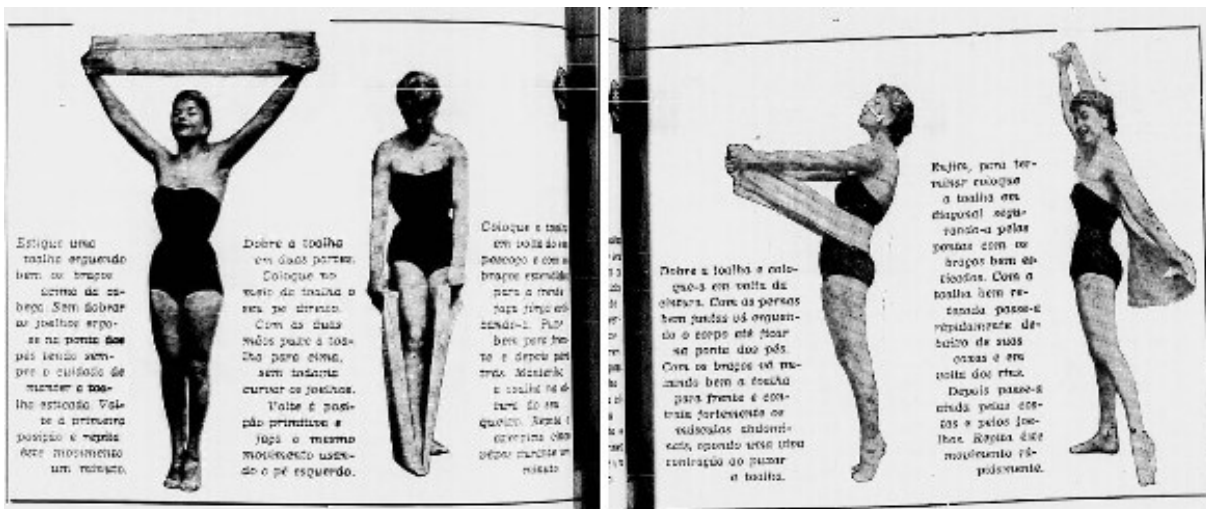
É também comum encontrarmos na revista modelos de “como fazer” ou “faça você mesma em casa” através de imagens nas reportagens. Para isso, os empregos de verbos imperativos eram utilizados, que, para Buitoni (1990), à primeira vista, poderiam parecer sugestões, mas que auxiliavam, também, para o convencimento e adoção de comportamentos.

Clarificando, podemos observar o exemplo da imagem (8) com representações de ginástica de 1957. Ao lado do quadro há recomendações de como fazer essa ginástica matinal, que inclusive, sugere a utilização do maiô para realizá-lo. O contexto da mesma diz que os rigores do inverno costumam “fazer com que as mulheres fiquem indolentes e descuidem da ginástica.” Mas com a chegada do verão, sugere-se que “salte da cama meia hora antes do costume para fazer a sua ginástica. [...] você se sentirá rejuvenescida” (JEANNE CHAVANT, 7/11/1957, p.9). A preocupação com a aparência saudável estava contornada pelos ares de juventude, que além de poder ser mantida, poderia ser adquirida e corrigida através da

²³ Segundo Melo (1954), Léa Silva também tinha um programa de rádio chamado “A voz da beleza” em 1934 e era formada em contabilidade e farmácia, sendoum dos nomes mais populares daquele período, era escritora e colaboradora da revista com publicações em torno do tema da beleza feminina.

ginástica (Imagem 8). Dessa forma, a nova mulher brasileira movimenta-se e exercita seu corpo (BARROS, 2017).

Imagem 8 - “Uma beleza fresca e Juvenil”



Fonte: Hemeroteca Digital.

#Paracegover Imagem de duas páginas da revista que se completam. Há quatro fotos da mesma mulher, branca, com cabelos curtos, vestindo um maiô preto e descalça. Em suas mãos há um pedaço de tecido que ela manuseia para realizar movimentos de “ginástica”. Na primeira foto ela está posicionada de frente, com os braços para cima, estendendo os cotovelos e esticando o tecido. Na segunda foto, ela está posicionada de frente, o tecido está abaixo dos pés e sendo segurados pelas mãos, como se estivesse o puxando. Na terceira a mulher está posicionada de lado, com o tecido na cintura, segurando-o com as mãos e fazendo um movimento de puxá-lo para frente, estando nas pontas dos pés. Na quarta imagem a mulher aparece novamente posicionada de lado, desta com o tecido estendido em diagonal atrás das costas, segurando-o pelas mãos. O fundo é branco com dizeres de como realizar tal “ginástica”.

Ainda em relação às representações de ginásticas para as mulheres daquele período, George Le Cerf sugere uma ginástica “natural” e “instintiva”, como a dos felinos, que espreguiçam-se todos os dias quando acordam (Imagem 9). Segundo o autor, esta ginástica “afinará sua cintura e dar-lhe-á uma graça incomparável aos movimentos. Imite o seu gato” (GEORGE LE CERF, 09/08/1951 p.4).

Imagem 9 - “Espreguice-se como um felino...”



Fonte: Hemeroteca Digital.

#Paracegover A imagem possui duas páginas com imagens de uma mulher branca, de cabelos curtos, vestida com uma blusa e short pretos. Ela está descalça e fazendo diversos movimentos de alongamentos no chão. Ao total são treze posições diferentes de alongamentos. No lado esquerdo da página ela aparece em pé, levando o tronco para atrás. Em seguida, está deitada com ventre para baixo, empurrando o tronco para cima com as duas mãos. Logo após, aparece sentada, tentando tocar as pontas dos pés. Do lado direito, a mulher está em pé, com as duas mãos juntas, alongando-as para cima da cabeça. Em seguida, aparece sentada sobre os joelhos e com o tronco próximo do chão, na imagem abaixo, na posição de três apoios a mulher uma das pernas para cima com o joelho flexionado. Na próxima imagem, os dois pés estão no chão, tocando o chão com as mãos ao lado dos pés e com as pernas estendidas. Na última imagem, está com o ventre para cima alongando-se em posição de ponte. O fundo é branco com dizeres ao redor com explicações de “como fazer” tais alongamentos.

Refletindo sobre a sugestão dos movimentos graciosos e flexíveis dos gatos que afinam a cintura das mulheres, Perrot (2007) nos elucida que a modernidade é atingida por essa ideia de leveza, flexibilidade e agilidade (características também presentes nos felinos), aumentando a exposição do corpo com a redução das roupas. Assim, as novas práticas corporais que iam surgindo se inserem nas medições da circunferência da cintura para orientação das consultas médicas.

Em decorrência deste processo, as concepções de formas de educação dos corpos das mulheres na nossa sociedade eram múltiplas, de acordo com as ideias defendidas por Fernando de Azevedo²⁴ no período deste estudo, a prática da dança era concebida como um método de educação corporal “feminina” (SCHPUN, 1999). Em outros momentos, eram realizadas intervenções médicas como educação das mulheres, que também estão presentes na revista JM, como pode ser visto em outras reportagens.

Em uma reportagem do médico Dr. J. Ezagui²⁵ (12/03/1953, p.74), a prática da dança é um elemento indispensável para manter uma aparência saudável, sendo considerada ideal. Há uma preferência das mulheres para realizar esta prática, “no entanto, têm como principal objetivo despertar o interesse e a atenção dos homens, a fim de melhorar sua saúde e bem-estar”. Acompanhando o contexto histórico e social da época, que preservam o recato, a busca por um casamento e a valorização da necessidade de agradar os homens, a dança também aparece na revista influenciada por estas características, ou seja, dançar, quando se fala para mulheres, engloba sentir-se desejada, e obter os olhares masculinos. Contudo, segundo Alves (2011), na medida em que o corpo, na perspectiva ocidental, retrata um protótipo da beleza, a dança é representada por esses aspectos, envolta pela valorização de corpos extremamente padronizados de bailarinas clássicas, magras e esguias, o que pode ser influenciado nos padrões de beleza desenvolvidos pelo JM em relação às práticas corporais.

Já o atletismo, apesar de ser representado na revista como uma prática corporal indicada, possuía ressalvas. Em uma reportagem, cujo título anuncia o “progresso da mulher

²⁴Fernando de Azevedo, um dos intelectuais da Educação Brasileira e protagonista do movimento da Escola Nova. Durante a primeira década do governo de Getúlio Vargas, em 1930, Azevedo, Anísio Teixeira e outros membros do movimento escolanovista, tomaram parte em cargos públicos nas esferas federal, estadual e municipal em um cenário de centralização do poder marcado, com o objetivo de intervir e disseminar os preceitos higienistas sobre a realidade social, sobretudo no cotidiano das crianças. A ordem e a higiene eram o ponto de partida da Escola Nova (GÓIS JÚNIOR, 2016).

²⁵É possível encontrar vestígios do Dr. José Ezagui nas décadas de 1940 e 1950 através da venda de Ex Libris por colecionadores. O conteúdo é formado por conhecimentos da medicina. Disponível em: <https://www.ebay.co.uk/itm/173770800207?mkevt=1&mkcid=1&mkrid=710-53481-19255-0&campid=5338722076&customid=&toolid=10050> acessado dia 31 de maio de 2022.

no atletismo” de 1940, são apresentadas as turmas femininas na disputa da Taça Dr. Ademar de Barros²⁶, em São Paulo. “Quasi uma desena de clubes apresentou-se naquela disputa com atletas em ótimo estado de preparo físico.” Neste evento há também a notável presença de Maria Lenk entre as atletas de atletismo, e a própria reportagem ressalta que “Não será prejudicial às suas qualidades técnicas”. A publicação incentiva a prática destas moças, elogia o trabalho dos técnicos e destaca que, são momentos assim que fazem surgir “oportunidades para as futuras campeãs.” (JOLEAN²⁷, 12/10/1940, p.14).

Anos antes, grupos feministas exerciam pressão cada vez maior pela abertura deste esporte, principalmente nos Jogos Olímpicos, onde seu idealizador, Pierre de Coubertin afirmava que bastava “o aplauso feminino” como participação das mulheres dentro deste evento. A principal ativista dessa causa era a francesa Alice Milliat²⁸. Desde o início do século XX, ela buscou junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI) a inclusão de mulheres em todas as modalidades esportivas, especialmente nas provas de atletismo e esportes de equipe (REMO BRASIL, 2022). Neste caso, a mídia pode ser compreendida como grande influenciadora das mudanças destas representações, dando destaque, ora incentivando a participação, ora reforçando as representações e estereótipos.

Estes aspectos citados nos discursos através das práticas corporais do século XX educam as mulheres conforme o modelo de feminilidade deste período, relacionando saúde e beleza, que perduram na forma de estereótipos atribuídos ao gênero, ao qual o corpo das mulheres aparece como determinantes de suas funções sociais. Estas narrativas tinham como base as teorias das ciências médicas e biológicas (CAMARGO, 2010). Contudo, as práticas corporais para as mulheres foram ferramentas destas simbologias.

²⁶ Médico por formação, Adhemar de Barros (1901-1969) revelou-se um político empreendedor, e realizou obras monumentais como prefeito e governador do Estado de São Paulo. Sua fama cresceu paralelamente à denúncias de corrupção em seu governo, ao qual lançou popularmente a frase “rouba, mas faz”. (COTTA, 2008)

²⁷ Não foi encontrado nada sobre este/a autor/a, possui apenas esta aparição em toda edição da revista.

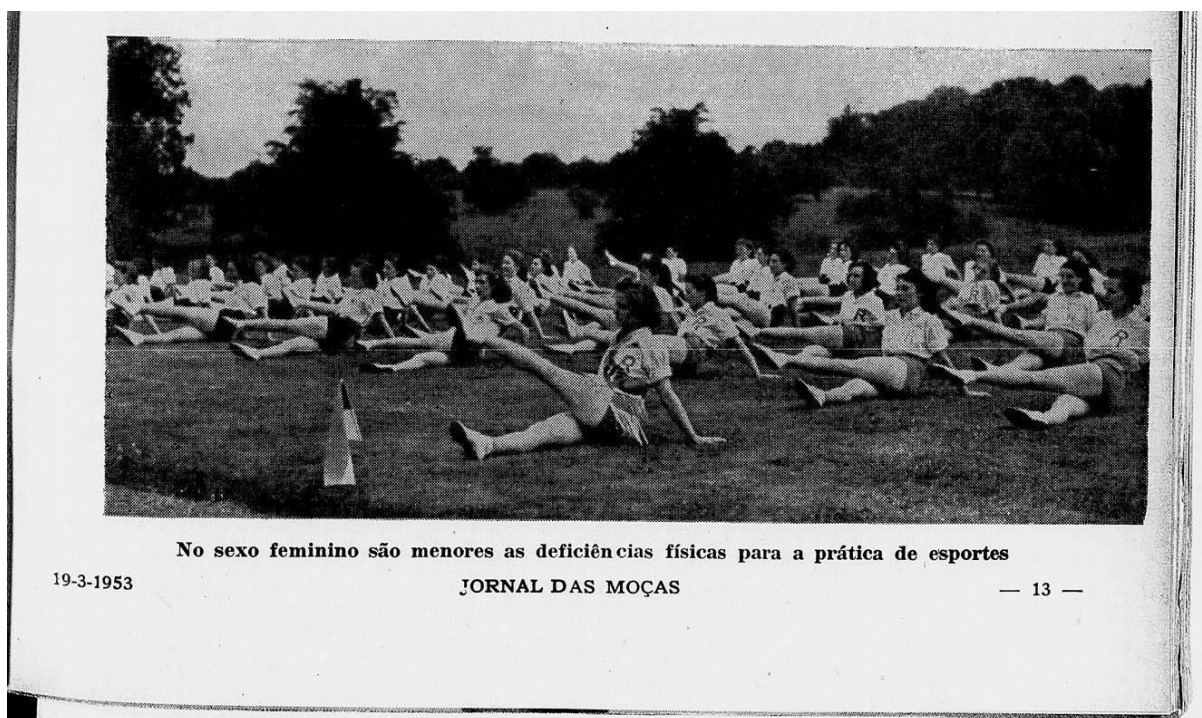
²⁸ A participação feminina nos Jogos Olímpicos começou na França, em 1900, mas as mulheres eram limitadas a três modalidades: tênis, golf e vela. Alice Millat foi uma das organizadoras dos Jogos Mundiais Femininos, contando com a presença de seleções dos Estados Unidos, Reino Unido, República Tcheca e França. O evento foi realizado em Paris, em um dos maiores estádios daquela época. Depois do sucesso do evento, pouco a pouco as mulheres foram sendo incluídas em outras modalidades esportivas nos Jogos Olímpicos. Uma estátua em honra de Alice Milliat foi erguida em frente ao Comitê Olímpico Francês em 2021. (SITE OFICIAL DA CONFEDERAÇÃO DE REMO DO BRASIL, A Saga de Alice Milliat e a inclusão de mulheres nas Olimpíadas. Disponível em: <https://www.remobrasil.com/noticias/remo-internacional/2173-a-saga-de-alice-milliat-e-a-inclusao-de-mulheres-nas-olimpiadas> Acesso: 8 de março de 2022.

Por meio da interpretação de uma determinada representação, podemos dialogar com os padrões, os valores de um período. Os elementos que constituem o "ser feminina" geram efeitos nos comportamentos e orientam as novas maneiras de se constituir as identidades das mulheres. Por exemplo, Goellner (2001) explica que a feminilidade no início do século XX estava associada à construção do papel social de mulher-mãe, as práticas corporais eram o meio para o controle deste corpo e preparação para maternidade, romper com esta ordem significaria a masculinização das mulheres.

Apesar de todos os apontamentos encontrados para a exclusão das mulheres do mundo esportivo, em 1953, o JM publicou uma pesquisa realizada na França por médicos esportivos com cerca de 6.000 crianças e adolescentes. A pesquisa tinha como objetivo analisar os fatores biológicos de predisposição de doenças e deficiências, ao qual a prática de determinados esportes deveria ser proibida. A publicação ainda afirma que os resultados desta pesquisa deveriam ser um "exemplo a ser seguido pelos governos de todos os países". Contudo, o que nos chama atenção nesta reportagem, é que, um dos resultados apresentados nos diz que "No sexo feminino são menores as deficiências físicas para a prática de esportes" (ÚTIL O CONTROLE MÉDICO ESPORTIVO EXTRA-ESCOLAR, 19/03/1953, p.12 e 13), tornando ainda mais evidente que as proibições feitas durante este período não estavam de acordo com o respaldo científico. Havia pesquisas em avanço que demonstravam contrapontos. Entretanto, as leis continuavam afastando as mulheres destes esportes via leis/decretos governamentais, tornando cada vez mais enraizado as compreensões sociais e culturais em relação ao mito das "fragilidades femininas".

Portanto, a saúde das mulheres é importante na constituição da identidade e função social. Mas as instâncias da saúde e do corpo foram e ainda são controladas. A agência das próprias escolhas não era permitida às mulheres. Estes controles eram disseminados pelo discurso midiático, e assegurados via leis e decretos no âmbito brasileiro, reforçando a construção de um imaginário cultural a ser reproduzido pelo cotidiano da sociedade, onde as mulheres são proibidas legalmente de praticarem determinadas práticas corporais como forma de educação, civilização e controle corporal.

Imagem 10 - “Útil o controle médico esportivo extra-escolar”



Fonte: Hemeroteca Digital.

#ParaCegoVer Imagem de cerca de 50 mulheres, sentadas enfileiradas uma ao lado da outra em um gramado a céu aberto, com ambiente arborizado. Todas realizam o mesmo exercício, onde uma das pernas está estendida à frente tocando o chão e a outra perna está elevada na altura do peito estendido à frente. Todas estão uniformizadas com uma camisa branca, shorts e tênis nos pés.

Observamos assim, a importância dos componentes do campo da Educação Física na formação de um conceito de saúde das mulheres, nos hábitos higiênicos, na moralização dos costumes e comportamentos que, segundo Silva et al. (2011), orientam as mulheres para a ocupação útil e regrada de seu tempo pela organização médica. Exploraremos adiante, os temas que tiveram maior número de aparições nas fontes, como beleza e padrão corporal, analisando as conjunturas sociais que as constroem por meio da história e que atravessam as esferas da saúde das mulheres.

4. “SÓ É BELLA DE FACTO A MULHER QUE TEM SAÚDE”: AS REPRESENTAÇÕES DE SAÚDE DAS MULHERES EM 1940 E 1950.

As concepções do corpo das mulheres e as suas representações perpassam pelo âmbito das práticas corporais, e podem apresentar-se como elemento de influência cultural expondo conceitos da sociedade, dentre eles, o conceito de saúde influenciados pelos elementos da beleza e estética. Contudo, compreendemos que em toda a história, os conceitos de saúde e beleza das mulheres são discussões complexas, mas que ambas possuem um eixo em comum, o corpo. Podemos, então, através do campo de estudo do corpo em movimento, e toda a conjuntura que o cerca, desvendar estas estruturas sócio-histórico-culturais.

Formado através das conexões entre as experiências individuais e coletivas de um tempo e espaço singular, o corpo é compreendido como um elemento social, onde se configuram os diálogos para construção da cultura e conseqüentemente do mundo humano (FOUCAULT, 1999; VIGARELLO, 2006). Para compreender o universo do processo social e histórico, reuniremos em uma dinâmica de busca por vestígios, símbolos e signos necessários para fazermos uma análise de uma determinada sociedade. Segundo Vigarello (2006), o corpo sempre foi o espelho da sociedade.

Desse modo, o corpo torna-se um instrumento político, e quando se trata da história das mulheres, a beleza e a saúde significam a condição essencial para atuarem em sociedade. Dentro desse processo, é grande a tendência em associar a feminilidade à beleza, onde a beleza é o símbolo das mulheres, enquanto a força é símbolo dos homens. A literatura constata que o culto ao corpo imposto às mulheres é uma das marcas mais significantes dessa história (RIBEIRO, 2011).

No nosso estudo, cerca de 69,2% do número total de nossas fontes relacionam a saúde das mulheres com a beleza por meio do domínio das práticas corporais. Desta forma, através destas reportagens, buscamos por indícios dentro dos discursos que demonstram, de que forma estes conceitos constroem-se e atuam um sobre o outro em um duplo movimento. Contudo, para alcançar estas ligações entre os conceitos, iremos percorrer, brevemente, a história da beleza relacionada às mulheres, de modo que possamos dar os primeiros passos ao encontro das linhas e cruzamentos que as aproximam.

A origem da palavra beleza vem do latim *bellus*, “bonito, bem-apegoado, encantador” e o sufixo -eza, para atribuir relação. É construída por subjetividades de padrões sociais,

podendo sofrer mudanças ao longo do tempo. Sendo assim, a compreensão da beleza tem que ser lida segundo a época ou momento, e as circunstâncias socioculturais específicas (VESCHI, 2019)²⁹. No entanto, voltaremos a alguns séculos para compreendermos como o conceito de beleza contempla o nosso estudo.

Desde o século XVI até os dias de hoje, a beleza continua no centro dos discursos e nos infinitos diálogos. Estudiosos e historiadores relatam que, ao longo dos tempos, a civilização sempre dependeu dos padrões de beleza, que mudam de época para época. Segundo Vigarello (2006), durante o século XVIII a sociedade era marcada pela religiosidade cristã, e a beleza verificava a bondade interior. Dizia-se ser raro que uma alma impura habitasse um belo rosto. Neste período acentua-se o padrão estético do corpo físico e da saúde. O corpo, mais do que antes, passa a ser a característica da beleza pessoal das mulheres, e propriedade de um grupo aristocrático. É somente nos anos finais do século XIX que a exaltação da “beleza feminina” deixa de ser distinção aristocrática e toma a cultura de massas.

O culto ao corpo e à beleza chega para as classes menos favorecidas, a participação das operárias e agricultoras nesse universo contribuiu para uma relevante alteração cultural das práticas e cuidados com o corpo “Isso possibilita à mulher uma maneira mais reconhecida também, mais ativa, de habitar o espaço público” (VIGARELLO, 2006, p.102). Para Lipovetski (2000), o boom da beleza ocorreu com a Revolução Industrial. No início do século XX, os símbolos de feminilidade invadem a vida cotidiana através do cinema, das revistas femininas e das mídias televisivas. Há também uma crescente democratização dos produtos de beleza e uma aproximação ao universo da moda. Assim, a busca pela beleza torna-se um atributo também das massas.

As primeiras décadas do século XX foram determinadas também pela apreciação da medicina, da higiene, dos clubes elegantes, e da valorização do esporte. Em vista disso, é nas décadas de 1940 e 1950, que há uma crescente transformação de paradigmas sobre os corpos das mulheres. A realização de práticas corporais era requisitos para mulheres ditas modernas de alta classe que ingressaram na vida pública e que passaram a realizar regularmente de forma indispensável (DEVIDE, 2004).

Este movimento contribuiu para entrelaçamento do conceito de saúde ao conceito de estética dentro de uma visão reducionista, sendo reforçada por alguns cenários midiáticos,

²⁹ Benjamin Veschi. Ano: 2019. Disponível Em: <https://etimologia.com.br/beleza/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021

contribuindo para a construção de um padrão de corpo saudável para as mulheres brasileiras. Desta maneira, nota-se a construção de todo um ideário de mulheres modernas, de civilidade contemporânea e de um novo padrão de estética no impresso (DEVIDE, 2007; MENDES, 2010).

Como observado por Denise Bernuzzi de Sant'Anna (1995, p.124), “durante grande parte da primeira metade do século XX a austeridade presente nos discursos sobre a beleza estavam amplamente presente nos manuais e revistas femininas”. Sendo assim, neste capítulo, temos como objetivo compreender como as práticas corporais para mulheres constroem representações de saúde e beleza no JMno período de 1940 e 1950.

Doravante, este capítulo se dividirá em três momentos: O primeiro “A revista dita a imagem da saúde no corpo: “considere sua beleza externa como expressão da saúde” ao qual abrimos os caminhos para as compreensões das concepções de saúde que são expressas pelas lentes de um corpo considerado belo. Em seguida, buscaremos interpretar os padrões que envolvem esta representação de “corpo belo” no período das décadas de 1940 e 1950 no subcapítulo “O Corpo Belo é saudável”: os padrões estéticos construídos”. Por fim, abriremos para debate no último subcapítulo “Paradigmas da Magreza: concepções e sentidos atribuídos aos modelos de corpos saudáveis construídos” as normas corporais ideais que emergem das fontes ao qual, revela e torna-se símbolo de saúde das mulheres na revista JM.

4.1 A REVISTA DITA A IMAGEM DA SAÚDE NO CORPO: “CONSIDERE SUA BELEZA EXTERNA COMO EXPRESSÃO DA SAÚDE”

No Brasil, o corpo saudável e belo refletia objetivos que iam além de sua própria materialidade. Os discursos eram pautados por interesses econômicos, higiênicos e por padrões morais. Era a peça fundamental para a valorização do país, onde as representações maternas estavam voltadas para o fortalecimento da raça, no que diz respeito à saúde das mulheres (SILVA et al., 2011)

O civismo, a moral e o corpo belo, conciliavam-se com o sentimento patriótico incentivado na época. Neste estudo das décadas de 1940 e 1950, vê-se que é possível intervir sobre o corpo para além do que a natureza concedeu. Abrem-se discursos sobre as possibilidades das mulheres “intervirem”, “trabalharem”, para se fazerem belas (PILLA, 2016). Nessa perspectiva, este momento é marcado por dois governos principais: a ditadura

do Estado Novo do presidente Getúlio Vargas (1930 -1945) e pelo governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961). Ambos se consolidam por um discurso dentro de uma esfera civilizadora, com projetos de modernidade que possuíam elementos higiênicos e eugênicos, visando um momento de mudanças sociais, políticas e econômicas, fazendo com que a população acreditasse ser possível melhorar de vida (MENDONÇA, 2000).

Este movimento da modernidade no Brasil influenciou na introdução das mulheres no universo das práticas corporais, mesmo que por amadorismo, lazer ou manutenção da saúde. Obtendo o apoio médico-biológico, permitia-se e sugeria-se determinadas as práticas corporais como uma ferramenta importante para o desenvolvimento da saúde e da beleza “feminina” que, naquele período, era um instrumento fundamental para o desenvolvimento de uma maternidade sadia, afirmando serem os responsáveis por educar, corrigir e curar o corpo das mulheres (DALBEN; SOARES, 2008). Isto vai ao encontro da afirmação de Michelle Perrot (1992, p.17): “As representações figuradas que permitem aprofundar a história das mulheres oferecem, na realidade, pouquíssimas imagens da feminilidade que não sejam criações masculinas”.

Segundo Casa Nova (1996), desde o início do século XX, as revistas desempenharam um papel importante na divulgação de conhecimentos científicos. A própria noção de medicina do trabalho emerge dessa conjuntura, por volta da década de 1930, tornando obrigatório os serviços médicos do trabalho a partir de 1946 nas grandes empresas. É nesta época que essas condições apreendidas simbolicamente, marcadas pelas campanhas de vacinação, inserção dos remédios no cotidiano das famílias, os cuidados com a saúde, e a higienização tornam-se constantemente presentes nas revistas. O JM vai ao encontro destas construções sociais, e afirma em suas páginas que “A saúde perfeita é alcançada levando uma vida higiênica” (SAÚDE PERFEITA, 10/07/1946, p.64). Tais cuidados e princípios incluem que para se obter um corpo saudável “implica mantê-lo limpo” (CLÍNICA DA BELEZA, 27/02/1958, p.6), e menciona que, as práticas corporais também são um “recurso higiênico [...] e conserva a saúde” (JORNAL DA MULHER, 16/11/1944, p.21).

À medida que o projeto de higienização se fortalece, as concepções foram sendo construídas baseadas principalmente no discurso científico de cunho biológico da medicina, passando do espaço público das cidades à interioridade das casas através das revistas. O médico passa a ter, então, um papel social mais amplo, configurando-se como um planejador

urbano, educador e guardião da moral e dos costumes. Aos poucos, a higiene se tornou uma importante pedagogia de controle dos corpos, em especial, das mulheres (SILVA et al, 2011).

Outra reportagem da década de 1950 traz no título “Saúde e limpeza” dentro da sessão fixa “Os elementos da Beleza” (OS ELEMENTOS DA BELEZA, 03/07/1958, p.15). Desta forma, demonstra que a saúde e a limpeza faziam parte dos elementos da beleza daquele período, indicando vestígios que estes conceitos possuem vínculos, e até mesmo, poderiam ser compreendidos como sinônimos. Ao analisarmos o conteúdo, observamos que expõe diretamente hábitos e cuidados com a estética. Ou seja, a saúde e limpeza podem ser representadas e adquiridas através do cuidado com a beleza por uma perspectiva higienista.

A reportagem inicia que “Antes de querer parecer bela é preciso que a mulher se sinta bela [...] É imprescindível seguir uma rotina de beleza ainda que seja mínima se quiser aparentar o melhor possível” (OS ELEMENTOS DA BELEZA, 03/07/1958, p.15). Contudo, para que elas se sintam belas, e mais do que isso, que aparentam estar belas, esta reportagem aconselha que seja praticado um “Bom programa básico para a saúde. Este programa requer o seguinte: um regimen correto e habitual, um descanso adequado todas às noites e suficiente ar livre e exercício” (OS ELEMENTOS DA BELEZA, 03/07/1958, p.15). Melhor dizendo, há vestígios de que, uma rotina de beleza, neste período, é também uma rotina de higiene e saúde, que envolve fazer regimes, ter um bom descanso e praticar exercícios.

Estes elementos levam a representações sociais importantes no Brasil, que, como destaca Deive, durante este período o conceito de saúde esteve estreitamente relacionado com o de beleza estética, tornando-se indissociados e necessários às mulheres. Isto é reproduzido pela revista em um conto publicado em 1941 em que diz: “Ninguém ignora que sem perfeita saúde não póde haver beleza, nem força” (CONTO, 03/07/1941, p.13).

Dentro desta mesma conjuntura de inspecionar os corpos, em 1945, o JM anuncia que um dos mais famosos higienistas do período afirma que mulheres “delgadas”, conhecidas como “mulheres-bonecas” não são verdadeiramente belas “envelhecendo em maior rapidez que as que se entregam a desportos e exercícios” (JORNAL DA MULHER, 14/01/1945, p.47). A revista não nos revela de qual higienista “famoso” se trata, porém, havia os higienistas brasileiros, como Oswaldo Cruz, Belisário Penna, Miguel Couto, revelando e disseminando a presença de tendências do movimento, que tinham como preocupação a higiene da raça (GÓIS JUNIOR, 2008). Este anúncio declara que a busca pela saúde era também uma forma de rejuvenescer e sugere que mulheres que praticam “desportos e

exercícios” conseguem melhorar a aparência, e conseqüentemente, tornam-se mais saudáveis do que as não praticantes.

A denominação “delgada” remete a uma mulher esguia, fina, ao qual, a revista representa como uma “mulher-boneca”, demonstrando que, a inclusão das mulheres nas práticas corporais denota também uma movimentação de padrão corporal da época, mas que o ideário de beleza e juventude em torno do conceito de saúde criavam raízes na sociedade. A reportagem finaliza concluindo que “Toda mulher feia pode melhorar sua aparência sempre que considere sua beleza externa como expressão da saúde” (JORNAL DA MULHER, 14/01/1945, p.47).

Manifestando que o cuidado com a aparência externa era uma representação de preocupação com a saúde das mulheres, a revista atribui que as mulheres são, antes de tudo, uma imagem. Segundo Vigarello (2006), a estética torna-se uma ética. As feias estavam em desgraça, até que o século XX as resgata: todas as mulheres podem ser belas. E as práticas corporais podem ser uma ferramenta propulsora para alcançar a saúde e afastar a fealdade indesejada. A prevenção da feiúra, no contexto da sociedade brasileira, torna e traduz a falta de beleza em termos de doença (SANT’ANNA,1995).

Novamente, encontramos vestígios que emergem das reportagens em que a juventude é expressa como um importante alicerce da saúde. A revista declara que as mães não devem esquecer que o que envelhece é uma vida ociosa, e que “os médicos estão de acordo em que a atividade física e mental prolonga ao máximo a juventude” (AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE, 19/09/1940, p.61). Mas, quais eram os verdadeiros malefícios do envelhecimento para as mulheres? Para Vigarello (2006), sob os olhos da sociedade, o envelhecimento e o cuidado com o peso corporal se caracterizam como o dever dos tempos. Para entender esse fenômeno, é preciso balizar o caráter do corpo e da beleza como instâncias de poder.

Em meio a seu percurso argumentativo, a revista JM tece relações entre saúde, beleza e prática corporal por meio de moldes eugênicos, conceituando a beleza física como “A saúde do sangue e da carne, ossos e músculos; a beleza da apresentação [...]; e a beleza de espírito” (OS ELEMENTOS DA BELEZA, 03/07/1958, p.15). Seguindo essa perspectiva, a eugenia é entendida como a ciência da melhoria da espécie que atua em prol da boa hereditariedade,

transmitidos às gerações futuras. Renato Kehl³⁰ (1889-1974), médico e farmacêutico, considerado um dos mais importantes eugenistas brasileiros, argumenta que o belo é o resultado do que é normal e saudável (SILVA, BERLESE; 2018).

Por meio da eugenia, as práticas corporais são incorporadas ao projeto de regeneração nacional e, com seus saberes próprios, fortalece o corpo da cidadã a fim de despertar qualidades inatas antes adormecidas (SILVA, BERLESE; 2018). Em detrimento destas representações sociais e morais, o corpo e a saúde de homens e mulheres tornam-se importantes em caráter de utilidade para a nação, como pode ser visto na JM: “O exercício bem dirigido aumenta as forças, da beleza às formas do corpo[...] proporciona destreza, agilidade, vigor e talento e, como consequência, nos torna mais úteis” (VANTAGENS DO EXERCÍCIO, 02/05/1940, p.59). Ainda podemos dizer que as práticas corporais eram vistas como grande aliada devido a seu caráter disciplinar, elemento consoante com todas as vertentes do pensamento eugênico.

Contudo, quando se trata de práticas do movimento para as mulheres: “A fim de que o exercício produza benefícios à saúde, é necessário que seja moderado, progressivo, ordenado e geral, sem violência, e tão bem calculado que, sem produzir cansaço nem fadiga.” (VANTAGENS DO EXERCÍCIO, 02/05/1940, p.59). Isto porque, compreende-se o corpo das mesmas como frágeis, sendo necessário evitar os excessos, de músculos, de peso, assim como o suor.

Para ser bonita, é preciso alcançar números exatos e ideais sem perder a chamada feminilidade (SANT’ANNA, 2014). Os aprofundamentos e o que cerne estas medidas, tidas como normas, a serem alcançadas para obter-se saúde, serão discutidas em seguida.

4.2 “O CORPO BELO É SAUDÁVEL”: OS PADRÕES ESTÉTICOS CONSTRUÍDOS

Uma vez identificadas as melhores características para os padrões estéticos de saúde e beleza das mulheres, seria então possível intervir eugenicamente no aperfeiçoamento através de conhecimentos do campo da Educação Física. Segundo Silva et al (2020), por meio da

³⁰ Autor de dezenas de livros, Kehl discute em suas obras temas como: educação, maternidade, higiene, saneamento, beleza e educação física. Natural de São Paulo, Kehl formou-se em Farmácia, pela Escola de Farmácia de São Paulo, em 1909, e em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1915. Membro de um seleto grupo de intelectuais brasileiros no início do século XX, Renato Kehl era detentor de um saber legítimo, cujo status o auxiliou a divulgar a Eugenia (SOUZA, 2006).

avaliação da composição corporal humana, as quais determinam distintas percepções do corpo por um viés positivista, é possível estabelecer as medidas ideais para atingir as normais de corpos saudáveis do período.

O cientista inglês Francis Galton (1822-1911), tido tradicionalmente como ‘fundador’ da eugenia, criou o primeiro conceito de Biometria, ao qual reúne, de maneira complexa, vários domínios de modelos de quantificação dos fenômenos corporais. Suas práticas envolviam medidas morfológicas, ou seja, recursos da antropometria: mensuração do peso, da altura, das circunferências (tórax, membros, cabeça), de envergaduras, entre outros (ALBRIZIO, 2007). Desta forma, grande parte dos estudos biométricos de Galton foi, acima de tudo, estudos antropométricos, que não se reduziam às medidas de qualidades físicas, mas se estendiam às faculdades mentais e comportamentais dos seres humanos (GOMES, SILVA, VAZ; 2013).

A revista *Jornal das Moças* se compromete a fornecer às suas leitoras as composições biométricas ideais para cada parte do corpo, ao qual pode ser submetido a realizar práticas de correção de imperfeições: pele; busto; cintura; braços; cabelos; pele do rosto; olhos; nariz; boca; dente; pelo no rosto; maquiagem no rosto; pescoço e até mesmo sobancelhas. É disponibilizado uma tabela, onde a partir da idade e da altura, pode-se qualificar, por meio de dados numéricos ideais para um padrão estético de saúde e beleza. Por exemplo (Imagem 11), para uma moça que tem 20 anos e 1,55 de altura, a medida ideal do corpo seria composta por 51kg, 80cm de busto, 60,5cm de cintura, 82cm de quadril, entre outros...

Imagem 11 - A.B.C da Beleza

Idade	Alt.	Pêso	Pesc.	Busto	Cint.	Quadr.	Coxas	Braço	Perna
	m.	k.	cm.	cm.	cm.	cm.	cm.	cm.	cm.
20 anos	1,55	51	31	80	60,5	82	46	23,5	31
	1,60	52,5	31,7	82	64	85	48,5	24,8	31,7
	1,65	58	32,9	84,5	64,5	87	50,5	26	32,9
	1,70	59,5	33,3	87,5	67	89	52	26,5	33,3
30 anos	1,55	53	32,5	85	61,5	85	48	26,5	32,9
	1,60	57	33,5	86,5	65	88	50	26,9	33,5
	1,65	60	34,2	90	66,5	90	51	26,8	34,2
	1,70	63,5	35	92	69	93	54	28	35
40 anos	1,55	55	32,7	88,5	62	85,5	49,5	26,7	33,5
	1,60	57	33,8	90	64,5	90	51,5	27,8	34,3
	1,65	61,5	34,5	95	66,5	90	53	29	35
	1,70	62,8	35,4	95	69,3	95	56	29,9	35,9

Fonte: Hemeroteca Digital

#ParaCegoVer Tabela com medidas ideais para 20, 30 e 40 anos. Dentre as medidas: idade, altura, peso, pescoço, busto, cintura, quadril, coxas, braço e pernas.

Dentre as divisões por partes do corpo apresentadas nesta reportagem (Imagem 11), algumas necessitam de maior atenção do campo das práticas corporais para que se conservem saudáveis. Sendo assim, a revista sugere uma série de movimentos de ginástica para serem feitos em casa.

Por exemplo, o busto carece de cuidados desde a puberdade, utilizando sutiãs para os que mantenham eretos, além de realizar massagem todas as manhãs, combinadas de um pouco de ginástica. E continua oferecendo um exercício específico: “O exercício ideal para firmeza do busto é o seguinte: junte as mãos no alto da cabeça, cruze bem os dedos e apoie-se alternadamente sôbre um e outro cotovelo, inclinando o corpo para a direita e para a esquerda” (JEANNE CHAVANE. 24/1/1952, p.4 e 5). De acordo com Vigarello (2006), o cinema, a mídia e a ciência dedicados a ideais eugênicos, defendiam a necessidade de aperfeiçoamento do corpo. Sobretudo, quando relacionado às mulheres, era relevante a

firmeza necessária em traços considerados maternos: ombros pouco projetados, busto e quadris cheios.

Já em relação a cintura e a barriga, a revista traz detalhes e delineamentos das concepções um padrão estético: “O ventre perfeito deve ser liso e musculoso, sem excessos de gordura que tanto o enfeiam [...] faça o seguinte exercício: De pé, junte os pés e eleve os braços acima da cabeça, incline o corpo lentamente num movimento de rotação contínuo”. Contudo, os braços também são passíveis de corrigir, já que “Tôda mulher gosta de ter braços impecáveis”. Sendo assim, também é oferecido práticas corporais para a “maior beleza dos seus braços [...] Eleve os braços, torso erguido, joelhos juntos, incline a cintura para a frente e lance os braços para a frente num movimento rápido, o mais longe possível. Isto reforça os músculos maravilhosamente” (JEANNE CHAVANE, 24/01/1952, p.4 e 5).

Perante essa estruturação da cultura europeia ocidental moderna relatada, a ideia do corpo gordo foi sendo permeada por técnicas e procedimentos de medição que permitissem uma manifestação de classificação universal de silhuetas a partir dos níveis de concentração da gordura corporal. A padronização do corpo passou pela atribuição de valores relacionados às suas diferentes partes, fragmentando-o (VIGARELLO, 2012).

A partir destes diversos dados numéricos e sugestões de movimentos ginásticos, pretendia-se determinar um norma corporal para as mulheres, que a própria revista produz e reproduz em suas páginas. Nesses termos, podemos dizer que, ao relacionar com a saúde das mulheres, consiste em uma proposta de materialização de um ideário com pretensões de objetivar, normalizar e disciplinar os corpos através de dicotomias de “belo/feio” e/ou “saúde/doença”. Ou seja, a norma era determinar e classificar os corpos a fim de esclarecer o “modelo perfeito” e identificar as diferenciações para reajustar. Este movimento ensina e desenvolve nas mulheres um olhar minucioso para as suas imperfeições.

Imagem 12 - Ilustração presente na reportagem “A.B.C da beleza”



Fonte: Hemeroteca Digital.

#ParaCegoVer Imagem de uma mulher atrás de um muro com azulejos brancos, aparentemente sem roupas, mas escondendo o corpo atrás deste muro. O ambiente parece ser um banheiro. A mulher está com o semblante sério e com a boca entreaberta, olhando para a câmera. A mulher é branca, possui cabelos escuros, penteados e soltos. Suas mãos estão abertas a frente do corpo, sobre os azulejos. Suas unhas estão pintadas. O fundo é branco.

O mundo da moda também fez com que os corpos das mulheres sejam pesados e medidos, incentivando desfiles e competições de concursos de misses, por meio de eventos com grande influência estadunidense na cultura de massas. Desta forma, para ser bonita, é preciso alcançar números exatos sem perder a chamada feminilidade (SANT’ANNA, 2014; VIGARELLO, 2006). Em uma reportagem, o JM (A MODA [...],19/03/1959, p.9), publica o

quanto a moda e os concursos de beleza prejudicam a saúde das mulheres: “o peso exigido das mulheres, durante os concursos, pelos chamados "mestres da alta costura" ou "ditadores da moda", provocam, infelizmente, como constataram os facultativos, uma reação da parte das mulheres que prejudica grandemente a sua saúde. [...]”.

Vale lembrar que, “facultativo” é sinônimo de “médicos ou doutores”, demonstrando mais uma vez que a presença dos médicos era constante nas discussões de cuidado do corpo das mulheres. Por esta crítica, a fonte demonstra que o uso de artifícios deveria ser dosados e indicado por aqueles que detinham o saber legítimo (médicos). Ou seja, a conquista da beleza poderia gerar riscos à saúde, é preciso ter cuidado com o exagero que podem gerar riscos até para uma moral, pois, segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna (1995, p.123) “Numa época em que a ‘Natureza’ se escreve em maiúsculo, que sua obra é considerada da ordem do prodígio divino, é perigoso intervir no próprio corpo em nome de objetivos pessoais e de caprichos da moda”.

Ainda na mesma citação, a revista finaliza sua crítica ao mundo dos concursos de misses enunciando que os médicos ressaltam que, as mulheres “para atingir tais "perfeições", passam a comer menos, submetem-se a massagens exageradas, praticam exercícios físicos desordenados ou outros métodos, sem se preocupar, por exemplo, com o estado de seu organismo.” (A MODA [...], 19/03/1959, p.7). Desta forma, no fim da década de 1950 a revista demonstra vestígios em suas páginas de que os efeitos de uma construção de conceitos utópicos de beleza, por meio de bases eugênicas, já não representam mais a saúde das mulheres.

Diversos modelos de qualificações, articulando as medidas morfológicas, funcionais e psicológicas, foram elaborados para classificar os corpos das pessoas. Entre as que aparecem frequentemente citadas pelos médicos brasileiros está a do francês Claude Sigaud (1862-1921) que, mobilizando dados morfológicos e fisiológicos, determinou quatro tipos humanos: respiratório, digestivo, muscular e cerebral³¹. Outra escola mencionada é a alemã de Kretschmer (1888-1964) que, ao seguir um ponto de vista psicológico, relacionou os

³¹No primeiro tipo salienta-se a predominância do tórax e da parte média da face; no segundo, do abdômen e do andar inferior da face, sendo a cabeça em pirâmide; no terceiro, há uma repartição simétrica entre tórax e abdômen; no quarto tipo, a do crânio, com a cabeça em “forma de peão” (GOMES, SILVA, VAZ; 2013).

temperamentos e comportamentos aos aspectos morfológicos, determinando três tipos classificatórios: pícnicos, astênicos e atléticos³² (GOMES, SILVA, VAZ; 2013).

O Jornal das Moças publica uma espécie de compilação destes dois métodos eugênicos citados (método francês de Sigaud e alemão de Kretschmer), que decifra as personalidades das mulheres através do formato e nuances do rosto, e por vezes, da estrutura corporal. Apesar de ter no título “Para serdes feliz vivei como sois” (1943, p. 24 e 25), a cada análise dos formatos, as mulheres são submetidas a novos formatos de padrões corporais de beleza. Em detrimento do físico constroem-se novas (e mantém as antigas) representações. A reportagem, influenciada pela referência desenvolvida por Sigaud, divide-se quatro modelos:

O 1º é o modelo respiratório, “silhueta larga de espáduas³³ e estreita de cintura. O pescoço é bem alto, perfil alosangada, mais larga nas maçãs do rosto. É um temperamento feliz ao ar livre, ama o passeio. Um carácter mais versátil”. O 2º é o modelo digestivo, “A mulher tenâncas³⁴ arredondadas, o peito baixo. Gulosa, entre mentes é uma bôa mãe. O rosto é sedutor, a boca expressiva. No ponto de vista das qualidades morais; é um bonvivant, porém um comilão.” (PARA SERDES FELIZ VIVEI COMO SOIS, 1943, p. 24).

Nos atentemos principalmente aos 3º e 4º últimos modelos. O 3º modelo é o muscular, “É um belo tipo equilibrado, com suas longas formas, suas espáduas e âncas de saliência igual [...] rosto é todo uma largura igual; a fronte, as maçãs do rosto, o queixo, são equilibrados”. A partir disso, compreende-se que as mulheres musculares são “voluntariosas, indiferentes, decididas, esportivas [...] Para restaurar a saúde, aconselha-se que alterne o exercício e o repouso e de atenção às curvaturas.” (PARA SERDES FELIZ VIVEI COMO SOIS, 1943, p. 25). O cuidado com o excesso de práticas corporais deve-se ao perigo de masculinizar as “curvaturas” das mulheres, pois isto poderia significar uma ameaça à tradicional imagem “feminina”. Ou seja, as mulheres poderiam ser esportistas e musculosas, dentro dos limites de sua “natureza”. Deveriam também haver o cuidado de partes específicas relacionadas à maternidade, como seu abdômen e cintura pélvica (SILVA et al., 2011; DEVIDE, 2004).

³²Os pícnicos seriam pessoas com corpos “rechonchudos, atarracados, face arredondada e musculatura mole”. Caracterizar-se-iam por “acúmulo de gordura no pescoço, face e tronco, além de tendência a ser maníaco-depressivos”. Os astênicos, por sua vez, apresentariam corpos “mais desenvolvidos em comprimento do que altura” e tendência a desenvolver esquizofrenia. Os atléticos seriam pessoas “esbeltas com extremidades longas e corpos robustos” (GOMES, SILVA, VAZ; 2013).

³³ Ombros

³⁴Quadril/Nádegas

O 4º e último modelo, refere-se ao modelo cerebral: “Tem ele a frente mais larga que o resto do rosto. A base do rosto é estreita, o queixo pouco saliente: crânio é alto e redondo, os olhos são vivos, claros, animados”. Contudo, nos chama a atenção quando o mesmo afirma que é “E’ um tipo ainda pouco frequente - o tipo do futuro; êle é raro entre as mulheres. Inteligencia, distrações e relações sociais constituem um ról principal para o equilíbrio de sua saúde.”

Portanto, a revista considera que nesse período, dificilmente uma mulher possuía traços de inteligência em evidência ou relevância, tornando-se raro reconhecer nas mulheres brasileiras elementos que representassem a elas o mesmo potencial intelectual dos homens, que estavam em posições de lideranças. Discursos que desencorajam as mulheres, ao serem publicados disseminam estereótipos de feminilidade, e endossam as funções sociais das mulheres restrita a superioridade dos homens. Porém, a própria revista nos alerta que, apesar de pouco frequente, as mulheres inteligentes são “o tipo do futuro”, manifestando indícios de que as mulheres estariam adentrando em espaços antes masculinizados.

Imagem 13 - “Para serdes feliz vivei como sois”



Fonte: Hemeroteca Digital.

#ParaCegoVer A imagem possui duas páginas da revista que se complementam. Possuem quatro estátuas gregas que exemplificam o formato de corpos que a reportagem traz das mulheres. Abaixo de cada estátua possui um rosto de uma mulher, que também exemplifica os formatos de rostos que a revista traz na reportagem. As mulheres são todas brancas, com semblantes simpáticos, porém sem sorrir. Ao lado das estátuas possui um texto explicativo.

Apesar de não serem mencionadas no texto, o uso das estátuas gregas como ilustração (Imagem 13) também não é por acaso. Neste período era comum tomar as medidas dos segmentos corporais das estátuas como parâmetros biométricos para os corpos humanos considerados ideais. Desta forma, legitima-se um padrão de estética corporal ideal, por meio do uso de imagens reconhecíveis pelo senso comum (GOMES, SILVA, VAZ, 2013; SILVA, 2008). Esta reportagem é apresentada em duas páginas completas, demonstrando ter destaque nesta edição, e/ou é vista como uma prioridade quando se trata do universo das feminilidades. Segundo Silva (2014), neste período as seções de moda e beleza nas revistas femininas passam a ocupar lugar de proeminência, com anúncios de exaltação da estética, do visual, fotografias de corpos, rostos perfeitos, manequins e modelos considerados ideais para a época.

Mas, ao longo da análise das representações de saúde e beleza deste período, esta não se encontra unicamente no físico, ela tinha também um caráter moral, ao qual estes bons hábitos também tornavam as mulheres boas cidadãs. Como bem observado por Denise Bernuzzi de Sant'Anna (1995, p.124), “a austeridade presente nos discursos sobre a beleza não se limita às prescrições médicas. Ela se alia às regras de uma moral”. Em um conselho, a revista afirma que “Retardaremos a velhice levando uma vida simples, cuidando da alimentação e preocupando-nos com a beleza [...]. Si assim procedemos, teremos o espírito mais lúcido para o estudo e o trabalho e podemos nos considerar bons cidadãos” (NOSSOS CONSELHOS, 26/12/1940, p.62). A Era Vargas ressoa neste discurso por meio de um viés ufanista e a emergência de um apelo nacionalista, que investiu em diversos campos, entre os quais: a saúde, a educação e o urbanismo. Bem como a necessidade de mão de obra para o incipiente processo progressista e positivista que o país passava (SILVA; BERLESE, 2018).

Pensando no contexto do período, a educação e a introdução às leis trabalhistas para as mulheres é um fato recente no Brasil na década de 1940, onde preocupar-se com a saúde e a beleza torna-se uma forma de, além de retardar a velhice, prepará-las para as funções sociais e espaços públicos que as mulheres estavam movimentando-se. Isto porque na década anterior que é consagrado, pela primeira vez, através da Constituição de 1934, os direitos trabalhistas que diminuem as diferenças salariais entre sexos, e onde é garantida a assistência médica para gestantes antes e após o parto. Também no campo político foi nesta mesma década que as mulheres conquistaram vitórias importantes, como o Código Eleitoral promulgado em fevereiro de 1932, que concedeu às mulheres pela primeira vez o direito de votar e serem votadas (SILVA, 2014).

Já em relação ao ensino-aprendizagem das mulheres, nem sempre a defesa do acesso e a progressão das mulheres à educação formal foi sustentada por razões emancipatórias para além da função doméstico-maternal. Durante este período é possível concluir que a justificativa do governo em investir na educação das mulheres se dá pela ideologia que “mulheres educadas são melhores mães” (ROSEMBERG, 2001, p.338). Para as filhas de grupos sociais privilegiados, de classe média alta, o ensino aumentava os elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente (LOURO, 2005; ROSEMBERG, 2001). Entre as representações já analisadas do que torna uma mulher agradável socialmente e bem-vista, os padrões estéticos de beleza e saúde também fazem parte destes elementos, pois a imagem

do corpo também faz parte da construção da identidade social das mulheres. Conforme argumenta Vigarello (2006), a beleza foi exaltada como filha legítima da saúde, único meio no qual ela poderia florescer.

Aos poucos os valores do capitalismo, da modernidade e do consumo na sociedade brasileira foram se ampliando e novas questões surgem. Segundo Silva (2014), no Brasil dos anos dourados, a moda passa a ser influenciada pela expansão da indústria têxtil e pela publicidade das revistas femininas, pois são elas que publicam os modelos importados que são levados às costureiras e modistas. A revista JM, por exemplo, possui um suplemento “Jornal da Mulher”, específico para tratar de moda, com os moldes de vestidos que geralmente estão na capa, além de dicas de corte, costura e bordados.

É através das páginas que o JM mostrava as modelos e musas da moda internacional, revelando uma nova cultura incorporada e difundida pelas revistas, cinemas e rádios, demonstrando os resultados da modernização e da globalização. Estes efeitos serão abordados no próximo subcapítulo.

Ao longo da análise, a revista foi demonstrando que as representações de saúde se expressam pelo corpo das mulheres, pela estética e pelo padrão das formas. É um dever cuidar-se, seja para si ou para o outro. Contudo, estes conceitos de saúde das mulheres e beleza é o que iremos explorar mais neste subcapítulo.

Nesse sentido, Vigarello (2006) nos mostra que entre as modificações de no século XX, há uma valorização pelas partes do corpo, que progressivamente, cresce pela busca por esbeltez, pela obsessão quase anoréxica pela magreza, que sucedem à atração pelas generosas formas arredondadas da "bela mulher" do século anterior. O corpo, mais do que antes, passa a ser a característica da beleza pessoal, transformando-se em signos do desenvolvimento da feminilidade e da identidade das mulheres.

Esta mesma observação de que há uma progressão da representação da beleza como uma identidade das mulheres podemos encontrar na década de 1950 no Brasil: “Principalmente as mulheres têm obrigação de praticar pelo menos cinco minutos de ginástica por dia. Escravas da beleza de suas curvas”. As moças que buscam uma vida saudável e bem-estar precisam se manter sempre em forma, “pois só assim conservarão sempre o vigor e o bem-estar da mocidade, que elas nunca desejam perder...” (J. EZAGUI, 03/05/1951, p.11). Podemos considerar costumeira na revista *Jornal das Moças* a utilização de pronomes pessoais, como por exemplo: “elas buscam”, em reportagens escritas por homens falando

pelas mulheres. Segundo Perrot (2007), as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais, levando a uma desvalorização das mulheres, um silêncio consubstancial. As mulheres são imaginadas, representadas. Os homens são o porta voz até mesmo dos “desejos e obrigações” delas, como pudemos observar nesta reportagem. A busca pela perfeição estética através de práticas de saúde torna-se um hábito cultural, a ponto do narrador desta reportagem denominá-las como “escravas da beleza”.

Esta influência pode ser clarificada quando analisamos o narrador da reportagem. Neste caso, o autor aparece como J. Ezagui, um médico do período, que possui autoridade para publicar frequentemente na revista e suas reportagens possuem certo destaque. Esta, por exemplo, publicada em 31 de maio de 1951, apresenta-se em uma página completa e sem ilustrações. Contudo, o médico continua trazendo elementos de como as práticas corporais podem ser uma ferramenta para a busca por um corpo magro e forte: “Certamente que êsses poucos minutos não resolvem de uma vez os casos de obesidade [...] Esses minutos de ginástica roubados ao sono constituem um bálsamo para o organismo, vitaminas para a saúde, fôrça para os músculos!” (J. EZAGUI, 31/05/1951, p.11).

Segundo Vigarello (2012), a palavra “obesidade” já era utilizada desde o século XVIII, mas a preocupação com o acúmulo de peso corporal ainda era restrita na sociedade europeia a membros da nobreza. Já durante o século XX, Belloti (2021) afirma que um corpo obeso é também um corpo doente, sendo muitas vezes considerado como incapaz de executar ações simples e corriqueiras do cotidiano. O peso do corpo tornou-se fator de exclusão social.

Este mesmo tema aparece em reportagens de entretenimento como forma de orientação através de uma enquete criada pela revista, que possui o título “Primeiro a Saúde”, indicando aproximações entre conceitos de beleza, saúde, práticas corporais e dietas:

Partindo do princípio de que sua beleza depende unicamente da sua saúde, você cuida do seu regime alimentar? Você faz o regime desassociado ou "cura da desintoxicação", comendo apenas frutas uma vez por semana? Você faz pelo menos 10 minutos de ginástica todas as manhãs? (PRIMEIRO A SAÚDE, 3/11/1955, p.6)

Dentro das causas acima identificadas, podemos perceber uma representação de ginástica diferente das conhecidas nos dias atuais. Algumas dessas representações podem estar diretamente ligadas ao conceito de práticas corporais do período, modernamente chamado de “ginástica”, que quando direcionado para as mulheres, possuem objetivos e formatos específicos. Ou seja, neste período, era comum chamar de “ginástica” as práticas

corporais e/ou exercícios físicos que eram feitos diariamente, como caminhadas ao ar livre, práticas de alongamentos matinais, entre outros (ORY, 2011).

O corpo é espelho da sociedade (VIGARELLO, 2006). Deste modo, o corpo das mulheres é frequentemente submetido a incertezas de manter a saúde através das ditas ginásticas e dietas aplicáveis. Na época em foco, há uma progressão da realização de regimes, exercícios físicos, o avanço da magreza e o reflexo da balança. A ditadura do peso entra em cena no fim do século XIX e torna-se mais forte no século XX. “Os contornos se tornam mais vigiados e menos dissimulados” (VIGARELLO, 2006, p.131).

A popularização e publicação deste tema chega nas revistas femininas, produzindo e reproduzindo um modelo de magreza que acaba se transformando num número cada vez maior de homens e mulheres buscando por um padrão corporal, passível até mesmo de corrigir problemas de saúde. O JM aconselha que “Se o seu problema de beleza é o excesso de peso, comece e termine o dia comendo uma maçã e, com a orientação de um médico nutrólogo, faça um bom regime alimentar. Também não se esqueça de um pouco de ginástica.” (PARA SER FORMOSA, 1953, p.16).

Nesse sentido, sob os olhos da contemporaneidade ocidental e, especificamente, brasileira, combater o peso e o envelhecimento se caracterizam como o dever dos tempos. Para entender esse fenômeno, é preciso balizar o caráter do corpo e da beleza como instâncias de poder e distinção social. Como a gordura que teve seu sentido modificado a partir do momento em que pode ser mensurada, sendo indicativo de morbidade conforme uma determinada medida. Estando atrelado a isso foram levantados outros estereótipos morais relacionados à questão da ociosidade de um corpo num mundo em que isso é considerado improdutivo (VIGARELLO, 2012).

O corpo gordo torna-se uma preocupação constante na revista, sendo considerado um mal que deve ser combatido como pode ser visto no seguinte fragmento: “O combate à gordura torna-se importante, não só devido às exigências estéticas, mas, também, do ponto de vista da saúde” (PARA SER FORMOSA, 14/08/1952, p.65). Assim, a busca por práticas que eliminem as curvas indesejadas e meios de emagrecimento tornam-se uma discussão mais constante: “A melhor maneira de emagrecer: é encontrada no próprio movimento, no trabalho, na ginástica, exercícios, esportes e num regime baseado em cálculos racionais, [...] Lembremo-nos sempre que a gordura é um mal que deve ser combatido com energia”. (PARA SER FORMOSA, 14/08/1952, p.65).

Imagem 14 - “Para ser formosa”

meios, no entanto, são muitas vezes, perigosos e têm resultados pouco saudáveis.

A MELHOR MANEIRA DE EMAGRECER

A melhor maneira de se emagrecer é encontrada no próprio movimento, no trabalho, na ginástica, e exercícios, nos esportes e num regime baseado em cálculos racionais, que definem o necessário de alimentação para o organismo. Este regime, no entanto, deve ser rigoroso, sem os costumes “furos” como “eu só quero experimentar um pouquinho”, ou, então, “éste pouco não vai fazer mal”. Lembramos sempre de que a gordura é um mal que deve ser combatido com energia.



SIGA ESSES CONSELHOS E SERA SEMPRE ASSIM

Fonte: Hemeroteca Digital.

#ParaCegoVer A imagem possui uma mulher posando para foto com as mãos para trás de maiô branco e pés descalços. É uma mulher branca, cabelos soltos, semblante feliz e com sorriso. Ao fundo possui um mar calmo, um dia ensolarado e o ambiente parece ser um pier.

A reportagem referida (Imagem 14) tem o título da página “Para ser formosa”, e o subtítulo “A gordura deve ser combatida”. O termo “formosa” liga-se a características de graça e beleza, e os próprios títulos remetem as leitoras de que, para se ter tais qualidades, deve-se combater a gordura. “A formosura é definida como poder legítimo e a graça “feminina” passa a gozar de prestígio. Tenta-se definir o modelo mais preciso do que seria belo, pintam-se musas que, em sua forma, pouco lembram as proporções de corpos reais das mulheres.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 117). Apesar de não ser a intenção deste estudo a análise

de imagem, a ilustração escolhida para demonstrar tais preceitos possui uma mulher magra, branca, posando para a foto de maiô. Logo abaixo da imagem a revista declara “siga esses exemplos e será sempre assim” (PARA SER FORMOSA, 14/08/1952, p.65), referindo-se aos exemplos citados das melhores maneiras de emagrecer, e utilizando esta imagem como padrão de saúde, beleza e corpo magro.

No Brasil, a partir de 1930 o cenário alimentar pobre chama a atenção das autoridades sanitárias. É nesse período que dissemina uma nova ciência da nutrição nos círculos médicos, estabelecendo uma mudança nos padrões alimentares emergenciais. Aí é que entra o valor da imprensa, e aqui em especial a imprensa feminina, para a divulgação desses novos modelos alimentares, pois, entre os papéis sociais das mulheres, a elas cabem a preparação e/ou a supervisão da comida da família. Se antes a questão do “atraso” do brasileiro residia em sua “inferioridade” de nação miscigenada, agora isso poderia ser revertido no combate pela desnutrição (PILLA, 2016). Diante disso, os discursos em torno do “ser magra e saudável” precisam ser reconfigurados para “ser magra e nutrida para ser saudável”.

Como pode ser visto na coluna de Léa Silva, a qual é fixa da revista, onde é publicado um método para manter a silhueta à “nossas amigas leitoras” (termo utilizado pela autora para forçar uma proximidade com o público consumidor), sem prejuízo para a saúde: “Diz o autor deste regime, Dr. Azarão, que com este método conseguiu atender a centenas de pessoas gordas [...] O regime tem um título interessante: ‘Regime Ziguezague’” (LÉA SILVA, 11/02/1954, p.12). A dieta tratava-se basicamente de comer apenas verduras, saladas verdes e frutas em todas as refeições, dia sim e dia não, e complementa “suponhamos que façam o regime segunda, quarta, e sexta-feiras. Deixar as terças, quintas e sábados para comer de tudo” (LÉA SILVA, 11/02/1954, p.12). Tais hábitos ainda vastamente recomendados surgem, de acordo com Flandrin (1998), no final do século XIX, quando assistiu a um aumento do consumo de legumes e frutas, e produtos crus nas refeições, relação que se dá com a descoberta do benefício das vitaminas e fibras.

Esta dica é publicada, pois entendia-se que, segundo Léa Silva (11/02/1954, p.12), “A gordura excessiva é uma das mais temíveis inimigas da elegância, da mocidade, da saúde e da beleza” e complementa trazendo elementos que compõe como seria o padrão físico para se ter um corpo saudável naquele período: “exige uma mulher de cintura fina, corpo esbelto, busto bem marcado, quadris mais simples e, resumindo, um corpo impecável” (p.12). Estar acima do peso significava assumir o fracasso da evolução, afastando a pessoa da ideia de estar

progredindo na vida, impedido de experienciar o mundo por viver numa silhueta que vai contra a cultura dominante, e dessa maneira tornando-a estranha até para ela mesma (PERROT, 2007).

O corpo gordo é representado pela mídia como uma perda de controle e pela falta de cuidado consigo mesma. Em um período marcado pelos ideais eugênicos, higienistas e militares, o corpo gordo seria um retrato da falta de disciplina, um descaso com as exigências e concepções de saúde médico-biológicas de controle dos corpos das mulheres. Para Belloti (2021), em todos os campos de vida social e privada, as mulheres são incentivadas a competirem com outras mulheres e consigo mesmas, na exigência de um padrão elevado de autorregulação. Ao contrário das mulheres que se mantêm magras, as que engordam estariam “se descuidando”, sendo desaprovadas socialmente.

Constrói-se socialmente uma falsa “democracia da beleza”, onde agora todas podem ser belas, não apenas a alta classe da burguesia. Uma insistência sobre o padrão perfeito da beleza passa a ser preocupação e qualidade fundamental das mulheres de outros níveis sociais que cuidam da saúde e estética do corpo. Para Vigarello (2006), no que tange à participação das classes menos favorecidas nesse novo fenômeno social e cultural do culto ao corpo e à beleza, as mulheres recorrem à dieta, exercícios e tratamentos, onde a magreza passa a simbolizar liberdade e atitude “feminina”.

Para tornar mais claro a classificação de um indivíduo com excesso de massa corporal, Vigarello (2012) diz que, por muito tempo, não houve indicadores numéricos que quantificasse os graus de um corpo gordo. O que se sabe é que com o advento da modernidade a gordura seria reinterpretada como geradora de impotência no ocidente, onde figuras sociais ligadas ao antigo poder monárquico como nobres e abades, teriam a imagem dos seus ventres com dobras associados ao julgamento de pessoas aproveitadoras segundo a interpretação de uma nova classe social revolucionária. Dessa forma esses estigmas irão provocar a acentuação de regras mais exigentes e precisas da aparência do corpo tornando a gordura corporal reflexo de personalidade e até associada a maneiras de se ordenar o pensamento. Nesse enredo moderno o volume corporal passa a possuir uma estreita relação com os sintomas da saúde. O corpo ocioso transita na análise e descrição de dobras, inchaços e gorduras causadoras da morte precoce que inibiria a possibilidade de usufruir dos prazeres da vida.

Imagem 15: “A beleza e a moda”



Fonte: Hemeroteca Digital.

#ParaCegoVer A imagem possui uma mulher branca sentada num local arborizado, olhando para câmara sorrindo com um livro nas mãos. Ela com os cabelos presos, veste um macaquinho branco tomara que caia, e nos pés uma rasteirinha.

Assim dizendo, este conhecimento alimentar encontra um terreno social fértil, caracterizado por um aumento perceptível da obesidade no Brasil. O segundo fenômeno refere-se principalmente a uma mudança econômica, que por consequência, leva a uma mudança cultural. “A cultura física é necessária mesmo para as pessoas bem proporcionadas, para que possam manter a silhueta. No praticar a ginástica de saúde pela manhã.” (JORNAL DA MULHER, 08/06/1944, p.21). Sendo assim, chamada “cultura física”, pode ser representada pela exibição de silhueta esbelta das mulheres de classes dominantes como um retrato de representação de poder. Ou seja, a modernidade traz para o dia a dia a prática diária de “esportes e ginásticas” e ao realizá-las com o objetivo de manter um corpo magro, belo e saudável, é também um símbolo que distingue as mulheres de alta classe social brasileira de mulheres classes mais baixas e menos abastadas.

A cultura física permite identificar um amplo repertório de práticas e construções sociais, que ao longo da revista é frequentemente citado como uma justificativa para realizar práticas corporais habitualmente. Como o próprio nome diz, há uma necessidade de se revestir da cultura e da educação civilizada por meio do corpo. São vestígios que carregam traços importantes deste período histórico.

Para Scharagrodsky (2014), o termo cultura física está relacionado a sistemas modernos de exercícios físicos consolidados ao longo do século XIX, que se traduzem pela busca de uma simetria corporal e racionalização energética. Para o JM, a cultura física seria representada pela “educação pelo físico, isto é, pretexto para por meio dos desportos, por exemplo, melhorar as qualidades morais e físicas” (EDUCAÇÃO FÍSICA, 18/06/1959, p.21). Terminações importantes de civilização da população por meio da educação física e incentivo de um sentimento patriótico da sociedade no período da Era Vargas no Brasil (1930-1945).

Deste modo, ter um corpo magro representa um avanço da sociedade brasileira, e a beleza se torna um instrumento político, significando a condição essencial para as mulheres atuarem na sociedade. A revista segue produzindo e reproduzindo dicas de como se realizar a cultura física: “A redução das cadeiras reclama uma cultura física muito ativa; é que a inanição³⁵ é a causa principal do engrossamento do corpo [...] é aconselhado seguir um regime alimentar, [...] ademais deve-se praticar massagens” (EXERCÍCIOS ADEQUADOS [...], 12/03/1942, p.4). Bem como nos lembra Moreno (2008), a aparência do conjunto passa a ser valorizada, junto da exigência do afinamento dos quadris e do alongamento das pernas, que podem ser corrigidas por meio de práticas corporais gímnicas para as mulheres.

Outro problema enfrentado em relação ao padrão de um corpo saudável são as “Afecções da Pele”, conhecida por nós nos dias de hoje como celulite. Mas antes de analisar como a celulite era retratada no período de 1940 e 1950 na revista, vamos compreender como esta surgiu como um problema especialmente das mulheres.

O termo "celulite" apareceu pela primeira vez em um dicionário francês em 1873, mais precisamente na 12ª edição do Dicionário de Medicina editado por Littré e Robin, apresentando a seguinte definição: a celulite como um nome dado por alguns autores à inflamação do tecido celular ou laminar. É necessário esperar até 1923 para que uma equipe de médicos da Sociedade de Medicina de Paris crie o primeiro relatório sobre celulite, onde, pela primeira vez, esta "condição" é anunciada como uma patologia autônoma. No ano

³⁵Sinônimos: fraqueza, abatimento, preguiça.

seguinte, um desses médicos, Dr. Alquier, em um trabalho intitulado Celulite, propôs uma nova concepção da patogênese desses infiltrados, cruzando as obras médicas francesas com a prática dos massagistas criando o método de palpação, que permitiu-lhe identificar todos os locais de infiltrações de celulite: descobrindo e inventando a celulite no domínio da tangibilidade. Este médico notou, de fato, "grãos e nódulos sob a pele ao beliscá-la, na planos resistentes, ao nível dos músculos", também assumiu que os nódulos poderiam existir mesmo em áreas inacessíveis à palpação, concluindo que a celulite invade literalmente todo o corpo (GHIGI, 2004). Entre o fim das décadas de 1920 e início dos anos de 1930, as publicações em torno deste tema se multiplicaram e a celulite tornou-se "uma doença da moda" entrando de vez no imaginário coletivo (LODISPOTO, 1975, p.92).

As representações sobre celulite na revista *Jornal das Moças* compreende esta como algo a ser combatido já que pode "invadir todos os órgãos mesmo os internos, mas, geralmente, localiza na região da nuca e da cintura, embaixo das páduas, sobre as coxas e nos joelhos." E sugere o tratamento por meio de massagens especiais, seguido de um bom regime e "ginástica" (JEANNE CHAVANE, 24/01/1952, p.5), como bem vimos anteriormente na história da celulite surgida na França, ao qual, com a prática dos massagistas criou-se o método de palpação para diminuir as infiltrações.

Ademais, em outra publicação, a celulite passa a ser considerada uma inimiga da beleza que deve ser combatida: "Observe se a celulite tenta destruir as linhas juvenis de suas pernas. Em caso afirmativo, inicie sério combate a essa inimiga da beleza, antes que se torne um caso irremediável". A solução sugerida era aproveitar as manhãs para caminhar "Você estará conquistando mais saúde e mais beleza. Ande, tôdas as manhãs, durante alguns minutos e, muito breve, notará seu corpo mais ágil, flexível e feliz, e você se sentirá mais feliz." (LÉA SILVA, 22/10/1953, p.14). Aos poucos a celulite vai adentrando no imaginário como um mal que deve ser vencido, e nesse sentido, as mulheres encarnam e seguem encarnando as expectativas de uma sociedade (PEGORARO, 2011).

Como sugerida na revista *JM*, uma prática destacada como fundamental para a manutenção da saúde das mulheres é a caminhada, sobretudo no campo. A aceitação de mulheres em determinadas práticas deveria evitar o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, e os perigos das lesões que despertavam suspeitas por parecerem abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de "ser feminina" (MATHIAS; RUBIO, 2010).

Valorizava-se essa prática pelo aspecto higiênico das saídas ao ar livre e pelo desenvolvimento muscular pouco significativo, já que um simples passeio era considerado suficiente. Nas citações encontradas, indica-se como uma solução para mulheres com melancolia. Já para as gestantes, elucidavam que, a medicina moderna compreende que a mulher que espera um bebê não é uma enferma, podendo praticar esportes e caminhadas. Entretanto, sempre com a orientação de um médico (J. EZAGUI, 17/11/1949; A VIDA NO LAR, 18/06/1953).

Com a forma que a moda daquele período tornou o corpo das mulheres mais visível, as práticas corporais também tiveram relação com estas descobertas que tornavam cada vez maior o número de regiões do corpo à mostra. Como por exemplo, a moda dos banhos de mar, as caminhadas em espaços públicos, os maiôs e collants para a prática de ginástica, entre outros (GHIGI, 2004). Lipovetsky (1997) também sublinha a respeito do papel importante desempenhado pela promoção das práticas de praia e lazer, o desenvolvimento dos “desportos”, a desnudação dos corpos das mulheres (short, bikini, monokini), as transformações da moda da década de 1920 e, depois de 1960, com as peças de vestuário justas, como vestidos, calças, saias curtas revelando as pernas e as nádegas.

Sant’Anna (1995) comenta que todos os discursos em torno da arte de embelezar as mulheres são pautados por interesses econômicos e padrões morais, e que neste período há uma construção social de que todos os momentos “femininos” precisam estar associados à conquista da beleza e da prevenção com a feiúra. Desse modo, a exibição do corpo quase nu parece ser o balizador de uma beleza autêntica. As moças mostravam modelos de roupas inspirados na moda internacional³⁶, demonstrando os resultados da modernização, revelando uma nova cultura incorporada e difundida pelas revistas, cinemas e rádios. Aos poucos os valores do capitalismo e do consumo na sociedade brasileira foram se ampliando.

Nas páginas do JM, ao lado dos anúncios de cosméticos, receitas, modelos de vestidos e eventos, estavam conselhos sobre dietas e práticas corporais, intencionando uma vida mais saudável e adequada. No cotidiano da família e no lar dos brasileiros, as mulheres continuavam sendo a principal responsável pelo bem-estar de todos, e, para exercer com perfeição essa função, ela deveria estar bela, bem-disposta, saudável, educada e com um

³⁶Segundo Silva (2014), no Brasil dos anos dourados, a moda passa a ser influenciada pela expansão da indústria têxtil e pela publicidade das revistas femininas, pois são elas que publicam os modelos importados que são levados às costureiras e modistas. A revista *Jornal das Moças*, por exemplo, possui um suplemento “*Jornal da Mulher*”, específico para tratar de moda, com os moldes de vestidos que geralmente estão na capa, além de dicas de corte, costura e bordados.

sorriso obediente. Deste modo, a revista nos envolve entre suas páginas com conceitos de saúde das mulheres conforme o universo da imprensa feminina, com elementos de feminilidade e as funções atribuídas para as mulheres brasileiras de 1940 e 1950.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo desenvolveu uma narrativa historiográfica que buscou compreender como práticas corporais para mulheres geram representações de saúde em reportagens do *Jornal das Moças*, no período demarcado entre as décadas de 1940 e 1950. As representações que emergiram das fontes influem uma sobre as outras de forma dinâmica, bem como os personagens que permeiam as narrativas presentes nas reportagens, ao qual possuem um posicionamento político, e foram compreendidos como sujeitos/as das suas realidades.

Assim, ao iniciar esta dissertação, quando ainda se apresentava enquanto um projeto de pesquisa, o intuito era explorar e responder a uma série de questões, que foram levantadas no capítulo introdutório e que caminharam por entre os capítulos de resultados e discussões. Com base nos indícios encontrados, nas análises empreendidas, nas interpretações operadas a partir do referencial teórico que elegemos, neste capítulo final de conclusão, reúno os principais temas e argumentos deste estudo em relação às nossas perguntas.

As práticas corporais que geram saúde para as mulheres entre as décadas de 1940 e 1950, e a diferenciação bem determinada entre as práticas indicadas e as não indicadas para as mulheres não só correspondiam a representações sociais específicas, como também pretendiam suprimir e reforçar as representações de feminilidades e masculinidades. Todavia, a grande surpresa reservada pelas fontes é a pesquisa científica francesa, cujo resultado publicado indica que as mulheres possuem menores deficiências físicas para a prática de esportes, demonstrando que a suposta natureza frágil das mulheres não se dá por condições biológicas e fisiológicas, mas sim pela influência de determinantes socioculturais.

A própria influência francesa é outro dado recorrente entre as reportagens. A chamada “cultura física” da França é compreendida como um exemplo de modernidade importada pelo nosso país. Ou seja, os conselhos presentes na revista vão além da prática por si só, pois é possível se apropriar e incorporar culturalmente através de hábitos sociais. Corpos educados, belos e saudáveis são o retrato de uma sociedade próspera e de um avanço civilizado.

Dentre os principais resultados encontrados, as representações de saúde que emergem das práticas corporais no período de 1940 e 1950 reforçam a compreensão de masculinidade e feminilidade socialmente e culturalmente no Brasil. Os aspectos abordados demonstram o medo da masculinização como uma das principais barreiras sociais para a inserção e a

liberdade de práticas corporais das mulheres, sejam em forma de lazer, competições ou a manutenção da saúde.

Sendo constantemente construídas e reconstruídas ao longo do tempo, as concepções de saúde das mulheres, por diversas vezes, apresentam a beleza externa como um retrato da saúde das mulheres daquele período. Nesta direção, a revista expõe a preocupação com a beleza como prioridade, enquanto a saúde aparece como secundária, ou seja, como uma justificativa para a perseguição ao que é considerado belo. É através de um aspecto belo, dentro dos padrões daquele outro tempo, que podemos considerar a saúde desejada.

Sendo assim, a revista revela que um padrão corporal ideal que representa a saúde seria: um corpo magro, branco, esbelto, cintura fina com o busto bem marcado, entretanto, sem músculos em excesso. Contudo, essa representação de corpo é um símbolo político de poder e supremacia das altas classes sociais e branquitude brasileira. Isto porque, o próprio público-alvo da revista era composto por mulheres que tinham em comum estas características sociais. Os fenômenos que atravessam as questões das mulheres negras e de classe média baixa, por exemplo, são outros.

As compreensões de um passado não tão distante nos auxilia a interpretar as relações do nosso tempo com o corpo, em especial com o corpo das mulheres. O corpo gordo é tratado na revista como doente, enquanto o corpo magro era símbolo de uma rotina de hábitos saudáveis e autocuidados. Pensando que, neste período, realizar práticas corporais era visto como um costume moderno, estabelecia então, instâncias de poder e desigualdade social. Ou seja, poucas eram as mulheres brasileiras que tinham acesso a esta rotina dos discursos elaborados pela revista de “práticas corporais diárias e alimentação saudável”. Sendo assim, um corpo construído socialmente e culturalmente com padrão de beleza envolto pela magreza representa, entre tantas outras coisas, uma classe, uma posição social, uma compreensão de relação de poder com o outro.

Para Louro (2000), o ato de reconhecer o “outro”, aquele que partilha ou não os atributos que possuímos, é feito a partir do local social que ocupamos. As sociedades constroem aquilo que representa a “norma”, ou seja, aqueles que estão dentro dos padrões culturais e aqueles que ficam de fora. Assim, a pessoa que deseja se sentir reconhecida e aceita pela sociedade deve estar dentro dos padrões de beleza. Com isso, o que observamos nos impressos apresentados vão muito além de conselhos sobre como alcançar um “corpo belo” e/ou saudável, mas sim sobre vestígios de distanciamentos e aproximações de

desigualdades sociais desenvolvidos a partir de representações de saúde, a qual tornou-se um bem a ser consumido e que todos desejam.

A construção da identidade das mulheres através do discurso da mídia impressa contribuiu na manutenção de papéis e espaços que deveriam ser ocupados separadamente por homens e mulheres, onde, por vezes, os homens eram porta-vozes da legitimidade e da instituição do que era belo/feio, saúde/doença, e até mesmo dos desejos das mulheres em relação ao corpo. Tais preceitos mantiveram a ordem desejada como a procriação, o casamento, a família, e a heterossexualidade. Através da disseminação destes discursos floreados com estratégias narrativas de aproximação das leitoras com quem escreve, os textos e imagens reforçavam um imaginário a ser reproduzido de estereótipos e representações.

Neste construto, a redução da saúde das mulheres à sua imagem corporal é um conceito cultural e histórico. Desse modo, torna-se relevante investigar com um viés crítico a série de práticas e representações corporais de determinado período, questionando-as e compreendendo que estas estão em constante transformação, assim como a nossa sociedade e os signos e símbolos que as permeiam, pois “As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento e da feminilidade que aquele período julga ser desejável” (WOLF, 1992, p. 31).

O contexto brasileiro em que nossas fontes foram redigidas e publicadas traça o caminho ao qual fizemos nossa análise. O ambiente do período de 1940 e 1950 interfere diretamente nas representações expostas. O movimento higienista e eugênico, além da influência militar dos conceitos da área da Educação Física, designam os conceitos de saúde.

O número de aparições com o termo “exercício físico”, “cultura física” e “atividade física” abarcam cerca de 43% do número total de reportagens analisadas. Mas o que estes termos têm em comum? O conceito de *physis* (raiz grega, origem etimológica dessa expressão “físico”). Na atualidade, apresenta-se como sinônimo de corpo, entretanto, referindo-se apenas à dimensão biológica do ser humano (Silva, 2006; 2011). Isto demonstra que as compreensões acerca daquele período em detrimento ao conceito de atividade física, exercício físico, ou cultura física, eram por meio de bases reducionistas e positivistas do corpo.

Em outras palavras, estas representações da saúde das mulheres estabelecidas unicamente por indicadores biológicos possuem raízes na base da medicina eugênica daquele período. Este mesmo movimento posicionou as mulheres como símbolos passivos da nação, através de corpos atraentes e de uma moral ética construída como identidade, e não como

representantes ativas ou sujeitas políticas. Contudo, trata-se de um discurso escrito por homens para manutenção da ordem social de poder. Apesar de poucas reportagens possuírem em sua descrição o autor do texto, entre as que possuem autoria, cerca de 67% das reportagens analisadas são escritas por homens e médicos. Mas vale ressaltar que, dentre a equipe editorial, todos os cargos de liderança eram executados por homens. Portanto, eram os homens que decidiam, organizavam e permitiam as publicações de temas dentro da revista JM.

Contudo, entre as mulheres “do lar e na sociedade” do JM, há a ausência da presença de mulheres negras reconhecidas pela revista como sujeitas. As questões políticas daquele período não nos permitem observá-las ou enxergá-las, porém, não nos impede de refletir este dado como um resultado. Mesmo porque, enquanto a revista JM nos mostra as mulheres brancas sendo inseridas no mercado de trabalho e na vida social, as mulheres negras sempre estiveram em sociedade e no lar, porém, como escravas, trabalhadoras, operárias, faxineiras e/ou cozinheiras (entre outras funções de manutenção da sociedade). As práticas corporais saudáveis indicadas sem ressalvas para as mulheres eram também práticas de uma classe social privilegiada, denotando relações de poder. Sendo assim, é fácil justificar a ausência de representações de mulheres negras na revista com o tema escolhido para este estudo. Elas de fato não habitavam os mesmos espaços ou tinham as mesmas convenções. Porém, novos resultados podem surgir através da subjetividade de outros temas e problemas de pesquisa.

Por fim, é necessário entender o contexto histórico de 1940 e 1950 sem julgamentos do tempo presente, e abster-se da ideia de que as mulheres daquela época se sujeitavam passivamente a sociedade e/ou a mídia lhes impunha. É possível encontrar vestígios de intervenções feministas presentes no JM, mesmo que este periódico possua uma vertente conservadora. Ficando assim, estes dois temas como sugestão para novos aprofundamentos por meio da revista JM: a invisibilidade das mulheres negras e os feminismos na revista *Jornal das Moças*.

As dimensões, complexidades e raízes dos conceitos de saúde e a influência das práticas corporais em torno da saúde das mulheres deste outro período atravessam o tempo e viajam até as gerações seguintes através da cultura. Poderíamos refletir sobre como as representações de beleza e padrão corporal do passado interferem em momentos do dia a dia em que sentimos as dicotomias de presença e ausência do encorajamento de mulheres em posicionamento de destaque ou liderança, por meio da insegurança gerada por estas

construções. Seja pela constante preocupação com a imagem; A permanente insatisfação com os corpos; Ou pela falta reconhecimento e investimento que os efeitos de 39 anos de proibição (e os ecos deste fenômeno) de práticas corporais imposta por meio de legislações estabeleceram na história das mulheres brasileiras.

Os resultados apresentados são fragmentos da história que nos constroem enquanto sociedade. As práticas corporais que geram representações de saúde das mulheres geram (e são geradas) por meio de relações de poder, valores e padrões do período e por elementos que as simbolizam. Estes orientam novas maneiras de constituir a feminilidade, gerando novos comportamentos socioculturais, fazendo com que assim, gere-se outra vez, novas representações de saúde das mulheres. Ou seja, signos e significados estão sempre em movimento e transformação, passível de mudança e de criar novas representações através do tempo.

REFERÊNCIAS

“**A Enciclopédia das Mulheres**”. Publicado em Paris (França), Editora Paris, Org. F. Nathan, 1950.

A MODA E OS CONCURSOS PREJUDICAM A SAÚDE. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 19.3.1959, p.7.

A NOVA DIREÇÃO. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 15.5.1919

A SAUDE PERFEITA. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 10.7.1946, p.64.

A VIDA NO LAR. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 18.6.1953, p.62.

ALBUQUERQUE, Dálete Cristiane Silva Heitor de. A revista que pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão: a representação da mulher nas colunas da revista *Jornal das Moças* (1930-1945). 2016. 169 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2016.

ALBRIZIO, Angelo. BiometryAndAnthropometry: fromGaltonto Constitucional Medicine. **JournalofAnthropologicalSciences**, v. 85, 2007.

ALMEIDA, NukáciaMeyre Araújo de; LEÃO, Andréa Borges. *Jornal das Moças: Leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*. 2008. 261 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008.

ALVARO MENEZES. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 5.7.1928, p.3

ALVES, David de Abreu. As linguagens sensoriais para deficientes visuais na construção de pensamento geográfico sobre a cidade. 2022. 238 f. **Tese (Doutorado em Geografia)** - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

AQUI TUDO É ÚTIL. **Jornal das Moças**. 21.8.1947, p.74.

AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 19.9.1940, p. 61.

ASSMANN, A. B.; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. Turnen e suas configurações: uma abordagem sobre o componente organizacional das Sociedades de Ginástica no sul do Brasil (1870-1920) . **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 68-88, 30 nov. 2021.

ASSMANN, Alice Beatriz. Figurações do turnen no sul do Brasil: redes de interdependência em escolas e clubes (décadas 1870-1920). 2019. 213 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BACELLAR, Carlos de A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: **Contexto**, 2008.

BELLOTTI, Karina Kosicki. “Combatamos a obesidade!” - religião, corpo e saúde na mídia impressa adventista. **Religião & Sociedade**, [S.L.], v. 41, n. 3, p. 241-262, dez. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872021v41n3cap10>.

BANHO DE MAR. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 29.9.1946, p.52.

BARBOSA, Maria Raquel; MENA, Paula Matos; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, vol. 23, p. 24-34, abr. 2011.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. Imprensa e História Pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **Histórica Pública do Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, Cap. 1. p. 121-131, 2016.

BARROS, Gelka. Bela e sadia! A mulher nas páginas da revista Alterosa (1939-1945) durante o Estado Novo e o processo de americanização do Brasil. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 191-209, jan. 2017.

BARROS, José D’assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, maio 2005.

BARROS, José D’assunção. *Fontes Históricas – introdução ao seu uso historiográfico*. Petrópolis, Rio de Janeiro: **Vozes**, 2019.

BATISTA, Priscila Dieguez Alves. Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os anos dourados: um olhar através do jornal das moças. 237 f. Dissertação (**Mestrado**) - Curso de Mestrado em Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais - Cch, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 237 f. 2019.

BAHIA, Lygia Maria dos Santos.; SILVA, Maria Cecília de Paula. Relações de Gênero no Esporte: “O Belo Sexo” na competição de natação em mar aberto - Travessia Mar Grande-Salvador, Bahia, Brasil. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 569–580, 2018. DOI:

10.22456/1982-8918.78174. Disponível em:
<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/78174>. Acesso em: 5 ago. 2022.

BERÇOT, Fernando Santos. O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828). In: **Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO**, 2012.

BORGES, Juliana Teixeira. O retrato da mulher nas revistas femininas: uma análise da imagem construída pela revista Claudia. **Monografia de Conclusão do Curso de Jornalismo**, no Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, sob a orientação da Profª. Adjª. Maria Cristina Gobbi, 2018.

BORGES, M. E. L. História & Fotografia. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2003.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 3199, DE 14 DE ABRIL DE 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, 18 abr. 1941, p. 7652.

BRASIL. **Deliberação Nº7, DE 7 DE AGOSTO DE 1965**. O Conselho Nacional de Desportos no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo disposto nos artigos 1º e 3º do Decreto-Lei n 3199. Conselho Nacional de Desportos. Poder Legislativo. Brasília, DF, 2 set. 1965, Seção 2, p.8984.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Ensino Elementar. **Lei de 15 de Outubro de 1827**: Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. Rio de Janeiro. Disponível em:
https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html> Acessado: 03. ago. 2022

BUITONI, Dulcília H. Schroeder. Imprensa Feminina. São Paulo: **Ática**, 1986.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Imprensa Feminina. Editora **Ática**, 1990.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: **Summus**, 2009.

CAMARGO, Julieta Furtado; WERLE, Verônica; SARAIVA, Maria do Carmo. 2010, Florianópolis. HISTÓRIA DAS MULHERES NOS ESPORTES E NA EDUCAÇÃO FÍSICA: MAPEANDO PRODUÇÕES CIENTÍFICAS – DE 2000 A 2008. Florianópolis: **Fazendo Gênero**, 2010. 8 p.

CARVALHO, Yara Maria de. ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE: ONDE ESTÁ E QUEM É O “SUJEITO” DA RELAÇÃO?. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 22, n. 2, p. 9-21, jan. 2001.

CASA NOVA, Vera Lúcia. *Lições de almanaque: um estudo semiótico* Belo Horizonte: **EDUFMG**, 1996

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 69, 2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**, 2009.

ALMEIDA, NukáciaMeyre Araújo de; LEÃO, Andréa Borges. *Jornal das Moças: Leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*. 2008. 261 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008.

CLÍNICA DA BELEZA. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 27.2.1958, p.6.

COMINSKEY Caroline, "ChirurgieEsthétique in 1926 : The case oftheAmputatedLeg",**manuscrit non-publié**. 2000.

CONSELHOS DE BELEZA. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 5.3.1959, p.7

CONTO. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 3.7.1941, p.13.

COSTA, Nailda Marinho da; DIEGUEZ, Priscila. *Feminismo em revista: a União Universitária Feminina nas páginas do periódico Jornal das Moças (década de 1950)*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 79, p. 69-86, ago. 2021.

COUBERTIN, Pierre. *Pierre de Coubertin: Olimpismo – Seleção de textos* (Norbert Muller e Nelson Schneider Todt [Editores]). Porto Alegre: **ediPUCRS**, 2015.

DALBEN, A.; SOARES, C.L. *A revista Vida e Saúde: modos de olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940-1950)*. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.11, n.3, p.239-50, 2008.

DALL’AGNOL, JuryAntonio. *Mulheres em Revista: A construção dos códigos de representação social das mulheres no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile (1900- 1930)*. 2019. 338 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Programa de Pós Graduação em História – Ppghst, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

DALSIN, Karine.; GOELLNER, Silvana. *O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60*. **Movimento**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 153–171, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2895. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2895>.

DAY, Dave; VAMPLEW, Wray. Sports History Methodology: Old and New, **The International Journal of the History of Sport**, 32:15, 1715-1724, 2015. DOI: 10.1080/09523367.2015.1132203

DEVIDE, Fabiano Prieset *al.* A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 125-144, 26 dez. 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.2837>.

DIAS, Carolina. Histórias do Instituto de Cultura Física de Porto Alegre (1928-1937). 2011. 135 f. Dissertação (**Mestrado**) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

EDUCAÇÃO FÍSICA, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 18.6.1959, p.20.

ELEMENTOS DA BELEZA. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 3.7.1958, p.15.

PEGORARO, Éverly. “Elas, silenciosas ou ousadas: a publicidade e as diferentes percepções acerca da mulher (1940-1950)”. **História, imagem e narrativas**, 12 (2011), 1-26, p. 10.

EXÉQUIAS AGOSTINHO MENEZES, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 29.12.1949, p.10

EXERCÍCIOS ADEQUADOS PARA REDUZIR AS CADEIRAS. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 12.3.1942, p. 4.

EXPEDIENTE, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 15.8.1915, p.1

EXPEDIENTE, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 27.7.1933, p.66

EXPEDIENTE, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 5.1.1950, p.9

Fernandes da Silva, C., Liberato Pereira, E., & Zarpellon Mazo, J. (2011). Uma abordagem historiográfica sobre a participação das mulheres nas associações de remo em Porto Alegre. **Revista Didática Sistêmica**, 12, 95–109. <https://doi.org/10.14295/rds.v12i0.1632>

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber (1976). Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: **Graal**, 1999. v. 1

FREITAS, Alice Francisco, et al. O futebol no jornal das moças: as aproximações e os distanciamentos das mulheres. **Corpoconsciência**, 23(2), p.63-74, 2019.

GEORGE LE CERF. Espreguice-se como um felino. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 9.8.1951, p.4 e 5.

GHIGI, Rossella. Le corpsféminin entre science et culpabilisation. **Travail, Genre Et Sociétés**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 55-75, 1 nov. 2004. CAIRN.<http://dx.doi.org/10.3917/tgs.012.0055>.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. 2ª Ed. São Paulo: **Loyola**, 1989.

GINÁSTICA YOGUI. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro.18.6.1942, p. 45.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1989.

GOELLNER, S. V.. A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano. XII, n.16, mar. 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, 2016.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro; SILVA, André Luiz dos Santos; VAZ, Alexandre Fernandez. O Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército: medir e classificar para produzir corpos ideais, 1930-1940. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1551-1569.

GÓIS JUNIOR, E.; SILVA, L. M. da M. Educação do corpo e higiene escolar na imprensa do Rio de Janeiro (1930-1939). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 411-426, maio 2016.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900 - 1930). **Dialogia**, [S.L.], v. 2, p. 21-32, 28 mar. 2008. University Nove de Julho. <http://dx.doi.org/10.5585/dialogia.v2i0.839>.

GRANDO, B. S. Corpo, educação e cultura: as práticas corporais e a constituição da identidade. In GRANDO, B. S. **Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser**. Cáceres/MT: **Editora da UNEMAT**, 2006.

HARGREAVES, Jennifer. Querying Sport Feminism: Personal or Political? In: GIULIANOTTI, Richard (Org.). **Sport and Modern Social Theorists**. Hampshire (UK), Nova York: Palgrave MacMillan, 2004, p. 187-206.

HARGREAVES, Jennifer. **Sporting Females: Critical Issues in the History and The Sociology of Women's Sport**. Londres: Routledge, 1994.

HEINE, Palmira. CORPO E DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS DA DÉCADA DE 50: vitória da conquista. **Redisco**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 62-72, fev. 2015.

II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS, 2., 2018, Parintins. ICAMIABAS-A PROLE DE PENTESILEIA. Parintins: **Cesp**, 2018. 10 p.

J. EZAGUI. 5 minutos de Ginástica. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 31.5.1951, p.11.

J. EZAGUI. A dança através dos tempos. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 12.3.1953, p.74.

J. EZAGUI. Esperando o Bebê. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro.17.11.1949, p.11.

Jean Louis Flandrin, História da Alimentação, São Paulo, **Estação Liberdade**, 1998, p.704.

JEANNE CHAVANE. O A.B.C da Beleza. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 24.1.1952, p.4 e 5.

JEANNE CHAVANT. Beleza fresca e Juvenil. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 7.11.1957, p.8 e 9.

JENKINS, Keith. O que é a História? In: JENKINS, Keith (Org.). A História Repensada. 2. ed. São Paulo: **Contexto**, 2004. p. 23–52.

JOLEAN. O Progresso da Mulher no Atletismo. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 24.10.1940, p. 14.

JORNAL DA MULHER. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 14.1.1945, p.47.

JORNAL DA MULHER. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 16.11.1944, p. 21.

JORNAL DA MULHER. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 8.6.1944, p. 21.

JORNAL DAS MOÇAS, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 21.5.1914, p.1

KAZ, Leonel. Um olhar sobre elas, as revistas. In: Mulheres em revista: o jornalismo feminino no Brasil. Rio de Janeiro: **Secretaria Especial de Comunicação Social**, 2002.

LAZZAROTTI FILHO, A.; SILVA, A. M.; ANTUNES, P. de C.; SILVA, A. P. S. da; LEITE, J. O. O Termo Práticas Corporais Na Literatura Científica Brasileira E Sua Repercussão No Campo Da Educação Física. **Movimento**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 11–29, 2009. DOI: 10.22456/1982-8918.9000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9000>. Acesso em: 18 jul. 2022.

LE BRETON, David. A Sociologia do corpo. Ed. Tradução de Sonia M.S Fuhrmann, Rio de Janeiro, **Editora Vozes**, 2007.

LÉA SILVA. A Beleza e a Moda. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 11.2.1954, p.12.

LÉA SILVA. A primavera da Beleza. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 22.10.1953, p.14.

LENK, Maria. Braçadas & Abraços, **Grupo Atlântica** - Boa Vista, 1982

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo: **Companhia da Letras**, 2000.

LODISPOTO Alberto, 1975, "La storiadellacellulite", Rivista Di Storia Della medicina, XIX (1), 1975, Roma, **Società Editrice Universo**, pp.90-97.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: **Contexto**, 2008. P.443-481

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. Cap. 20. p. 447-468.

MACHADO, Vitória Almeida. Para além de bordadeiras: a representação feminina nos periódicos *Jornal das Moças* e modas e bordados durante os estados novos (1937-1945). 2018. 151 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Escola de Humanidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MANSKE, G. S. PRÁTICAS CORPORAIS COMO CONCEITO?. **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. e 28001, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.118810. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/118810>. Acesso em: 18 jul. 2022.

MATHIAS, Milena Bushatsky; RUBIO, Kátia. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 275-284, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO).<http://dx.doi.org/10.1590/s1807-55092010000200010>.

MELO, A. R. O estado novo: história das mulheres na representação no *Jornal das Moças* de 1937 a 1945. 2019. 55 f. **Dissertação (Mestrado em História)** - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2019.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Do ideal de robustez ao ideal de magreza: educação física, saúde e estética. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 15, n. 4, p. 175-191, 6 jan. 2010. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.<http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.5989>.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. A revista Capricho como um lugar de memória (décadas de 1950 e 1960). 2009. **Tese (Doutorado em Ciências Humanas)** – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009. n. 260.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Campinas, v. 2, n. 11, p. 515-526, 2006.

MONTANHA, Fausto Amaro Ribeiro Picoreli. As mulheres nos esportes olímpicos: olhares da imprensa carioca (1920-1935). **Fulia / Ufmg**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 172-192, 23 jun. 2020. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.4.3.172-192>.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Crítica da Narrativa. Brasília: **Editora Universidade de Brasília**, 2013.

NACIONAL, Fundação Biblioteca. **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

NOSSOS CONSELHOS. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 26.12.1940, p. 62.

O NOSSO CHEFE, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 30.7.1914, p.1

ORY, Pascal. O corpo ordinário. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História do corpo: As mutações do olhar. O século XX. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves – 3. Ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2009. (Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine), parte II, cap. 2, p. 155-195

OTÁVIO DE ALMEIDA E ARMANDO NEVES. Heloísa Menezes - Graça e beleza da mulher carioca!. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 4.7.1957, p.64 e 65.

PINHEIRO, A. M. B. (2018). Imprensa feminina e sexualidade: 1946-1973. Passagens: **Revista Internacional De História Política E Cultura Jurídica**, 10(3), 368-398. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-201810302>

PACHECO, Ana Júlia Pinto. EDUCAÇÃO FÍSICA FEMININA: UMA ABORDAGEM DE GÊNERO SOBRE AS DÉCADAS DE 1930 E 1940. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 1, n. 9, p. 45-52, fev. 1998.

PARA SER FORMOSA. 6 Conselhos Importantes. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 5.2.1953, p.16

PARA SER FORMOSA. A Gordura deve ser combatida. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 14.8.1952, p.65.

PARA SERDES FELIZ VIVEI COMO SOIS. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 29.7.1943, p. 24 e 25.

PEREIRA, Caetana de Andrade Martins. Práticas discursivas, práticas políticas: a feminilidade performada no *Jornal das Moças* (1960). 2013. 96 f., il. **Dissertação (Mestrado em História)** Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PEREIRA, Ester Liberato., BATAGLION, GiandraAnceski, & MAZO, Janice Zarpellon. (2019). Eventos E Tradição Familiar No Hipismo Sul-Rio-Grandense Nas Primeiras Décadas Do Século Xx. **Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP**, 3(5), 154–192. <https://doi.org/10.34024/hydra.2018.v3.9077>

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Salto Alto E Botas: Representações Das Mulheres Nas Práticas Equestres Em Porto Alegre/Rs Produzidas Pela Revista Do Globo (1929-1967). **Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Florianópolis**, p. 1-10, 23 ago. 2010.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, Unicamp, n. 4, 1995.

PERROT, Michelle. Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). *Imagens da mulher*. Porto: **Afrontamento**, 1992

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: **Contexto**, 2007.

PESAVENTO, S. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2004.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. *Mente sã em corpo são: exercícios, alimento e saúde nas páginas do anuário das senhoras durante o estado novo brasileiro (1937-1945)*. **Revista Portuguesa de História**, [S.L.], v. 47, p. 381-397, 7 jan. 2019. Coimbra UniversityPress.http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_47_18.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: Seu uso numa pesquisa Historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/ 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, Cap. 22. p. 469-513, 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 469-512.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. São Paulo: **Contexto**, 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi. Virando as Páginas: revendo as mulheres. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: F. **Perseu Abramo**, 2003.

PRIMEIRO A SAUDE. Enquete. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 3.11.1955, p.6.

QUARTA ETAPA!, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 15.5.1917, p.31

QUEIROZ et al. Diálogos com Thomas Csordas: o paradigma da corporeidade na Educação Física. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, 2016; 197-205.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: **Comite Nacional Instituto Panamericano de Educação Física**, ano 4, n.34, jan. 1947.

RIBEIRO, Marislei da Silveira. Beleza feminina e publicidade : um estudo sobre as campanhas da marca Dove. 2011. 259 f. **Tese (Doutorado em Comunicação Social)** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

ROVERI, Fernanda Theodoro. Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos "anos dourados". 2014. 190 p. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

RUBIO, Katia. Identidade heróica e narrativas biográficas: a memória do esporte por atletas olímpicos. **Olimpianos**, v. 3, p. 1-24, 2019.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Políticas do corpo. São Paulo: **Estação Liberdade**, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. Cap. 5. p. 105-126.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos *Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica* nos anos 1950. 2011. 173 f. Dissertação (**Mestrado em Educação**) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SCALZO, M. Jornalismo de revista. São Paulo: **Editora Contexto**, 2006.

SCHARAGRODSKY, Pablo (Org.). Miradas médicas sobre la ‘cultura física’ en Argentina (1880-1970). Buenos Aires: **Prometeo**, 2014.

SCHPUN, M. Beleza em Jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: **SENAC**, 1999.

SILVA, Ana Márcia. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, jan./jun. 2014. N. esp.

SILVA, Carolina Fernandes da; VICENZI, Liziane Nathália; BORBA, Bruna Letícia de. SER MÃE É UMA CONCEPÇÃO DIVINA? História e Cultura, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 184-207, 3 ago. 2022. **Revista História e Cultura**. <http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v11i1.3589>.

SILVA, Carolina Fernandes da; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas equestres. **Motriz. Revista de Educação Física. Unesp**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 292-302, 10 maio 2011. UNESP - Universidade Estadual Paulista. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n2p292>.

SILVA, M. C. V. da; SILVA, J. C. da. O materialismo histórico-dialético como método de análise: uma via possível para entender a história das mulheres e da mulher na história?. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, SP, v. 14, n. 59, p. 37-52, 2014. DOI: 10.20396/rho.v14i59.8640346.

SILVA, Marcelo Moraes e; FONTOUR, Mariana Purcote. Educação do corpo feminino: um estudo na revista brasileira de educação física (1944-1950). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 263-275, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1807-55092011000200008>.

SILVA, André Luiz dos Santos; BERLESE, Denise Bolsan. Na relação entre eugenia e “Educação Physica”: a construção das noções eugênicas de beleza. **Motrivivência**, [S.L.], v. 30, n. 56, p. 49-61, 29 nov. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n56p49>.

SILVA, Carolina Fernandes da; KATCIPIS, Luiz Felipe Guarise; BORBA, Bruna Letícia de; FREITAS, Alice Francisco. Kinanthropometry in Brazilian Physical Education (1970s): a new knowledge perspective for this field. **Revista Brasileira de Cineantropometria**

&Desempenho Humano, [S.L.], v. 22, p. 1-11, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-0037.2020v22e75281>.

SIQUEIRA, Lígia Antunes de; MANNES, Jussara; SILVA, Carolina Fernandes da. Corpos para casar: Ginástica, beleza e sedução em uma revista para as mulheres brasileiras (1930 a 1950). **Faces de Eva**. Estudos sobre a Mulher, Lisboa, n. 45, p. 84-101, June 2021.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 171-188, mar. 2007.

SITE OFICIAL DA CONFEDERAÇÃO DE REMO DO BRASIL, A Saga de Alice Milliat e a inclusão de mulheres nas Olimpíadas. Disponível em: <https://www.remobrasil.com/noticias/remo-internacional/2173-a-saga-de-alice-milliat-e-a-inclusao-de-mulheres-nas-olimpiadas> Acesso: 8 de março de 2022.

SOARES, C. L. & MORENO, A. Dossiê – Práticas e prescrições sobre o corpo: a dimensão educativa dos métodos ginásticos europeus. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 37(2), 108-110. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.03.001>.

SOARES, Elocir Guedes. Beleza e comportamento nas páginas do Jornal das Moças: uma análise da influência do Star System na sociedade brasileira dos anos 1950. 2018. 180 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de História, Escola de Humanidades, Unisinos, São Leopoldo, 2018.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A Emergência da Pesquisa da História das mulheres e das relações de Gênero. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SILVA, Marcelo Moraes e; FONTOURA, Mariana Purcote. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 02, p. 263-275, jun. 2011.

Tal como Georges Vigarello, em *Histoire de labeauté. Le corps et l'art d'embellir de la Renaissance à nos jours*, Paris, **Seuil**, 2004.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 462 p. Tradução: Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

TOLVHED, Helena. The Sports Woman as a Cultural Challenge: swedish popular presscoverageoftheolympic games duringthe 1950s and 1960s. **The InternationalJournalOf The HistoryOf Sport**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 302-317, fev. 2012. Informa UK Limited.<http://dx.doi.org/10.1080/09523367.2012.641248>.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos quantitativos e qualitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 3, n. 39, p.507-514.

ÚTIL O CONTROLE MÉDICO ESPORTIVO EXTRA-ESCOLAR. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 19.3.1953, p.12 e 13.

VANTAGENS DO EXERCÍCIO. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro. 2.5.1940, p.59.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 14, n. 20, p. 21-29, 2003.

VIGARELLO, Georges. As metamorfoses do gordo: história da obesidade no ocidente: da idade média ao século xx. Petrópolis: **Vozes**, 2012. 347 p.

WOLF, N. O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1992.